

ANAR QUISTAS EXPRO PRIA DORES

E OUTROS ENSAIOS

OSVALDO
BAYER



MONSTRO DOS MARES



adandê

ANARQUISTAS EXPROPRIADORES

E OUTROS ENSAIOS

OSVALDO BAYER



MONSTRO DOS MARES



adandê

Copyright 2024 © *Todos os direitos para todos*

Organização, tradução, adaptação e revisão:

Editorial Adandé e Editora Monstro dos Mares

Projeto gráfico, capa e diagramação:

Gato Preto CC

Impressão e acabamento:

Cooperativa Uhuru e Editora Monstro dos Mares

Este livro é uma iniciativa militante e autogestionária, produzido e editado conjuntamente pela Editora Monstro dos Mares e pelo Editorial Adandé, com o objetivo de colaborar para a formação teórica de lutadores e lutadoras do povo e com a difusão do pensamento revolucionário. O compartilhamento ou a reprodução total ou parcial desta obra é permitida e incentivada para fins não-comerciais e desde que citados os autores.

Original, 1975.

1ª edição, dezembro de 2020.

2ª impressão, dezembro de 2021.

3ª impressão, abril de 2024.

Editorial Adandé

editorialadande.com

[instagram.com/editorialadande](https://www.instagram.com/editorialadande)

[facebook.com/editorialadande](https://www.facebook.com/editorialadande)

Editora Monstro dos Mares

monstrodosmares.com.br

[instagram.com/monstrodosmares](https://www.instagram.com/monstrodosmares)

[facebook.com/monstrodosmares](https://www.facebook.com/monstrodosmares)

ANARQUISTAS EXPROPRIADORES

E OUTROS ENSAIOS

OSVALDO BAYER



MONSTRO DOS MARES



adandê



Miguel Arcángel Roscigna, nascido em Buenos Aires, Argentina, em 1891. Operário da construção, ferreiro de obra e o mais destacado anarquista expropriador. Pioneiro da guerrilha urbana na América Latina e sem dúvida alguma uma das figuras mais fascinantes da história do anarquismo e da luta revolucionária e internacional da classe trabalhadora. Foi assassinado pela repressão argentina e uruguaia em 31 de dezembro de 1936, tendo seu corpo amarrado e jogado no Rio da Prata.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Pág. 08

ANARQUISTAS EXPROPRIADORES

Pág. 12

SIMÓN RADOWITZKY, HOMEM DE AÇÃO

Pág. 94

SEVERINO DI GIOVANNI, O IDEALISTA DA VIOLÊNCIA

Pág. 106

SOBRE O ANARQUISMO ARGENTINO

Pág. 124

APRESENTAÇÃO

Homens de ação, anarquistas dispostos a tudo pela causa do povo, resistindo com armas, bombas, punhais, solidariedade e ideais. Enfrentando de forma precária uma repressão sanguinária contra trabalhadores e militantes, que protagonizaram histórias épicas, mas normalmente, com fins trágicos. Fugas, assaltos, atentados, justicamentos e polêmicas, a tradição do anarquismo expropriador na região do Rio da Prata, ou seja, de militantes anarquistas adeptos da violência revolucionária que no início do século XX se moviam principalmente entre a Argentina e o Uruguai e fizeram a opção de opor a justiça do povo à violência reacionária do Estado e dos capitalistas, são contadas nos ensaios envolvendo do jornalista, escritor, cineasta, historiador e incansável libertário argentino Osvaldo Bayer, falecido em 24 de dezembro de 2018 e para quem dedicamos essa nova edição revisada e ampliada de *Anarquistas Expropriadores e Outros Ensaios*, publicada agora em conjunto pelo Editorial Adandé e a Editora Monstro dos Mares.

A primeira edição em português de *Anarquistas Expropriadores* foi publicada pelo Editorial Luta Libertária na série Combate Anarquista, em 2004, que gentilmente nos cedeu o clássico texto e que aqui apresentamos revisado e acrescido de outros ensaios inéditos de Osvaldo Bayer em português, boa parte destes foram publicados originalmente na duradoura revista argentina de divulgação histórica *Todo es Historia*, fundada em 1967. “Simón Radowitzky, homem de ação”, narrando as aventuras épicas do “santo da anarquia” e seus feitos, “Severino Di Giovanni, o idealista da violência” com a primeira parte de um relato sobre uma das figuras mais viscerais e polêmicas da história do anarquismo, e por fim, o ensaio “Sobre o anarquismo argentino”, que narra a ascensão e decadência do anarquismo de massas na primeira parte do século XX no país vizinho.

Precusores da guerrilha urbana na América Latina, homens de ação e anarquistas que protagonizaram assaltos espetaculares, tiroteios, expropriações, fugas legendárias, justicamentos de inimigos do povo e debates intensos sobre o uso da violência. Miguel Arcángel Roscigna, Juan Antonio Morán, Gino Gatti, os irmãos Moretti, Francisco Ascaso, Buenaventura Durruti, Simón Radowitzky, Severino Di Giovanni e muito outros são personagens de *Anarquistas Expropriadores e Outros Ensaios*, clássicos escritos do saudoso Osvaldo Bayer. Dono de uma narrativa cativante, o investigador argentino pioneiro na memória desses homens de carne, ossos, sonhos e ação direta, coloca o leitor dentro das cenas e dramas dos anarquistas delitivos.

Desejamos uma boa leitura e inspiração de luta combativa e revolucionária para esses tempos sombrios.



Boris Vladimirovich (1876-1927)



Juan Antonio Morán (1895-1935)



Kurt Gustav Wilckens (1886-1925)



Paulino Scarfó (1909-1931)



Simón Radowitzky (1891-1956) e Rodolfo González Pacheco (1882-1949), editor do La Antorcha.



José Buenaventura Durruti (1896-1936), Francisco Ascaso (1901-1936) e Gregorio Jover Cortés (1891-1964).

ANARQUISTAS EXPROPRIADORES

*Oswaldo Bayer**

Combatidos e até estigmatizados pelos próprios companheiros de ideias, os anarquistas que a si mesmos chamavam-se expropriadores ou, para empregar outros termos, o anarquismo delitivo, teve na Argentina um grande auge nas décadas de vinte e de trinta.

Recordar e historiar não é, por certo, reivindicar. Explicar objetivamente como desenvolvia-se a sociedade de apenas três ou quatro décadas é difícil e mais do que isso, perigoso. Precisamente porque às vezes confunde-se objetividade com reivindicação.

Admite-se, sim, ou sem reserva alguma – e é até mesmo uma leitura inevitável às crianças – a história de um Robin Hood, por exemplo, que tirava (tirar, roubar, expropriar; termos que às vezes diferenciam-se somente na maior ou menor fineza com que se pronunciam) dos poderosos para entregar aos desvalidos. Mas, a séculos de sua atuação, Robin Hood é atualmente um personagem simpático, talvez porque sua existência tenha indícios de lenda, ou porque seja somente um produto da imaginação. Os anarquistas ex-

* Ensaio revisado a partir da tradução do Editorial Luta Libertária (2004) que nos foi gentilmente cedida, sendo preservadas as notas do autor [NA] e as notas de tradução [NT], além de inseridas novas notas explicativas a partir da nossa revisão (também como NT). A tradução inicial foi feita a partir da versão em espanhol de "Los anarquistas expropriadores", publicado pelas *Ediciones Recortes* em Montevideu (1998). A publicação original "Los anarquistas expropriadores y otros ensayos" é de 1975, pelo *Editorial Galerna* de Buenos Aires, reunindo os ensaios de Osvaldo Bayer acerca de suas investigações sobre os anarquistas expropriadores publicados na Revista *Todo es Historia*, nº 33, de janeiro de 1970.

proprietores não são um produto da imaginação. Existiram, e como! Nem todos eles foram um Robin Hood, embora mais de um tenha sido um Pimpinela Escarlate*. Eram tremendamente cruéis na defesa de suas vidas porque sabiam que o menor descuido, a menor comisseração significava o fuzilamento na rua ou no paredão. Eram, certamente, uma espécie de guerrilheiros urbanos que não contavam com o respaldo de nenhuma potência estrangeira que lhes enviasse fundos e armas ou onde pudessem refugiar-se quando a situação se colocava bastante perigosa. Viviam com os segundos contados, sem tréguas. Curiosos personagens que atacavam a “sociedade burguesa” com bombas e tiros, mas que em seus periódicos censuravam colericamente a ditadura dos bolcheviques, defendendo um véu de ouro transparente e imanente: a Liberdade.

“Não se pode reivindicá-los”, dizia-nos um dos últimos grandes intelectuais anarquistas, Diego Abad de Santillán. Certamente, agregamos, mas não se pode ignorá-los. O movimento anarquista expropriador foi muito importante em nosso país, talvez mais do que na própria Espanha, embora tenha tido uma efêmera duração de 15 anos. Esteve integrado por universitários, trabalhadores e um ou outro delinquente nato, mas que conformaram uma galeria de tipos humanos bem definidos. Aqui, os veremos desfilar.

Em 19 de maio de 1919 ocorreu o primeiro assalto com fins políticos em nosso país. E pela data e o ambiente em que se vivia não pôde ter sido organizado senão por russos. Assim é: o mundo social vivia atormentado pela Revolução Bolchevista de Petrogrado e Moscou. Em nosso país, as fileiras anarquistas contavam com uma profusão de sobrenomes eslavos que vinham à tona nos tiroteios em frente aos sindicatos ou nos atentados com bombas. Radowitzky, Ka-

* Pimpinela Escarlate: referência ao personagem de “O Pimpinela Escarlate”, da romancista e dramaturga húngara Emma de Orczy (1865-1947), que narra a história de sir Percy Blokeney, um britânico da alta sociedade georgiana que leva uma vida dupla como o Pimpinela Escarlate, salvador de aristocratas e inocentes durante o reinado de terror ocorrido após a revolução francesa. [NT]

raschin e Romanoff haviam perturbado a tranquilidade dos portenhos. Por isso, quando os diários noticiaram os autores do primeiro assalto político, os leitores devem de ter exclamado movendo a cabeça: não podia ser de outra maneira, tinham que ser russos!

É que neste primeiro assalto tudo é bastante insólito, porém ainda mais são os seus protagonistas. Talvez o relato de um mero cronista não seja suficiente para dar o matiz justo na descrição destes personagens, do ambiente de conspiração, da mística niilista e da aceitação religiosa do destino de sofrimento que rodeia os dois desesperados políticos que romperam a tiros a tranquilidade do bairro de Chacarita nesse entardecer de maio de 1919. São personagens exclusivos para um Dostoiévski. Ou talvez, também, para a melancólica ironia de um Tchecov.

O assalto – bem de época, por outro lado – começa em um bonde. Havia medo em Buenos Aires. Fazia poucas semanas que Hipólito Yrigoyen* tinha perdido o controle e tudo terminou na matança das oficinas Vasena. O proletariado havia ficado com sangue nos olhos. O “Peludo” terá que aguentar 367 greves nesse ano, duas a mais que todos os dias juntos do ano. E enquanto os intelectuais anarquistas continuam a discutir entre si a maneira de como a vida se desenvolverá quando não houver mais governos, os anarco-individualistas aplicam a ação direta queimando bondes ou fazendo padarias ir pelos ares.

Nesse momento, então, um novo desgarramento acontecia nas esquerdas, que ia repercutir na vida sindical da Argentina: uma parte do anarquismo apoiará a Revolução Russa, isto é, os bolchevistas. Mas o restante do comunismo anárquico – quase a maioria – atacará tanto o capitalismo como o governo de Lênin, por serem, para eles, ditaduras iguais com formas distintas.

* Hipólito Yrigoyen: presidente da Argentina entre os anos 1916-1922 e 1928-1930. Em 1919, ainda na época do seu primeiro mandato, graves tensões sociais acabaram eclodindo numa série de greves que foram desapidadamente reprimidas por seu governo, que recorreu à ajuda das Forças Armadas. [NT]

A polêmica era duríssima. Os anarquistas “práticos” – que apoiam a Revolução Russa – defendem sua posição desde as colunas de *Bandera Roja*, enquanto que os anarquistas-comunistas intransigentes chamam-lhes de oportunistas e de traidores desde *La Protesta*, *El Libertario* e *Tribuna Proletaria*.

Das fileiras do grupo anarquista que apoiava a Revolução Russa saíram os dois personagens que serão protagonistas do assalto de maio de 1919. Porém não o farão por serem “oportunistas”, senão por serem russos: o propósito deles era obter dinheiro para publicar um periódico em idioma russo e explicar a seus compatriotas na Argentina o que estava ocorrendo na distante “mãezinha” Rússia.

O casal Perazzo é jovem e os negócios vão bem. Têm uma casa de câmbio em Rivadavia 347, no antigo local da Bolsa de Comércio. Fecham o local às 19 horas, arrumam suas coisas e regressam juntos à sua casa, no bairro de Chacarita. Para isto, tomam o bonde 13 no centro, que os deixa a poucos metros de onde vivem. Pedro A. Perazzo costuma levar, quando se retira do trabalho, uma maleta.

Nos primeiros dias da segunda quinzena de maio, a senhora Perazzo nota no trabalho que através da vitrine estranhos olhos de estrangeiros a observam. Primeiramente um, bem mais loiro, com cara de polaco, e logo outro, de olhos negros, brilhantes. Avisa ao marido que não dá importância alguma ao fato.

Essa noite de 19 de maio, os Perazzo saem às 19:30 do local e pegam o inevitável bonde 13 rumo à casa. Ele leva a costumeira maleta.

Durante o trajeto, a senhora está inquieta. Está segura de que o passageiro sentado atrás deles é o desconhecido com cara de polaco que os estava espionando ultimamente. Avisa a seu marido, quem a tranquiliza, embora não deixe de estar alerta porque ele notou outra coisa: o bonde é seguido por um automóvel que rapidamente se aproxima e um de seus ocupantes lança olhares a eles.

Chegam ao destino. Perazzo tranquiliza-se. Nessa esquina da Jorge Newbery e Lemos há muita iluminação e trânsito. Duas vias do bonde cruzam por ali e a pouco mais de cinquenta metros passa a concorrida rua Triunvirato.

Mas, ao descer, sua senhora tira as mãos do paletó e fica paralisada. O passageiro com cara de polonês também desce nessa esquina. O bonde segue o seu caminho. O carro misterioso para ali mesmo e dele sai o de olhos negros e brilhantes. O cara de polaco investe sobre Perazzo com um revólver na mão. A mulher sai correndo aos gritos. Perazzo fica tão paralisado que retém ainda mais a maleta. O cara de polaco atira duas ou três vezes nele, mas não logra ficar com a maleta. Então perde a calma e começa a atirar por todos os lados.

Nisso chega o bonde 87 com uma bagagem inconveniente para os assaltantes: dois agentes da polícia na plataforma. Ao ver o insólito espetáculo e ouvir os tiros, os fardados pegam suas armas e atacam o carro e o homem loiro que disparou os tiros e que, agora sim, já lograra arrancar a maleta.

O outro assaltante, que saiu do carro, volta ao lugar e vê que a coisa se pôs feia e então grita àquele que acabou de arrancar a maleta dos Perazzo que entre no carro imediatamente. Mas este não lhe ouve; está tão nervoso que foge a pé enquanto segue atirando para qualquer lado. Um dos tiros vai dar bem no peito do guarda do bonde 87, que cai, mas nada lhe aconteceu; logo, o galego contará aos cronistas que o que lhe salvou a vida foi o fato de haver colocado duas grossas camisetas de lã, já que o tiro, imediatamente após rebater no chão, atravessou-lhe a jaqueta, a primeira camiseta e não teve forças para perfurar a segunda. Outro dos tiros do enlouquecido assaltante fere o pé de um dos policiais.

O dos olhos negros penetrantes e o motorista do misterioso automóvel fogem ante a impossibilidade de pegar seu companheiro, que, perseguido pelo outro policial, pega a rua Lemos, dobra na Leones e vai rumo ao norte dessa rua que é de terra e escura como boca de lobo. Dali desemboca

na rua Fraga mas, decididamente, tem má sorte. No número 225 dessa rua vivem dois agentes da polícia, que, ao ouvirem os tiros, saem à rua com suas respectivas armas. Ao verem o assaltante se aproximar – e que a esta altura já havia lançado a maleta em qualquer parte – colocam-se detrás das árvores e abrem fogo pesado. O assunto logo se põe sério: uma das balas acerta o braço esquerdo do assaltante, que enfurecido, vai buscar por detrás da árvore o vigilante que se esconde e descarrega-lhe um mortal tiro no peito. É o seu último tiro porque já não lhe restam mais balas e então mette-se em um canto de uma carvoaria. O carvoeiro, curioso, havia saído ao portão para olhar o que acontecia e recebe um tiro de um dos policiais perseguidores.

O assaltante, sem balas e gravemente ferido, refugia-se detrás de uns vasos de barro com gerânios e samambaias e ali cairá exausto e será preso por seus perseguidores.

Tudo havia terminado mal. Um verdadeiro “zafarrancho”. Um policial morto, o carvoeiro e o assaltante gravemente feridos – este último pela perda de sangue –, o casal Perazzo e um vigilante levemente feridos. Tudo isso, em vão.

E quem eram os assaltantes? Aí virá a surpresa para a polícia na investigação. Investigação que será lenta e complicada apesar do zelo com que é tratada, sobretudo porque um dos seus morrerá no incidente.

O desconhecido melhora um pouco e é levado a interrogatório que não será, por certo, muito leve. É alto, corpulento, de cútis branca, cabelo curto entre loiro e castanho, cara de eslavo. Veste roupas asseadas, embora humildes. Tem documentos com o nome de Juan Konovezuk, nato na Bessarábia russa, em 27 de janeiro de 1883. Mas logo o seu verdadeiro nome é identificado: trata-se de Andrés Babby, russo branco embora de nacionalidade austríaca por ter nascido na Bucovina, na fronteira entre dois impérios. Tem 30 anos de idade. Há seis que reside na Argentina. Ele é um contador.

Depois de horas e horas de interrogatórios, a única coisa que a polícia ouviu foi o relato de uma história fantástica. Babby conta que, estando em um banco de uma praça, sem trabalho, aproximou-se dele um indivíduo conhecido como “José, o alemão”, de grandes bigodes e de temíveis aspectos, quem o convidou para almoçar e então lhe ofereceu um “trabalho fácil” onde ganharia uns bons pesos. Teria que seguir um casal no bonde, e, ao descer, deveria arrancar a maleta do homem. Babby declara que não se atreveu a contradizê-lo por causa de seu aspecto ameaçador e que, já no bonde, viu que “José, o alemão” seguia-lhe em um automóvel de onde lançava furiosos olhares para obrigá-lo a cometer o delito. E nenhuma outra referência disse poder dar a respeito do misterioso “José, alemão”.

O assalto e o desenrolar da investigação é leitura obrigatória nos jornais portenhos. Os diários trazem longas crônicas sobre as declarações de Babby e fazem conjecturas sobre “José, o alemão”. Até que uma psicose se cria e todos acreditam conhecer um personagem com essas temíveis características. Chegam à polícia, por causa disso, dezenas de denúncias, principalmente de prostitutas e donos de cafés.

A polícia – que não está muito convencida do relato de Babby – faz averiguações em todos os restaurantes alemães. Mas tanto os proprietários como os garçons sentem-se ridículos ao responderem por que, na verdade, entre sua clientela germânica há muitos senhores de bigodes à Kaiser (embora já tivesse Guilherme II perdido a guerra e o trono) e de conspícuo aspecto.

Mas, em ajuda à polícia, chega um anônimo que esclarece os fatos: Andrés Babby vivia num quarto de Corrientes, no 1970. Dali em diante, o encarregado dá uma série de dados precisos: sim senhor, lá vive uma pessoa com esse sobrenome numa habitação que compartilha com o professor Germán Boris Wladimirovich. A polícia pede para falar com o citado professor. Não, impossível, o professor ausentou-se desde o dia 19 deste mês. Saiu com malas.

A habitação é averiguada. A senhora Perazzo reconhece a Boris Wladimirovich como o homem que a divisava com seus penetrantes olhos negros através da vitrine, o mesmo que saiu do automóvel quando Babby roubou a maleta da mão de seu esposo.

Eis então a pista. A polícia intui que o cérebro de tudo isso fora Boris Wladimirovich. E atua rapidamente. Averigua as amizades e dá com os irmãos Caplán, que não têm vergonha em dizer que o conhecem, que tanto Wladimirovich como Babby são anarquistas, e que o primeiro é muito amigo de um empregado do observatório astronômico de La Plata, lugar onde costuma ir porque é bastante aficionado à cosmografia.

Bem achado, no observatório: ali estão duas malas de Boris Wladimirovich, cheias de publicações anarquistas, livros, cartas e escritos. O empregado amigo de Boris, que não suspeita em que coisas o amigo pode estar metido, indica à polícia que não sabe onde ele possa estar, mas bem pode saber Juan Matrichenko, um ucraniano que vive em Berisso. Os empregados da investigação buscam Matrichenko e comentam-lhe sua preocupação pelo paradeiro do procurado porque – dizem – temem que tenha sido raptado. O ingênuo e preocupado Matrichenko consola-os rapidamente: não, ele foi recomendado a um amigo em São Ignácio, nas Missões. O que melhor pode saber em que dia ele partiu é o motorista Luis Chelli, porque Wladimirovich usa sempre seus serviços.

Dois pássaros com um só tiro. Enquanto se averigua o domicílio do motorista, telegrafa-se à polícia de Posadas.

Na habitação de Chelli encontram material anarquista e ele é reconhecido pelos Perazzo como o que conduzia o carro que interveio no assalto. Tudo esclarecido.

Mas faltava algo forte nesse primeiro episódio do anarquismo expropriador: a personalidade do principal protagonista do episódio.

Em São Ignácio, Missões, Wladimirovich é detido. Aos policiais parece-lhes estranho que esse homem possa ser um

delinquente. Tinha a presença de um universitário, de um intelectual. Gestos afáveis, olhar inteligente, rosto trabalhado por algo que parecia um íntimo sofrimento. Em Posadas causa tanta comoção a captura que o próprio governador de Missões, doutor Barreiro, encaminha-se até a delegacia e conversa durante horas com o anarquista. E quando chega a comissão policial de Buenos Aires, a mando do delegado Foppiano, o mesmo governador decide acompanhar a condução do preso de regresso à capital na longa viagem de trem.

Antes de partir, as autoridades policiais e provinciais tiraram uma fotografia para a posteridade. Todos sentados, em distinta atitude, e Boris Wladimirovich detrás deles, imóvel. O preso, de nietzschiano aspecto, aparece matutando, alheio a todo esse desdobramento, enquanto os importantes funcionários olham, tensos, a câmara fotográfica.

Enquanto isso, a polícia averiguou bem a identidade de Wladimirovich. É russo, de 43 anos de idade, viúvo e escritor. La Prensa informa seus leitores mais detalhadamente: “Boris Wladimirovich apresenta interessantes características. É médico, biólogo, pintor e figurou entre os elementos mais avançados da Rússia. Está fichado na polícia como montenegrino e desenhista, mas é russo e pertence a uma família da nobreza”. Boris, aos vinte anos, juntou-se a uma operária revolucionária e por esta causa renunciou à sua ascendência. Sabe-se que foi um homem de fortuna e que a dilapidou por seus ideais.

É médico e biólogo, mas, salvo o desempenho temporário numa cátedra de Zurique, Suíça, nunca exerceu sua profissão. O doutor Barreiro escutou durante a viagem algumas de suas dissertações científicas que muito lhe chamaram a atenção.

Boris fora social-democrata russo e participou como delegado dessa nacionalidade no congresso socialista de Genebra, em 1904, onde teve sua primeira dissidência com Lenin. Deste último diz que é um homem inteligente, mas de Trótski prefere não falar.

A polícia segue averiguando. Boris é autor de muitas publicações, entre elas, três livros de sociologia. Fala com perfeição o alemão, o francês, o russo e a maioria dos idiomas e dialetos usuais em sua pátria mãe. Em castelhano expressa-se relativamente bem. Tem um hobby artístico: a pintura, e antes de sua fuga deixou em Buenos Aires 24 telas, entre elas seu autorretrato. Ultimamente havia dado conferências libertárias em Berisso, Zárate e na Capital.

Mas por que esse homem, membro ativo do movimento revolucionário europeu, veio parar na Argentina?

Pouco a pouco mais detalhes vão sendo descobertos. A morte de sua esposa e o tremendo fracasso da revolução russa de 1905 incidem em seu ânimo. Seu caráter *de per se* melancólico, começa a encontrar consolo na vodka, bebida a qual se afeiçoa logo após sofrer um colapso cardíaco. Doa sua casa em Genebra a seus companheiros de ideias e dali parte a Paris onde decide fazer uma longa viagem para descansar e levantar seu espírito.

Um amigo tem um irmão que possui uma estância na província de Santa Fé, na Argentina, e recomenda-lhe que vá para lá. Wladimirovich chega em 1909 a nosso país, onde se vincula com os círculos de operários de nacionalidade russa. Após descansar um tempo na estância de Santa Fé parte para Chaco, onde residirá quatro anos e meio. Vive do pouco dinheiro que lhe resta e dedica-se ao estudo dessa região percorrendo o Chaco desde o Paraná até Santiago del Estero e explora preferencialmente o estuário Patiño. Vive frugalmente embora seu gosto pela bebida branca siga em aumento. Em Tucumán chega-lhe a notícia do estouro da guerra. Então regressa a Buenos Aires. Dirá, *La Razón*: “[...] em Buenos Aires será recebido com os braços abertos pelos elementos avançados que não podiam esquecer, malgrado sua longa ausência, sua atuação libertária com respeito ao seu país de origem, que o apresentava rodeado de uma auréola de apóstolo mais luminosa ainda depois de seu ostracismo. E voltou à sua tarefa de propagandista dando conferências, persuadindo, predicando nos centros mesmo estando lota-

das ou parcas as assembleias, não importava. Ao eclodir os distúrbios de 1919, Boris foi para Chacarita a fim de organizar por lá um comitê revolucionário de ideias, entende-se, com uma base séria, mas acabou encontrando uma porção de pessoas que não obedeciam a plano algum e que demonstravam uma absoluta incapacidade para tal, que se limitavam a disparar atordoadamente suas armas em todas as direções. Seu desalento foi enorme.”

Depois da semana trágica, Boris é assombrado pela ameaça dos jovens de Carlés de matar “todos os russos”. “A caça do russo” foi uma expressão popular usada entre os jovens da alta e média burguesia portenha que se alistaram na Guarda Cívica e na Liga Patriótica Argentina, na sangrenta semana de janeiro, e que realizaram iníquos e criminosos atentados contra os bairros de israelitas porque, em geral, na Argentina, os judeus eram chamados de “russos”. Alguns exaltados, acreditando estarem iluminados por mandado divino, até propuseram uma “degolada de russos”.

Boris meditou longamente e acredita que seja seu dever esclarecer a seus compatriotas que vivem na Argentina. Esclarecê-los, além disso, sobre a significação da Revolução de Outubro. Que ele acredita que levará à liberdade integral do homem. E por isso torna-se obsessiva a ideia de uma publicação. Para ele é fundamental contar com um periódico porque como dirá semanas depois (quando o impedem de se comunicar) aos jornalistas: “[...] o que vem da Rússia à Argentina é a escolha do povo, sobretudo hebreus, que formam conjuntamente uma massa incoerente, incapaz de formar um plano sério de caráter revolucionário e muito menos de levar à realidade uma grande teoria.”

Mas para publicar um jornal exige-se fundos. Há duas possibilidades: contar com os centavos dos operários russos e algum intelectual que deixe de comer dois ou três dias para ajudar a pagar a impressão do primeiro número, ou, caso contrário, ir direto ao grande. E Boris, por sua origem, não está acostumado a andar com pequenezas e mesquinhas. Por exemplo, ele que somente vive da venda de um ou outro quadro seu ou de alguma aula de idiomas, quando tem

dinheiro vai almoçar no restaurante alemão Marina-Keller, da rua 25 de Maio, onde se sente um típico ambiente europeu e, além disso, há vodka russa legítima. Por isso, quando pensa em seu plano do periódico considera que é necessário contar com fundos reais. E começa a amadurecer um plano. Para tal, conversa com o “negro” Chelli. Este é um motorista anarquista que várias vezes o levou à sua habitação quando a vodka fazia-lhe perder o sentido da orientação. Chelli é homem de ação que atuou com ele na semana grevista de janeiro. Dali nasce o plano, porque o motorista é quem tem os dados quanto aos Perazzo.

Wladimirovich contará também com Babby, seu companheiro de quarto. Um anarquista que o admira e que o tem como mestre. É capaz de dar a cabeça por Boris.

Quando chega a comissão policial de Posadas, Wladimirovich declara-se culpado, de instigador do assalto e de único responsável. Quando o colocam de frente com Babby, dirá a seu companheiro de aventuras que esqueça seu conto de “José, o alemão”, porque ele já confessou a autoria do ato.

Involuntariamente, Boris conseguirá uma intervenção judicial. De fato, sua figura parece ser tão interessante que, durante sua incomunicabilidade, é visitado pelo ministro do Interior da Nação e vários legisladores yrigoyenistas que querem conhecê-lo de perto. E conversam longas horas com o intelectual anarquista. Ao sair, o Ministro do Interior responderá aos jornalistas que “o detido respondeu com calma às múltiplas perguntas que lhe formularam”. Isto faz ferver de indignação ao juiz interventor que protesta contra a visita do alto funcionário e dos deputados, a quem faz lembrar que o réu “está incomunicável” e, portanto, impedido de receber visitas.

É que nessa época os juízes argentinos são bastante severos com todo aquele que seja anarquista ou apenas grevista. A um empregado de Gath y Chaves, por exemplo, por incitar a greve na porta do comércio, dão-lhe dois anos de prisão. A operários que golpeiam a um “cordeiro”, oito e dez anos. E

nada de mandá-los a um colégio de senhoritas: Ushuaia* é uma ameaça permanente àqueles que se desviam das normas que a sociedade dera. Hipólito Yrigoyen é o presidente, mas deixa em liberdade as instituições para que se movam por seus meios naturais: seja o exército – como na Semana Trágica; a polícia em sua luta sem quartel contra o extremismo político; a justiça com suas sentenças exemplares contra tudo o que cheira a subversão; e a Liga Patriótica Argentina – com Manuel Carlés, o almirante Domecq García, e os doutores Mariano Gabastou e Alfredo Grondona, à frente – em sua vigilante defesa à propriedade, comportando-se como um organismo de segurança e choque “de fato”.

Por isso, os frustrados assaltantes passarão por maus bocados. Mais que todos, Babby, que matou a um agente policial. O Jockey Club apressou-se em iniciar uma coleta para a família do “policial morto por um bando anti-argentino” e no primeiro dia arrecada 2.010 pesos, dos de 1919!

La Razón, que é um porta-voz não oficial da Liga Patriótica, coloca em dúvida a versão de Wladimirovich de que queria o dinheiro do assalto para a propaganda escrita. Argumenta que seus propósitos seriam a aquisição de substâncias explosivas para fabricar bombas. Crítica, por sua parte, qualifica-os de bandoleiros tipo “Bonnot”, recordando o bando de anarquistas franceses que assaltavam bancos na França e Bélgica nos primeiros anos do século.

* Presídio de Ushuaia: após firmar com o Chile o tratado de divisão das fronteiras, o governo argentino passou a usar sua região no extremo sul do continente para enviar presos militares. Inicialmente instalou-se um presídio na pequena ilha, que funcionou entre 1884-89 e foi fechado devido às condições sub-humanas impostas pelo clima da região. Em 1902, começam a enviar presos militares à região para que ajudassem a construir um novo presídio. Em 1904 o presídio foi inaugurado e a partir de 1917 deixaria de ser exclusivamente militar passando a receber presos comuns, condenados por crimes brutais ou reincidentes. Nas três décadas finais do seu funcionamento, o presídio seria usado também para encarcerar presos políticos, ficando conhecido como “a prisão do fim do mundo”, se mantendo em funcionamento até 1947, quando finalmente seria fechado pelo então presidente Juan Perón. Hoje, declarado como patrimônio histórico, funciona como ponto turístico e abriga o Museu Marítimo de Ushuaia. [NT]

Em primeira instância, o fiscal doutor Costa solicitará a pena de morte para Babby, 15 anos para Germán Boris Wladimirovich e 2 anos para Chelli.

Depois de longos meses de reclusão em celas isoladas na Penitenciária, o juiz Martínez impõe 25 anos de prisão a Babby, 10 a Boris Wladimirovich e 1 para Chelli. Na apelação, o fiscal de câmara solicita meramente a confirmação da sentença do juiz Martínez. E então ocorre algo insólito. Os juízes da Câmara de Apelações são mais papistas que o próprio fiscal e impõem a pena de morte não somente a Babby como também a Wladimirovich.

A sentença foi largamente comentada e discutida. Os diários anarquistas assinalavam que se tratava de uma “vingança de classe” dos juízes. Nos círculos forenses a surpresa pela sentença também se evidenciava. Considerava-se que a de Babby era justa porque havia disparado contra a polícia e matado a um deles. Mas Wladimirovich não havia feito uso de arma alguma. O juiz de primeira instância assim havia compreendido o feito ao assinalar que: “[...] os autores devem responder ante a lei pelas consequências dos feitos realizados por cada um; por isso, não se pode atribuir culpa a Boris quanto ao acontecido posteriormente que fora protagonizado por Babby – a morte do agente Santillán e a ferida do agente Varella – já que não foi combinado àquele (Boris Wladimirovich) aportar sua cooperação”.

Em troca, a Câmara publica o seguinte argumento: “O tribunal assinala que os acusados formaram um complô, agru-pação criminal castigada pelo art. 25 do Código Penal. A Boris Wladimirovich, embora não tenha participado do assassinato do agente Santillán, a mesma responsabilidade cor-responde-lhe porque a lei considera que há solidariedade absoluta nos delitos dos conspiradores, tanto que chega ao extremo de comparar os cúmplices aos autores”. Acrescenta: “[...] com respeito ao fato de ter sido menor a pena solici-tada pelo fiscal, a Câmara manifesta que é sua prerrogativa aplicar a lei segundo corresponda, tanto no caso de que o acusado recorra como no caso de que o fiscal desista, pois

nenhum deles pode limitar as faculdades do tribunal”. Assim a sentença Ricardo Seeber, Daniel J. Frías, Sotero F. Vásquez, Octavio Gonzáles Roura e Francisco Ramos Mejía. Somente os camaristas Eduardo Newton e Jorge H. Farías discordam da sentença e votam pela confirmação da primeira instância. Este último salva Babby e Boris de serem executados, já que a Câmara terá que dizer: “Em vista de não poder impor a pena de morte aos réus, em virtude do artigo 11 do Código de Procedimentos Criminais que exige a unanimidade do Tribunal para fazê-lo, condena a Babby e a Boris Wladimirovich à prisão perpétua”.

Quando a pena foi comunicada a Boris, este, sem a menor afetação assinalou: “a vida de um propagandista de ideias como eu está exposta a estes riscos. O mesmo hoje que o amanhã. Já sei que não verei o triunfo de minhas ideias, mas outros virão mais cedo ou mais tarde”.

Mas na vida do ex-professor de Biologia de Zurique já não haverá mais amanhã. Meses depois será conduzido agrihoado e algemado, com um contingente de presos comuns, à longínqua Ushuaia. Se alguma vez correu perigo de ser enviado à Sibéria, é possível que nunca houvera sonhado que iria parar com seu arcabouço numa região de igual desolação e numa penitenciária cruel de um país tão distante.

Lá, sua saúde, já enfraquecida, piora rapidamente. Os que o conheceram na penitenciária disseram que ele seguiu fazendo ofício de suas ideias entre os presidiários. Seu fim acercava-se aceleradamente devido à má alimentação, ao frio e às surras que eram o pão diário daqueles anos sombrios na prisão. Mas antes de morrer ia protagonizar um feito que outra vez levaria sua estranha figura (La Razón o qualificará de “curiosa, sinistra, novelesca silhueta”) às páginas dos diários: será o cérebro pensante da vingança dos anarquistas contra o membro da Liga Patriótica, Pérez Millán, assassino de Kurt Wilckens, na sangrenta sequência que ocorreu após os fuzilamentos na Patagônia.

Wilckens, num atentado, tinha matado o tenente coronel Varela, acusado pelos anarquistas de haver fuzilado 1500

operários e peões na Patagônia. Aprisionado, Wilckens foi morto enquanto dormia em sua cela pelo nacionalista Pérez Millán, amigo do doutor Carlés, presidente da Liga Patriótica Argentina. Pérez Millán se fez passar por louco e foi enviado ao manicômio da rua Vieytes para ser protegido e ao mesmo tempo para safar-se da pena a que seu crime correspondia. Boris Wladimirovich impressionara-se pela morte de Wilckens e quando foi informado de que Pérez Millán havia sido internado por insanidade em Vieytes, começou a simular um desequilíbrio nervoso e a mais completa loucura na penitenciária de Ushuaia. Sabia que os loucos perigosos de Ushuaia eram trasladados às celas para delinquentes detidos no manicômio de Vieytes. Tanto simulou até que o trasladaram. O único inconveniente que encontrou foi que, uma vez no manicômio, levaram-no a um pavilhão distinto que ao de Pérez Millán, quem tinha tratamento preferencial em uma pequena sala exclusiva. Mas recebeu um revólver que os anarquistas de Buenos Aires lhe enviaram, Boris entregou-o a Lucich, um interno que tinha entrada livre a todas as dependências. Boris, com seu poder de persuasão, convenceu Lucich de que tinha que vingar Wilckens matando a Pérez Millán.

Assim procedeu Lucich. Para os anarquistas esta vingança era uma questão de honra, e, a partir desse momento é que – aqueles que conheciam bem a intervenção de Boris na morte de Pérez Millán – consideraram o ex-nobre russo com uma auréola de herói do movimento.

Os novos maus tratos recebidos à raiz de sua atuação no episódio Pérez Millán, levaram-no rapidamente à morte. Boris, nos últimos anos de sua vida esteve paralisado de seus dois membros inferiores, devendo arrastar-se pelo chão para poder se movimentar na cela: um personagem de Dostoiévski com um final dostoiévskiano. Parece calcado de “Humilhados e ofendidos” ou de “Recordações da casa dos mortos”. Mas sigamos com a crônica dos anarquistas expropriadores.

Este primeiro e insólito assalto com fins políticos serviu para o começo de uma longa polêmica que ia desenrolar-se durante toda a época em que o anarquismo teve vida em nosso país: devemos apoiar àqueles que recorriam à “expropriação” ou ao crime para sustentar o movimento ideológico? Ou seria preciso rechaçá-los porque desprestigiavam a luta libertária? Os homens da linha intelectual (principalmente no La Protesta) e do anarcossindicalismo (na FORA do IX Congresso) se posicionarão rigorosamente contra as delinquências políticas como também à violência que se utiliza do emprego de bombas e de atentados pessoais. Enquanto que os grupos de ação, partidários da chamada ação direta (cujo porta-voz será a partir de 1921 o periódico La Antorcha) e os grêmios autônomos apoiarão moralmente a todo ato que vá “contra os burgueses”, por mais delitivo que seja. Por outro lado, já a partir de 21 e 22, os poucos anarquistas que tinham apoiado a Revolução Bolchevique decepcionaram-se suficientemente com ela. Os assassinatos em massa dos partidários da bandeira negra, por parte dos comissários da bandeira vermelha na nova República Socialista, levantada sobre as ruínas do império czarista, as deportações e as prisões de ideólogos anarquistas que chegaram a Moscou vindos de todas as partes do mundo, tinham inclinado a imensa coluna proletária ácrata e seus pensadores contra Lênin e seus homens.

Na Argentina, todas as publicações anarquistas autênticas direcionavam suas páginas tanto para atacar o regime capitalista como o regime comunista: são exatamente duas ditaduras iguais – dizem – só diferenciadas pela classe que predomina, mas que suprimem a liberdade do povo. O único contato que existia em Buenos Aires entre comunistas e anarquistas dava-se no Comitê Antifascista Italiano, integrado por exilados peninsulares de todas as tendências. Ali estavam liberais, socialistas, anarquistas e comunistas que organizavam atos conjuntos onde um orador de cada tendência falava. Mas este também originou graves dissidências entre os anarquistas italianos porque muitos deles argumentavam que não podiam compartilhar tribunas com os verdugos de seus companheiros de ideias na Rússia.

E é precisamente entre os anarquistas italianos – que mais se opõem à colaboração com os comunistas no Comitê Antifascista – que sairão as duas figuras mais preponderantes do anarquismo expropriador na Argentina: Miguel Arcángel Roscigna e Severino Di Giovanni.

Os comunistas, por sua vez, desde o seu periódico *El Internacional* atacam todo ato de violência com bombas ou todo assalto ou roubo realizado pelos anarquistas do grupo “expropriador”.

Em 2 de maio de 1921, ocorreu um assalto na Aduana da Capital. Os delinquentes levaram uma soma bem importante para aquela época: 620 mil pesos. Mas o assunto foi rapidamente esclarecido devido a uma estupidez do motorista Modesto Armeñanzas, e todos os assaltantes – menos três – caíram em poder da polícia. Nesse assalto um empregado aduaneiro acabou sendo morto. Dos onze implicados, três eram realmente delinquentes profissionais e os demais eram operários que faziam suas primeiras investidas no delito. Contra o que argumentaram alguns diários, nenhum deles era anarquista, embora o assalto tenha servido para reiniciar a polêmica entre os próprios anarquistas acerca de se era ou não positivo qualquer tipo de crime contra a “burguesia”.

Rodolfo González Pacheco soltará o verbo em *La Antorcha*, poucos dias depois, para dizer, num editorial intitulado “Ladrões”, o seguinte: “[...] desde que se comprovou que a propriedade é um roubo, não há mais ladrões aqui do que os próprios proprietários. A única coisa que está em jogo é ver se aqueles que lhes roubam não possuem os mesmos antecedentes, de uma autêntica moral ladra. Apropriadora.

Declaramos que não temos preconceitos com respeito a este ou àquele. Principalmente porque um preconceito desta classe ampararia, mais ainda do que já estão, aos ladrões clássicos. Porque eles gritam: Ladrões! Da mesma forma com que gritam: Pátria e Ordem!, com o propósito de esconder, após esse estrondo verbal, o produto de seus grandes roubos. É o mesmo que o salteador de estradas que te abre fogo para assustar-te e que, uma vez assustado, rouba-te.

Não, não, não. Vamos a casos concretos, a realidades concretas. Qual é o propósito daquele que rouba...? Monopolizar. Ou, ainda melhor, tirar o corpo fora do trabalho e da escravidão que é seu derivado imediato. Para não serem escravos, jogam com a liberdade. Perdem-na, geralmente, já que nesse jogo os burgueses são mestres consumados, e, além disso, são eles os que têm as cartas na mão. E se ganha um ladrão ainda pequeno, este torna-se rico, proprietário, isto é, chega à condição de ladrão grande.

Mas, apesar disso tudo, e embora todos sejam ladrões, estamos mais com os ilegais do que com os outros. Com os pequenos ladrões do que com os grandes. Com os assaltantes da Aduana que com Yrigoyen e seus ministros. Valha o exemplo”.

O que leva à formação do grupo anarquista expropriador ou delinquente na Argentina é a necessidade de formar frentes dentro dessa ideologia para sua autodefesa. Não é somente o Exército que reprime as atividades anarquistas (semana trágica, greve agrária da Patagônia, greves portuárias em 1921, etc.) e a Polícia (centrada em grande parte em combater as tarefas de agitação, prender líderes, vigiar e dissolver reuniões, romper greves), senão, e principalmente, a ação em todo o país da Liga Patriótica Argentina comandada por Carlés. Não há uma semana na qual não se produza, nesses anos, um ato de sangue protagonizado por operários de ideologia anarquista e integrantes da organização em defesa da propriedade organizados sob o rótulo de Liga Patriótica.

Não só na Capital a Liga Patriótica possui forças, mas também no interior onde proprietários de terras e seus filhos armam-se em legiões – sob o auspício de Carlés – e fazem treinamentos militares para defenderem-se dos peões agrícolas que estão em constante agitação. Os choques eram inevitáveis e um deles, ocorrido em 1º de maio de 1921, foi uma verdadeira tragédia. Ocorreu em Gualeguaychú. Nesse dia a Liga Patriótica realizava um grande ato – em oposição às comemorações do Dia do Trabalhador pelos operários – com um grande desfile de gaúchos a cavalo, colégios religio-

dos das proximidades, bandeiras argentinas de 50 metros de comprimento, senhoritas que arremessavam flores ao passo da juventude de choque da Liga, etc. O momento culminante foi quando Carlés chegou com seu sobretudo negro e seu chapéu de feltro num biplano diretamente de Buenos Aires.

Finalizado o ato de reafirmação patriótica e dos direitos à propriedade, a cavalaria gauchesca, sob o comando do fazendeiro Francisco Morrogh Bernard, dirigiu-se à reunião operária que se realizava na praça de Gualeguaychú e que estava presidida por uma bandeira vermelha e outra negra. Ver essas bandeiras e sentir a santa indignação pátria em seus peitos foi o suficiente aos homens de Carlés. E então investiram contra a débil tribuna proletária e seus três mil assistentes. Foi uma carnificina. No princípio falou-se de 5 operários mortos e de 33 gravemente feridos. Os diários anarquistas triplicaram as cifras, os diários sérios as diminuíram.

La Prensa tratava de explicar o assunto dizendo que: “95% das vítimas não são argentinas. Isto faz pensar no caráter da reunião operária que se realizava e também explica a violência com que os oradores anarquistas referiram-se em seus discursos aos símbolos nacionais. Entrevieram somente 20 ou 30 membros da Liga Patriótica no ocorrido. A polícia manifestou no primeiro instante – seguramente por precipitação – que não foram encontradas armas entre os operários.”

Um dia depois, o local da Sociedade de Resistência União Chauffeurs da Capital, é atacado por dois automóveis onde viajam jovens da Liga Patriótica. Caem mortos dois operários anarquistas: os irmãos Canovi. E, ao passo de três ou quatro dias, no porto – onde os carregadores e estivadores declararam greve – ocorre um tiroteio e um operário anarquista e um membro da Liga Patriótica também caem.

A violência cresce e desde as publicações anarquistas exorta-se a repelir, com o uso de armas, todo o ataque da Liga e, se necessário, “atacá-la em sua própria guarida”.

Nessa década de 20, ficará cada vez mais complicado colocar arreios no operário tão facilmente. Pelo menos, aqueles anarquistas conscientes prezavam portar uma arma e, na verdade, não eram ignorantes ao fazerem uso delas. Basta citar os feitos de Jacinto Aráuz, onde ocorreu, possivelmente, pela única vez na história, um tiroteio entre policiais e anarquistas dentro de uma delegacia. Naquela localidade havia inquietação entre os trabalhadores agrícolas porque seus direitos foram negados e se suplantava aos que ousavam protestar por peões trazidos de outros lugares. O delegado da localidade não encontrou nada melhor para acabar com o problema do que convidar a todos os desagradáveis à delegacia “a fim de conversar e de chegar a um bom acordo”.

Chegando lá, os trabalhadores – entre os quais encontravam-se vários delegados inspirados nas teorias de Bakunin – foram convidados a passar ao pátio do local policial, mas perceberam, não sem surpresa, que tudo estava cercado por “milicos” com armas pesadas. O delegado não apareceu, mas dois sargentos sim e, então, começaram a chamar um por um dos operários, fazendo-os passar por um corredor onde eram desarmados e logo entregues a outros agentes que os deixavam estirados a pauladas. Ou seja, uma maneira expedita de solucionar um problema sindical.

Mas os anarquistas que estavam ali, no pátio, não eram certamente crianças de colo. Sacaram suas armas e, apesar de estarem cercados, abriram fogo. Originou-se, assim, uma verdadeira tragédia com vítimas de ambos os lados. Deste momento em diante, Jacinto Aráuz foi como um símbolo para os trabalhadores de outras latitudes da República. Era uma espécie de concretização do “toma lá, dá cá”.

Claro, às vezes, os anarquistas exageravam a nota nesse caso de andarem armados. Às vezes, suas próprias publicações tinham que dar a si mesmos conselhos públicos. Como este anúncio de um piquenique em Rosário, publicado no *La Antorcha*: “Rosário, grande piquenique familiar em benefício dos presos sociais, na ilha Castellanos sobre o Rio Para-

ná. Homens: \$ 1,20; mulheres e menores: \$ 0,50; crianças: grátis. Nota: advertimos que a subprefeitura fará revista no embarque, de modo que não se recomenda o porte de armas”.

Ou esta nota publicada na primeira página de La Protesta: “O piquenique do domingo: o péssimo costume de fazer disparos de armas de fogo no bosque da ilha Maciel durante o dia e principalmente ao escurecer, enquanto realizam-se os piqueniques de La Protesta, acarreta sérios perigos e semeia apreensão entre as famílias que ali se reúnem, o que para os anarquistas deve ser um lugar de saudáveis reuniões e de franca camaradagem. Recebemos muitas queixas de colaboradores no último piquenique e até mesmo de um pescador que tem seu domicílio nesse lugar, que estiveram expostos a receber uma bala perdida durante um dos tantos tiroteios. É necessário que os companheiros evitem que sejam feitos disparos de revólver no bosque e que chamem a atenção dos aficionados quanto ao ato de puxar o gatilho, pois semeia-se apreensão entre as famílias que colaboram com nossos piqueniques e, dia menos dia, poderá ocorrer uma desgraça. Demonstra-se uma absoluta falta de cultura com esses jogos perigosos e corresponde aos anarquistas velar pelo normal desenvolvimento de nossos atos e sobretudo pela segurança de todos os que nos dão provas de confiança colaborando com os mesmos. Recomendamos, então, aos camaradas, que não façam disparos de armas de fogo em nossos piqueniques e que tratem de evitar que o façam aqueles colaboradores que não estejam em condições de ler esta recomendação.”

Parece que estes tiroteios amistosos eram um costume bastante enraizado porque o diário ácrata seguirá publicando a recomendação por vários dias seguidos.

Serão incontáveis os casos de refregas entre operários de distintas tendências em postos de trabalho, de gestos de rebeldia de trabalhadores contra capatazes e patrões que chegavam às vias de fato (um deles, o caso de Pedro Espelocín – que mais tarde será um membro ativo dentro do anarquis-

mo expropriador – que mata um capataz que maltratava a uma criança), e de assalariados que enfrentam a policiais e a membros da Liga Patriótica. Longas são as listas de presos sociais pela justiça, desde grevistas até homicidas por questões trabalhistas ou políticas. O Comitê Pró-Presos Sociais e Deportados, mantido pela humilde contribuição dos trabalhadores anarquistas, não dá conta de suas funções: não somente tem que pagar os gastos com advogados e trâmites para os processados como também toma por sua responsabilidade a manutenção das famílias destes.

Mas esta comissão não é passiva unicamente. Não se reduz a conseguir esses meios como se fosse um Exército da Salvação ou uma Sociedade de Damas Beneficentes. Seu propósito oculto é o de conseguir a fuga dos presos. E para tal é necessário contar com muitos recursos: fazer viajar alguns “companheiros de confiança”, vigiar os presídios, às vezes por meses inteiros, até ficar a par dos detalhes, alugar casas, contar com automóveis para a fuga e, principalmente, subornar aos carcereiros, empregados judiciais e até secretários de juízes para que influenciem nas sentenças.

Quem maneja tudo isso é o secretário do Comitê Pró-Presos e Deportados: Miguel Arcangél Roscigna, dirigente metalúrgico e anarquista. Enquanto os ideólogos de La Protesta e de La Antorcha argumentam desde suas páginas que a liberdade dos presos deve ser obtida somente através de movimentos grevistas ou com a mobilização de grandes massas do povo, Roscigna é homem de ação e mestre em todas as artimanhas para pôr em xeque à polícia e à justiça. É um homem pensante, frio, planejador. Mas quando é preciso atuar, ele é quem realiza as coisas, não só dirige como também executa. Já havia demonstrado no caso de Radowitzky: com paciência e astúcia fez todos os trâmites para ser nomeado guarda penitenciário em Ushuaia. Lá preparará todos os detalhes para que desta vez a fuga não fracasse. Quando tudo estava preparado, no congresso da União Sindical Argentina (USA) integrado por dirigentes sindicais socialistas e sindicalistas, um irresponsável denuncia – para atacar aos anarquistas – que “Roscigna está de cão em Ushu-

aiá” (cão era o carinhoso qualificativo que os anarquistas dispndiam a carcereiros e policiais). A polícia averigua e comprova que Roscigna encontra-se em território fueguino. É imediatamente suspenso e expulso da prisão. Antes de desaparecer, e para que tudo não tenha sido em vão, Roscigna atea fogo à casa do diretor do presídio.

Depois será o organizador da primeira fuga do padeiro Ramón Silveyra da Penitenciária, na qual estava condenado a vinte anos de prisão, e quem preparará os meios da segunda fuga do mesmo. Dois sucessos verdadeiramente espetaculares e que diziam às claras que por detrás disto tudo havia um verdadeiro talento organizador. Talento que logo demonstrará na preparação de célebres assaltos e atos de ação direta (ou terroristas, como queiram).

A guerra sem quartel entabulada entre as duas frações anarquistas, os “protestistas” e os “antorchistas” (que virão a representar a direita e a esquerda dentro do movimento) chega a tal ponto que o Comitê Pró-Presos Sociais e Deportados divide-se, tomando agora cada um desses organismos seus próprios detidos. A comissão orientada por La Protesta e a FORA do V Congresso defenderá exclusivamente anarquistas presos por sua ideologia, enquanto que a comissão antorchista o fará com todos aqueles acusados de delitos comuns (isto é, os anarquistas expropriadores). Tal o caso tão debatido dos presos de Viedma.

Em 1923, no território nacional de Rio Negro, é assaltada a diligência dos Correios, num episódio realmente de faroeste. A polícia territorial detém, não muito distante do lugar, cinco trabalhadores rurais de ideologia anarquista que estavam juntando lenha para preparar um assado. São torturados barbaramente, presos por estacas, e os cinco reconhecem serem os autores do assalto. Um deles, Cassiano Ruggeroni, enlouquece devido aos efeitos das torturas e falece meses depois no hospício de Vieytes. Os outros quatro são condenados conjuntamente a 83 anos de prisão. Andrés Gómez, Manuel Viegas e Manuel Alvarez a 25 anos cada um e Esteban Hernando a 8 anos.

A comissão orientada por La Antorcha iniciará uma grande campanha para lograr a revisão do processo. La Protesta, após uma pálida defesa, dirá em suas colunas acerca dos presos de Viedma que “são delinquentes vulgares que nada têm que ver com a propaganda e as ideias anarquistas”. Isso provocou um agravamento da polêmica dentro do movimento que iria durar enquanto o anarquismo tivesse vigência na vida operária argentina. Uma polêmica que sempre fora constante no anarquismo, desde Proudhon passando por Bakunin, Réclus, Malatesta, Armand, Gori, Fabbri, Treni, Abad de Santillán: chegar à revolução por todos os meios imagináveis, ou manter dos anarquistas o conceito de homens puros, irrepreensíveis, que chegam à revolução através da persuasão dos demais, que é a ideia humanística por excelência?

Mas obviamente, as duas tendências, à medida que os feitos aconteciam, caíam em graves contradições. Por exemplo, o caso Sacco e Vanzetti. O caso mais famoso de uma injustiça judicial que teve ainda mais transcendência em sua época – pela mobilização operária mundial – do que o próprio caso Dreyfus.*

E o que aconteceu com Sacco e Vanzetti? Algo bem parecido com o dos presos de Viedma, salvo que neste último caso não julgaram aquilo que hoje é chamado de “relações públicas” que Vanzetti e seus companheiros anarquistas italianos dos Estados Unidos souberam empregar magistral-

* Caso Dreyfus (l'affaire Dreyfus, em francês): escândalo político que dividiu a Terceira República Francesa (de 1894 até sua resolução em 1906). O "affaire", como é conhecido em francês, passou a simbolizar a injustiça moderna no mundo francófono, e continua sendo um dos exemplos mais notáveis de um complexo erro judicial e do antisemitismo. O papel da imprensa e da opinião pública mostrou-se influente no conflito. Centrava-se na condenação por alta traição do Capitão Alfred Dreyfus em 1894, oficial de artilharia do exército francês, de origem judaica. O acusado sofreu um processo fraudulento conduzido a portas fechadas. Dreyfus era, em verdade, inocente: a condenação baseava-se em documentos falsos. Quando os oficiais de alta patente franceses perceberam isto, tentaram ocultar o erro judicial. A farsa foi acobertada por uma onda de nacionalismo e xenofobia que invadiu a Europa no final do século XIX. [NT]

mente logrando durante mais de sete anos uma agitação popular no mundo inteiro que possivelmente não será superada. Nos próprios Estados Unidos essa agitação foi dez vezes superior àquela realizada pelo fim da guerra do Vietnã.

Todos se uniram; aqui não houve bandeiras: anarquistas individualistas, anarco-comunistas, anarquistas expropriadores e partidários da violência, social-democratas, comunistas, liberais, o Papa e até os fascistas “receberam com beneplácito a resolução do juiz de suspender a execução dos acusados.”*

Quando Sacco e Vanzetti são detidos – quinze dias depois em que ocorrera a investida de Braintree onde são mortos dois tesoureiros de uma empresa – fazem declarações que os comprometem indiretamente com o assalto. Fazem-nas aconselhados por um advogado que acredita que desta maneira se salvarão da deportação à Itália que se lhes aplicaria de imediato se reconhecessem que são anarquistas. Ou seja, aqui não há uma tortura física como no caso de Viedma, embora, certamente, uma pressão, uma tortura moral; ou entram em uma exaustiva discussão legalista ou os deportam. E essa exaustiva discussão legalista perdem-na após sete longos anos, apesar do apoio moral de todo o mundo.

Com a morte na cadeira elétrica de Sacco e Vanzetti, a justiça perdeu uma grande batalha. Em nenhum momento os juízes norte-americanos puderam demonstrar claramente a culpabilidade dos dois italianos. Só existiam indícios, testemunhos. Legalmente, sem valor nem ressonância. É evidente que na sentença predominou o caráter anarquista dos acusados. Como no caso de Viedma. Sobre a culpabilidade ou não de Sacco e Vanzetti, esta nunca poderá ser esclarecida. O que certamente é indiscutível é que pertenciam a um grupo partidário da ação direta. *L’Aduana dei Refratta-*

* Benito Mussolini o fez somente para conquistar a simpatia das colônias italianas nos Estados Unidos, enquanto que internamente perseguia anarquistas, comunistas e socialistas com o óleo de rícino, a prisão, o desterro, o exílio e o assassinato político, como no caso Mateotti. [NA]

ri, de Nova Iorque, órgão dos anarquistas italianos, e que será a publicação que, em grande parte, iniciará a gigantesca campanha de agitação mundial, a que dará o grito de alarde: era um periódico que manifestava abertamente ser partidário da ação direta. Tanto é assim que, anos depois, defenderia as atitudes de Severino Di Giovanni e seu grupo em Buenos Aires quando por aqui os próprios órgãos anarquistas atacavam-no ou calavam-se. Talvez a palavra definitiva sobre o caso Sacco e Vanzetti fora dada pela minuciosa investigação feita pelo escritor e jornalista Francis Russel, *Tragedy at Dedham*, publicada em 1962 e elogiada como um trabalho sério por toda a imprensa europeia. Francis Russel opina que – juízo que é também citado por James Joll – Sacco era um “expropriador” convicto e atuava dessa maneira para obter fundos à causa, e é quase certo que tanto ele como Vanzetti – quem sempre dava refúgio sem perguntar ao perseguido se era ou não um expropriador – foram eliminados porque eram perigosos agitadores.

Mas aqui, na defesa que fizeram os anarquistas de Sacco e Vanzetti, houve indubitavelmente uma dualidade. Foram defendidos por que eram inocentes ou porque eram anarquistas? E se fossem considerados culpados do assalto com fins de obter fundos para propaganda, para seus presos e para greves, teriam defendido igualmente desde as colunas da “imprensa oficial” do anarquismo argentino?

A mesma dualidade ia apresentar-se com a epopeia delitativa de Buenaventura Durruti.

Em 18 de outubro de 1925, três indivíduos “de maneira cinematográfica”, como dirá La Prensa, introduzem-se na estação de bondes Las Heras, do Anglo, em pleno bairro Palermo. Um deles vai mascarado. Os três sacam suas pistolas e ameaçam os tesoureiros que, nessa madrugada, acabavam de fazer a recontagem geral da venda das passagens. Gritam “mãos ao alto” com forte sotaque espanhol. Exigem o dinheiro. Os empregados balbuciam dizendo que já está no cofre. Exigem as chaves. Não, o chefe, que já havia se retirado, é quem as possuía. Os assaltantes falam entre si. Retiram-se.

Ao saírem, levam do guichê uma bolsa que um guarda havia acabado de deixar: contém 38 pesos em moedas de dez centavos. Fora do local, há alguém de campana e mais adiante um carro que os espera. Desaparecem sem dar chance de perseguição.

Quem dirigiu esse fracassado assalto, que somente lhes rendera 38 pesos em moedas (evidentemente, algo deprimente para os assaltantes que atuaram com absoluta precisão, mas que falharam no último detalhe) é nada menos que Buenaventura Durruti, quem, onze anos depois, irá se converter no personagem mais lendário da guerra civil espanhola, o guia indiscutível dos anarquistas espanhóis e dos anarquistas de todo o mundo que foram à Espanha a fim de defender a República do levante de Franco. Durruti, o comandante da Coluna Durruti, aquele que salva Madri vindo desde Aragón e que derrota, com três mil milicianos de mau aspecto, todo um exército disciplinado com oficiais de Estado-Maior, generais de uniforme que estudaram táticas e estratégias e suas tropas disciplinadas.

Esse pistoleiro das 380 moedinhas de dez centavos será aquele que, após morrer na frente da Cidade Universitária de Madri, receberá as mais imponentes exéquias que jamais havia recebido um líder operário na Espanha. James Joll dirá: “A morte de Durruti privou os anarquistas de um de seus mais reputados e cruéis heróis lendários; seu funeral, celebrado em Barcelona, proporcionou o espetáculo da última grande manifestação do contingente anarquista, integrado por duzentos mil adeptos, que desfilaram pelas ruas da cidade e que fez recordar uma manifestação similar ocorrida quatorze anos antes em Moscou quando do enterro de Kropotkin, que deu aos anarquistas russos a última oportunidade de exibir em público sua força, antes que os comunistas investissem contra eles.”

E por ironia do destino, ou por essas adequações às circunstâncias que têm que fazer os homens de ideias, o intelectual anarquista Diego Abad de Santillán – um dos homens que atacou violentamente os “expropriadores” nas fileiras

dos libertários ativos na Argentina – chamará, em 1969, aquele pistoleiro dos 38 pesos em moedinhas de: “Buena-ventura Durruti, o cavaleiro sem medo e sem máculas”.

A polícia portenha está desorientada. Pistoleiros com sotaque espanhol? Não há ninguém registrado com essas características. Interroga elementos de gangues e tampouco consegue alguma coisa. Ninguém os conhece. Como a investida foi irrisória, a polícia sabe que logo darão outro golpe.

E isto acontece em 17 de novembro de 1925, apenas um mês depois do assalto à estação Las Heras. Minutos antes da meia-noite, o cobrador de passagens Durand da estação subterrânea Primeira Junta, em Caballito, terminou de recountar o dinheiro da arrecadação do dia. Falta ainda o último serviço que vem desde o centro para finalizar sua tarefa. Imediatamente se aproxima um desconhecido que saca lentamente uma pistola e diz ao cobrador com sotaque espanhol: “Cale a boca!”, enquanto outro irrompe o guichê e apodera-se de uma caixa de madeira onde habitualmente é guardada a arrecadação. Tudo dura apenas alguns instantes. Os desconhecidos dão as costas e dirigem-se até a saída pela rua Centenera. Mas o cobrador Durand começa a gritar com todos os seus pulmões: Socorro! Ladrões! É então quando um dos assaltantes volta-se e faz um disparo para o ar a fim de amedrontá-lo e para que não inicie uma perseguição.

Esses gritos e esses disparos foram ouvidos por um agente que está fora de serviço em Rivadavia e Centenera. E imediatamente corre para ver o que está acontecendo enquanto desencapa a arma. Mas os assaltantes levam vantagem. Há outros dois desconhecidos fazendo-se de “campanas” nas duas entradas da estação subterrânea e um deles quando vê que o agente tem uma arma na mão e que vai de encontro aos outros dois que realizaram o assalto e que já saem pelas escadas, descarrega dois tiros que atingem o alvo.

O agente cai no chão feito chumbo. Os quatro assaltantes correm até um táxi que os espera em Rosário e Centenera. Mas o motorista não consegue fazer o carro pegar e, depois

de valiosos minutos de espera, os desconhecidos saem do veículo e começam a correr pela rua Rosário em direção ao leste, e desaparecem.

O assalto foi em vão. Igual fracasso que na estação Las Heras. O dinheiro da arrecadação não havia sido colocado, como habitualmente ocorria, na caixa de madeira, senão em outra, de ferro, debaixo do guichê. A caixa de madeira não continha nem sequer uma moeda de dez centavos.

Nesse momento as coisas mudam. Para a polícia, os assaltantes de Caballito são os mesmos da estação Las Heras, por suas características físicas e pelo sotaque espanhol. E nesse último assalto um agente cai morto: o cabo Nuñez.

A polícia chilena acaba de enviar à Argentina as fotos e os antecedentes de um bando de assaltantes espanhóis, ou mexicanos ou cubanos, que em 16 de julho desse ano levaram 46.923 pesos chilenos do Banco do Chile, sucursal Matadeiros. Os desconhecidos, imediatamente após apoderarem-se do dinheiro, fugiram em alta velocidade em um automóvel, fazendo disparos no ar e criando uma grande confusão nesse populoso lugar. Um empregado do banco conseguiu agarrar-se ao automóvel no momento em que este arrancava. Um dos assaltantes grita-lhe para que saia, mas o empregado não recua. Então o fazem sair com um tiro.

Além de todos esses detalhes, a polícia chilena informa a seus colegas argentinos que o bando era integrado por cinco homens, um dos quais embarcou em Valparaíso rumo à França e os demais se dirigiram à Argentina. Em Santiago do Chile foi descoberta a pensão onde viviam. A proprietária do lugar declarou: “eram cinco homens educados, seguidamente falavam de lutas sociais e chamavam-se a si mesmos revolucionários espanhóis e que percorriam os povos da América em busca de fundos destinados a financiar a derrocada da monarquia espanhola”.

Os quatro que foram à Argentina portam documentos com os nomes de Ramón Carcaño Caballero, mexicano; José Manuel Labrada Pontón, cubano; Manuel Serrano García, de Valência, Espanha e Teodoro Pichardo Ramos, mexicano.

Com as fotos em mãos, a polícia Argentina mostra-as aos assaltados da estação Las Heras e da Primeira Junta: sim, não têm a menor dúvida, são eles. Inicia-se então uma incansável investigação. Pensões, hotéis e casas que alugam quartos são averiguadas em busca dos estrangeiros. Mas não se obtém nenhum resultado positivo. Intervém também a Ordem Social que detém anarquistas de ação para obter algum indício. Mas não consegue tirar nada a limpo.

Em todos os ônibus e bondes que cruzam linhas subterâneas são colocados cartazes com fotos dos quatro estrangeiros, os quais La Prensa, após o assalto à Primeira Junta, assim os descreve: “todas as pessoas que viram na madrugada de ontem aos assaltantes coincidem dizendo que se trata de indivíduos de bom aspecto; vestem-se corretamente bem e nenhum deles parece ser suspeito. Mais ainda, sua presença é bem simpática”.

A polícia tem duas teses: ou arrancaram-se de imediato após o assalto, para o Uruguai ou para o Brasil, ou, por não terem obtido nada nos dois assaltos, estão esperando para fazer outra operação. A segunda das teses seria revelada como certa.

“Quando alguns habitantes da tranquila cidade de San Martín estavam almoçando e outros protegendo-se dentro de suas casas das inclemências do sol e do calor, um grupo de foragidos armados com carabinas parou em frente à porta de entrada da sucursal do Banco da Província, defronte da praça principal”. Assim começa La Prensa de 19 de janeiro de 1926 a descrição do famoso assalto ao Banco de San Martín, que tão comentado fora em sua época.

Sete desconhecidos (quatro deles com capuzes) saem de um automóvel Fáeton na esquina de Buenos Aires e Belgrano, a duas quadras da delegacia. Quatro adentram no banco e os outros três, com armas pesadas, colocam-se na entrada principal. É um assalto bastante curioso, tal como de bandedeiros, porque os três que ficaram fora, quando veem que se aproxima algum pedestre desprevenido, apontam-lhe silenciosamente suas armas. Os desprevenidos, ao princípio, pensam que se trata de uma piada mas quando veem que a

coisa é séria, saem em disparada. Enquanto isso, os quatro que entraram trabalham rapidamente. Abordam os guichês, revistam as caixas dos tesoureiros e vão juntando todo o dinheiro que encontram. Nem se incomodam em olhar o cofre. Obtêm 64.085 pesos. Os empregados bancários, quando veem adentrar os assaltantes, obedecem quando uma ronca voz espanhola grita: “Aquele que se mover... o abatemos!”

Mas dois dos bancários, que se arremessaram detrás dos guichês, tratam de sair engatinhando por uma porta traseira. É quando um dos mascarados os vê e, sem titubear um instante sequer, dispara matando ao empregado Rafael Ruiz e ferindo ao outro.

Com o dinheiro obtido, escapam com o automóvel. São perseguidos, mas resguardam sua retirada a balaços, não economizando pólvora.

A polícia está ante um novo feito. Desta vez desconserta-se pelo número de assaltantes: sete mais um motorista. Isto significa então que o bando vindo do Chile encontrou por aqui novos colaboradores. Estão no meio das investigações quando surge a grande notícia no Departamento Central da Polícia. Há um grande nervosismo e jornalistas são convidados para uma conferência de imprensa.

Foi recebida uma resposta das autoridades policiais de Barcelona acerca dos quatro assaltantes da estação de bondes Las Heras, da Primeira Junta e do Banco do Chile: não são nem mexicanos nem cubanos – diz a polícia de Barcelona – senão espanhóis e os quatro nomes dados são falsos. Esta é a verdadeira identidade: Ramón Carcaño Caballero é, na realidade, Buenaventura Durruti, nascido na cidade de León, em 14 de julho de 1886, motorista; Teodoro Pichardo Ramos é Francisco Ascaso, de Almudévar, Huesca, nascido em 2 de abril de 1901; Manuel Labrada Pontón é Alexandro Ascaso, de Almudévar, Huesca, irmão do anterior, nato em 17 de outubro de 1889; Manuel Serrano García é Gregório Jover Cortés, nascido em Valência, em 1892. Acrescenta a polícia de Barcelona que se trata de: “um bando temível de anarquistas que durante muito tempo atuou em Barcelona onde cometeu numerosos assaltos, roubos e assassinatos”.

Além disso, Ascaso é indicado como sendo o autor da morte do cardeal Soldevila, de Zaragoza.

Logo, com o apoio das polícias mexicana e cubana, reconstruir-se-á toda a trajetória desse grupo anarquista espanhol que começa assaltando ao Banco de Gijón, na Espanha, para obter fundos à luta que os libertários espanhóis levam contra a ditadura de Primo de Rivera. De Gijón passam ao México onde realizam um assalto com êxito na Carolina, episódio no qual resulta morto um dos assaltados, dali dirigem-se a Cuba onde assaltam também com êxito um banco. Em Havana, embarcam no navio a vapor “Oriana” e viajam até Valparaíso, Chile, onde chegam em 19 de junho de 1925. Lá trabalham em diversos ofícios até que em 11 de julho assaltam o Banco do Chile em Santiago. Voltam a trabalhar como operários até que, em princípios de agosto, viajam de trem até Buenos Aires.

Tudo está esclarecido. Agora resta prendê-los. Aqui já está em jogo uma questão de prestígio internacional. Com a certeza de que se trata de anarquistas, as investigações dirigem-se ao setor ideológico que, sabe-se, é partidário da violência e da expropriação. Além disso, são vigiados atentamente os lugares por onde Durruti pode abandonar o país.

Mas a polícia argentina não terá a satisfação de prendê-los. Embora os franceses sim. Cinco meses depois do assalto ao Banco de San Martín, um cabo de Paris informava que a polícia francesa havia desmantelado um atentado anarquista contra a vida de Alfonso XIII, rei da Espanha, durante a visita que este fazia à França. De fato, dois anarquistas espanhóis, Francisco Ascaso e outro que se diz chamar “Duretti”, foram detidos num humilde hotel de Clichy com planos e armas que evidenciavam seu propósito de realizar um atentado em grande escala contra o monarca espanhol.

Essa informação abala a polícia argentina, que deseja vingar a morte do cabo Nuñez, morto no assalto à Primeira Junta, e dirige-se a seus colegas franceses solicitando-lhes detalhes de como Ascaso e Durruti chegaram à França, com quais passaportes e que tratem também de deter a Jover Cortés e ao irmão de Ascaso.

Respondem os parisienses que Francisco Ascaso chegou a Cherburgo em 30 de abril de 1926, de barco, da mesma forma que Buenaventura Durruti. Dias depois os franceses conseguem deter também a Jover Cortés. Os três chegaram com passaportes uruguaiois: o primeiro com o nome de José Cotelos*; o segundo, de Salvador Arévalo, e o terceiro, de Luis Victorio Repetto. Os três passaportes foram obtidos no consulado do Uruguai em Buenos Aires.

Para a polícia argentina a coisa é bastante fácil: José Cotelos é um anarquista uruguaio que vive em Buenos Aires. Prendem-no poucas horas depois. Cotelos reconhece que em 1º de abril obteve um passaporte uruguaio em seu nome, mas que horas depois o havia perdido, tendo possivelmente deixado cair de seu bolso. Uma explicação tão ingênua que não fez nada mais que indignar aos investigadores, que lhe dizem que ele irá pagar todos os pratos quebrados por Durruti e companhia. Mas Cotelos manterá sua ingênua resposta. Os outros dois nomes, Arévalo e Repetto, pertencem também a ativos anarquistas – o primeiro é padeiro – do Uruguai que atuam em Buenos Aires. Mas estes dois últimos não são encontrados. Cotelos, após centenas de interrogatórios infrutíferos, é posto em liberdade pelo juiz, depois de várias semanas de calabouço.

Mas a polícia não se dá por vencida, ao menos até conseguir obter a extradição de Durruti, Ascaso e Jover. Altos oficiais da polícia foram até o próprio presidente Alvear para solicitar-lhe que exerça sua reconhecida influência em Paris – onde fora por longos anos embaixador – a fim de obter a rápida entrega dos três anarquistas. Para acelerar os trâmites, são enviados a Paris três dos melhores homens que as fileiras policiais argentinas possuem: Fernández Bazán, Romero e Carrasco. E a chancelaria argentina solicita oficialmente a extradição ao governo francês. Após longos trâmites e vacilações, os franceses assentem e comunicam

* Jose Cotelos virá a ser anos mais tarde um dos fundadores da FAU (Federación Anarquista Uruguaya). [NA]

ao ministro argentino em Paris, Alvarez de Toledo, que Durruti, Ascaso e Jover estão à sua disposição. Então, um navio de guerra da marinha argentina é preparado, o “Bahia Blanca”, para trazê-los a Buenos Aires.

Os anarquistas – por intermédio de La Antorcha – denunciarão que a real intenção de tudo isso é uma manobra dos governos argentino, francês e espanhol. Dizem: “Na infame confabulação em que se joga a sorte de três homens, companheiros nossos – Ascaso, Durruti e Jover – como em toda partida na qual intervêm jogadores profissionais em conluio, há, além dos que aparecem – França e Argentina – outro jogador profissional mais sinistro que, ao parecer, não participa no jogo, mas cujas inspirações seguem e a cujo serviço estão aqueles. Este é a Espanha. Por guardar as formas, já que não existe tratado de extradição, França não a concedeu à Espanha. Mas solidários em tudo, os governos, quando se trata de perseguir subversivos, sentem indiretamente satisfação concedendo a extradição à Argentina, com o qual o governo francês cumpre um duplo objetivo: obtém da Argentina, em troca da extradição outorgada a despeito de todos os requisitos legais, uma prorrogação no pagamento da dívida de guerra por compras de trigo, e compraz, ao mesmo tempo, o governo espanhol que confia obter da Argentina a extradição dos três espanhóis, já que existe entre ambos países um tratado de extradição, caso contrário, serão condenados por aqui”. O diário termina dizendo: “Tutti contenti, pues”.

Quando os três jovens anarquistas são comunicados que serão entregues à polícia argentina, não se importam, mas são conscientes de que devem mobilizar-se de imediato; não perder um segundo sequer. Recorrem a todos os meios: desde greve de fome, de protestos, até chamados de solidariedade e cartas a todos os movimentos anarquistas do mundo. Com grande êxito, inicia-se uma campanha formidável por Ascaso, Durruti e Jover que, em determinados momentos, encobre a que se realiza por Sacco e Vanzetti nessa mesma época.

“Ascaso, Durruti e Jover, os novos Sacco e Vanzetti!”, escrevem todos os diários anarquistas do mundo. Na Argentina a repercussão é imediata, protestos são organizados, publica-se um folheto (em uma semana 20 mil exemplares esgotam e de imediato 30 mil novos são impressos) onde se argumenta que Ascaso, Durruti e Jover nunca estiveram na Argentina e que aquilo dos assaltos são mentiras e invenções para cobrir os fracassos da polícia argentina. Na França, todos os impressos – salvo os de direita – exigem a liberdade dos três e dizem que é inconstitucional a entrega à Argentina. Os intelectuais franceses (liberais, socialistas, comunistas e anarquistas de todo tipo) firmam manifestos pelos “três esforçados que somente buscam a liberdade de sua pátria”. No parlamento francês, o assunto tem um eco imediato e deputados socialistas apresentam um projeto de reforma na lei de extradição.

O governo francês vacila. Tem demasiados problemas internos para criar outro novo. Busca, então, um “impasse” e determina que não seja levado a cabo a extradição até que certos trâmites legais sejam cumpridos. O primeiro *round* está ganho. Mas a polícia argentina pressiona o presidente Alvear. Desta vez não quer perder a batalha. Por sua própria conta, proibira todo ato que se faça em favor dos anarquistas em Buenos Aires. La Antorcha, o Comitê Pró-Presos Sociais e as associações autônomas de padeiros, gesseiros, pintores, motoristas, carpinteiros, sapateiros, lavadores de automóveis e lustradores de bronze, o Comitê de Relações entre Grupos Italianos (que orientam Severino Di Giovanni e Aldo Aguzzi) e o Grupo Búlgaro, não se intimidam pelas ameaças policiais e organizam protestos “relâmpagos”. E, nesse sentido, os anarquistas são personagens um pouco extravagantes. Aplicam métodos realmente insólitos, por exemplo, programam um ato na Plaza Once e o anunciam. Evidentemente, a polícia cerca o lugar com a polícia montada e dissolve o grupinho mais insignificante. Então, sai do subterrâneo um anarquista e se apoia nas grades da saída do túnel em direção à praça enquanto outros dois, desde as

escadas, rapidamente atam-no com correntes em tais grades. O anarquista fica impossibilitado de mover-se e nesse momento então começa a falar com um desses vozeirões tremendos, exercitados em centenas de assembleias e atos públicos onde não se utilizava nem amplificadores nem qualquer sistema elétrico para chegar ao público.

— *Aqui, vinde escutar, aqui estamos, os anarquistas, para gritar a verdade sobre os companheiros Durruti, Jover e Ascaso!*

Os policiais corriam ao lugar de onde partiam as vozes e descobriam o incrível espetáculo de um homem crucificado com correntes, que falava como uma metralhadora. Enquanto reagem, solicitavam ordens e se consultavam, e o anarquista falava às mil maravilhas aos transeuntes que o olhavam com olhos atônitos e boquiabertos.

O primeiro intento policial, sempre, era tratar de silenciar o anarquista com violentas pauladas, mas como ele seguia com sua prédica, aquilo adquiria formas de um espetáculo público nem um pouco conveniente. Isso de agarrar a um homem atado e indefeso revolveria o estômago de qualquer um. O segundo intento era tratar de tapar-lhe a boca, algo complicado porque o ácrata se safava e então as palavras saíam-lhe entrecortadas formando um espetáculo mais grotesco ainda que ia reunindo cada vez mais curiosos. Ao final, a polícia tinha que engolir e esperar pacientemente até chamarem um ferreiro do Departamento Central que, por sua vez, demorou cerca de uma hora para serrar as correntes.

Enquanto isso, evidentemente, o orador proferia três ou quatro discursos tocando todos os temas: Ascaso, Durruti e Jover, Sacco e Vanzetti, Radowitzky, os presos de Viedma, atacava ao presidente Alvear (a quem os ácratas chamavam de “La buscona”^{*} e “Cem quilos de manteiga”), aos policiais (“burros, milicos selvagens”), a Carlés (“o honorável sem-vergonha”), aos integrantes da Liga Patriótica (“crianças armadas, crápulas invertidos”), a Leopoldo Lugones (“ave de

^{*} Buscona: rameira, meretriz ou também, ladrão manhoso. [NT]

bico ganchoso e plumagem parda”), ao comunismo (“cretinismo autoritário”), aos militares (“orangotangos idiotas”), etc., etc. Como se vê, ninguém se salvava!

A defesa de Durruti e seus companheiros era – evidentemente e sem querer – a defesa do anarquismo expropriador, do direito que condizia aos libertários de “expropriar” para fazer a revolução. Os anarquistas da linha “antorchista” sabiam muito bem que Durruti tinha estado na Argentina e que tinha dirigido três assaltos. Por isso resulta um pouco ambígua a defesa “moral” que fora usada neste caso: argumentava-se sempre que eram inocentes, que os três eram incapazes de atuar em atos delituosos. Ou seja, não eram defendidos como revolucionários, não se defendia a ação deles senão que, simplesmente, dizia-se: são inocentes, são novas vítimas da justiça burguesa.

Tal fato chama poderosamente a atenção. La Antorcha foi pela ação violenta não tão abertamente, mas defendia os homens que a praticaram fazendo-os passar por dóceis cordeirinhos. Foi uma linha que se manteve, durante todos aqueles anos violentos, até o seu desaparecimento em 1932. Na Argentina houve uma só publicação que defendera sem meias palavras a expropriação e a ação sobre a base da violência: o periódico italiano *Culmine* editado por Severino Di Giovanni.

E outra coisa que chama a atenção é que, enquanto na França toda a intelectualidade liberal e as organizações políticas de raiz liberal inclinam-se na defesa de Durruti, Ascaso e Jover, o próprio anarquismo argentino tem seus pontos de vista divididos: os moderados de La Protesta, orientados por López Arango e Abad de Santillán, dirão num editorial em fins de 1926: “A manifestação contra a extradição de Ascaso, Durruti e Jover não entra na égide da ética anarquista”. Com isso ficava claramente selada a guerra à morte que o decano da imprensa anarquista de nosso país levaria contra todo aquele que dentro da ideia libertária propusesse o assalto, o roubo ou a falsificação de dinheiro como meios para chegar ao propósito revolucionário.

Em abril de 1927, o governo francês sobrepõe-se às ameaças e manifestações populares e resolve confirmar a extradição à Argentina dos três espanhóis. O mesmo faz a Câmara de Apelações de Paris. Júbilo na polícia argentina.

Tudo fora por água abaixo. Ao confirmar a notícia, La Antorcha se doerá: “Carne às feras, senhores governantes da emputecida França que trafica com as vidas humanas!”.

Mas não somente se pegam com a França como também com a Argentina. E o mesmo Antorcha dirá sobre a Argentina: “Um país bárbaro, incivil, sem garantias individuais ou coletivas, onde todos os abusos, todas as violências de cima têm fácil e imediato pretexto nele mesmo, isso é a Argentina”. E mais adiante: “A Argentina é um país imensamente estúpido, sem consciência moral relevante, sem o menor atributo nem sentido de justiça. Aqui somente existe um infame medo que governa e um mais infame ainda medo que obedece. A única garantia é a da covardia reinante, da mentira reinante, da canalhice reinante”.

O ministro argentino em Paris, Álvares de Toledo, comunica ao governo francês que será feita a incumbência dos detidos o mais breve possível e que para tal um navio de guerra argentino aportará em Le Havre. Não seria preciso dizer o que a imprensa anarquista francesa como a argentina empreendem contra Álvares de Toledo e La Antorcha mostra as roupas sujas ao sol acusando-o de haver cometido “irregularidades na administração pública”. Acusam a Alvear argumentando que obteve da França as extradições em troca de um atraso no pagamento das dívidas de guerra que a França tem com a Argentina por compra de alimentos.

O Comitê Pró-Presos Sociais prepara-se para defender os três espanhóis assim que pisam em território argentino. Esse organismo adverte a opinião pública que a Cruz Vermelha Internacional também se coloca na defesa de Durruti e seus companheiros, coisa que ninguém autorizara já que os detidos são anarquistas e nada têm que ver com os comunistas. E faz perceber aos da Cruz Vermelha que melhor fariam se defendessem aos anarquistas presos na Rússia.

A agitação em Buenos Aires por Ascaso, Durruti e Jover é cada vez mais intensa e une-se à campanha por Sacco e Vanzetti. Alvear se dá conta de que quando os três espanhóis aportarem serão outro fator de perturbação num ambiente trabalhista já bastante agitado como é o de 1927. Convém trazê-los? Com qual propósito? Somente para satisfazer aos policiais? Alvear é mais vivo que esses norte-americanos que se meteram no atoleiro de Sacco e Vanzetti e que ganharam a ira de todo o mundo civilizado. Vale a pena trazer os três “galegos” para julgá-los aqui? Não, evidentemente que não. Já é suficiente com os problemas que Radowitzky traz de Ushuaia como para introduzir outro fator irritante e dar nova oportunidade aos anarquistas para que joguem mais bombas, organizem mais manifestações e declarem novas greves. Alvear sabe que os anarquistas mentem quando argumentam que Durruti e companhia são três anjinhos que nada fizeram na Argentina, e que a polícia quer cobrar a morte de um companheiro. Mas, por outro lado, está o fato de que a detenção na França deveu-se a um crime eminentemente político e incomum, como o de haver preparado um complô contra o adoentado Alfonso XIII.

E tudo se ajesta de maneira altamente diplomática. França dará um mês de prazo à Argentina para que faça a embarcação dos réus. A Argentina demora em responder e solicita que, como nesse prazo não pode dispor do navio, envie os detidos com escolta da polícia francesa. O governo gaulês se nega a isto e os dias vão passando. Então, um clima de descontentamento surge do governo argentino para com o francês: se os presos não vêm é por culpa da França. E vice-versa: se os presos não vão é pela indolência do governo argentino. Os dias passam e o prazo se cumpre. Todos terminam bem tirando-os das costas: Ascaso, Durruti e Jover são postos em liberdade em Paris, mas imediatamente deportados para a Bélgica.

Evidentemente, grande algazarra entre os anarquistas que o festejam como grande triunfo. E não economizam palavras nem zombarias, dirá La Antorcha num artigo intitula-

do “O Resgate” que: “[...] a partida empenhada entre o povo francês e argentino e os respectivos governos e polícias deu-se pelo forçado abandono destes, favoravelmente à causa da liberdade e da justiça. Os governos encobrem sua derrota nos costumeiros pretextos necessários para salvaguardar a Razão de Estado. O governo francês, sob pretexto de aguardar a projetada legislação sobre a matéria, cedeu ante a opinião pública anulando várias vezes a extradição. E o argentino, por sua vez, temeroso em afrontar a pressão popular do país e do mundo, que não deixaria de manifestar-se vigorosamente, não insistiu na demanda, com a qual Ascaso, Durruti e Jover foram postos em liberdade e ambos governos e polícias se dão ares de não terem sofrido uma derrota. É como no xadrez, o abandono do jogo ante o xeque-mate iminente. Resgatamos a três companheiros nossos, a quem se atribuía ameaças terríveis. Uma emoção plena e jocosa excita nossos corpos na glória triunfal da alegria da reintegração à ação e a da derrota reacionária. Dupla alegria na qual temperamos nossa coragem para prosseguir a ação de hoje e de sempre pelo resgate de todos os nossos: Sacco e Vanzetti, Radowitzki... Enquanto, os policiais no remorso da derrota preparam-se, mordendo iras, para nos fazer pagar duramente o primeiro sintoma de debilidade, nossa vitória e seu fracasso. Esforcemo-nos em fazer com que eles mordam, com seus afiados dentes de cães espumantes de raiva, mais frequentes derrotas suas, vitórias nossas, do povo”.

Durruti e seus companheiros continuarão sua luta em outras terras, mas não retornarão mais à Argentina (embora em 1933, a polícia – propositalmente ou por equívoco – os faz ressurgir organizando o assalto contra o Banco de Londres, em Flores). Mas, ainda que não retornassem, sua influência no anarquismo expropriador foi decisiva.

No assalto à sucursal do Banco Nación em San Martín, haviam atuado juntamente com Durruti dois anarquistas do meio argentino: Miguel Arcángel Roscigna e Andrés Vázquez Paredes. E estes dois seriam agora os protagonistas do mais falado assalto da década de vinte: o do Hospital Rawson.

Como se explica que Miguel Arcángel Roscigna, um operário metalúrgico altamente qualificado – era ferreiro de obras –, apreciado por seu patrão devido sua concentração no trabalho, ao seu cumprimento, ao fato de nunca faltar malgrado sua agitada vida sindical e ideológica, se dedicasse ao assalto em bando? Tinha um lar feliz – era um bom pai – e uma casa simples, mas com todas as comodidades. E então?

Quem era, como era Roscigna? Um de seus companheiros, Gino Gatti, dissera: “A vida de Miguel Arcángel Roscigna, vista agora à distância, foi um verdadeiro poema épico, um canto à solidariedade”. Emilio Uriondo – um dos anarquistas mais coerentes com sua ideologia e formado ao lado de Roscigna – o qualificara como: “o mais inteligente de todos os anarquistas de ação, o mais desinteressado, um homem que na vida burguesa poderia ter vivido uma existência cômoda e sem sobressaltos, mas que preferiu abandonar tudo para arriscar-se pela ideia”. O mesmo Abad de Santillán, inimigo dos expropriadores, disse de Roscigna: “era um homem capaz, inteligente, decidido, generoso, por isso nós lamentamos muitíssimo quando se viu envolto em feitos que o levariam à sua definitiva perdição”.

Assim como Severino Di Giovanni era um anarquista para o qual seu ideário estava acima de qualquer coisa e que considerava inimigo seu todo aquele que não fosse anarquista (e também todos os anarquistas que não participavam da ação direta tal qual ele entendia), Roscigna era cerebral e tentou tirar proveito dos interesses em comum da sociedade para enfrentá-los. Mas Roscigna não condescendia em duas coisas: no trato com a polícia (segundo ex-oficiais da Ordem Social, Roscigna, Nicola Recchi e Umberto Lanciotti eram capazes de suportar qualquer tipo de tortura sem amolecer um instante sequer) e no trato com os comunistas.

Em maio de 1925, Roscigna publicou um escrito intitulado “Anarquistas Incongruentes” onde qualifica duramente os ácratas italianos que fazem parte do Comitê Antifascista junto a socialistas, liberais e comunistas: “Não é admissível que atualmente reste um só anarquista militando na ignorância do que é e do que aspira a ser o partido comunista.

Milhares de companheiros mortos, presos e proscritos: eis aqui o balanço sinistro do governo que na Rússia exerce uma ditadura não menos leviana que a do fascismo na Itália”. E mais adiante acrescenta: “É que os companheiros ignoram a tradição de opróbrio e a obra nefasta desenvolvida por esses maus pastores dentro das organizações operárias rebeldes deste país? Eles vão reconhecer o trabalho de ‘bombeiros’ desenvolvido pelos comunistas durante o inesquecível episódio da tomada das fábricas na Itália? Ignoram o massacre diário que, como uma reeditada Kronstadt, abate-se silenciosa e inexorável sobre tudo aquilo que representa uma oposição ou simples discussão às ordens emanadas dos novos amos da Rússia, mesmo quando ela é expressa pelos mesmos criadores do comunismo que pretendem conservar-se em um terreno de honesta coerência?”

Finaliza pronunciando-se contra toda aliança com quem “como antítese de nossos propósitos de liberdade propagam somente autoridade”. Essa linha cerradamente anticomunista da esquerda combatente do anarquismo irá transformar-se mais tarde – em um setor – por obra de Horacio Badaraco, um homem de La Antorcha, hoje injustamente esquecido.

Em julho de 1927, os anarquistas deixam loucos todos aqueles que têm qualquer coisa de norte-americano, pelo assunto de Sacco e Vanzetti. Os atentados terroristas acontecem um após o outro. A polícia acredita que o instigador de toda a campanha é o italiano Severino Di Giovanni, mas não deixa de suspeitar desse outro anarquista de aspecto tranquilo que se chama Miguel Arcángel Roscigna. Este, em 24 de julho desse mesmo ano, comete a estupidez de ir dormir em sua casa, em César Díaz 4585. Lá é detido pelos empregados de investigações da Ordem Social. Já sabem que não poderão provar nada, mas querem “provar um pouco”. Além disso, receberam informes da polícia uruguaia de que Roscigna, junto com Emilio Uriondo, são os que colocaram a bomba na delegação dos EUA no Uruguai e os que prepararam um artefato explosivo dentro de um livro – uma verdadeira obra de arte bombástica – para ser enviada ao diretor da penitenciária de Ushuaia.

Já Roscigna é detido vários dias na Ordem Social. Mas a única coisa que conseguem tirar são mentiras: diz com cara de inocente que abandonara as ideias anarquistas, que sua atuação nas lutas operárias são coisas da juventude e que já tem 36 anos e agora se dedica ao estudo da avicultura porque logo instalará um criadouro.

Com homens assim, irredutíveis, a polícia tem duas saídas: ou liquidá-los diretamente (Lei Bazán) ou soltá-los e segui-los para descobrir seu esconderijo, surpreendendo-os com a mão na massa para que desta forma nenhum juiz possa libertá-los por falta de provas.

Os homens da Ordem Social, dedicados à caça de Di Giovanni, não insistem com Roscigna. Grave erro deles. Isso irá dar-lhes uma terrível dor de cabeça. E os converterá em palhaços para a população apenas dois meses depois.

Quando a justiça põe em liberdade Roscigna por falta de provas, este acredita haver nascido de novo. Mas sabe que é a última. O subdelegado Buzzo disse-lhe claramente: “[...] tens três possibilidades: ir para La Quiaca criar galinhas, enfiar-te em um seminário e estudar teologia ou diretamente suicidar-te, assim tu nos economizarás o trabalho, porque na próxima que nós te encontrarmos em alguma rua de Buenos Aires, te baleamos, te colocamos uma arma na mão com cápsulas servidas e te mascaramos resistência à autoridade.”

Mas Roscigna tem outras preocupações: o problema do suporte aos presos anarquistas é um desastre, não há dinheiro que chegue. Por exemplo, teve que suspender, por falta de fundos, a “mesada” diária que era enviada à Caseros e à penitenciária e que saía nada menos que cem pesos mensais por pessoa. Essa quantia tivera que ser reduzida a uma ajuda de oito a dez pesos semanais que é distribuída igualmente a todos os presos anarquistas, sejam condenados, processados, ou em averiguação no departamento central.

Apesar dessa redução, a sangria é tremenda, já que, além disso, é preciso ajudar às famílias dos presos e aos fugitivos. Por outro lado, Roscigna não se conforma com a passividade da ajuda àqueles que estão encanestrados senão que lhe se-

duz a libertação dos companheiros detidos; assim os mantêm guardados no lugar mais inexpugnável. E para isso tudo – como já dissemos – é necessário muito dinheiro. Se bem que Roscigna é um otimista para tudo, é um homem prático: é necessário fazer as coisas bem, à altura do grande.

Nesse sentido, ao lado de Durruti, aprendera muito nos poucos meses em que andaram juntos: sim, é preciso insistir com as listas de solidariedade fazendo que os operários deem todos seus centavos disponíveis para os companheiros que estão entre grades: isso habitua à fraternidade e cria uma obrigação moral revolucionária, mas por outro lado é preciso atuar e obter os fundos em atos de expropriação, sem nenhum tipo de consideração com aqueles que estão gozando da vida enquanto outros sofrem...

Roscigna quer preparar algo meticulosamente para que valha a pena fazê-lo, isto é, que dê bom lucro, sem muito ruído. Para tal, conta com seu incondicional amigo Andrés Vázquez Paredes, um jovem espanhol decidido, de ideias claras, inteligentes. Tem atrás dele uma vida bastante ativa na luta do sindicato de pintores, perito na fabricação de bombas, que fora detido pelos atentados terroristas de 1921 na campanha de Radowitzky. O mesmo Vázquez Paredes foi quem facilitou a bomba ao anarquista alemão Kurt Wilckens com qual matou o tenente coronel Varela.

Mas, embora tendo Vázquez Paredes, faltava-lhe um homem fundamental: Emilio Uriondo, preso no presídio de Punta Carretas, em Montevidéu, pelo atentado contra a delegação dos Estados Unidos.

A figura de Emilio Uriondo é um desmentir para todos aqueles que dizem que o movimento anarquista na Argentina foi exclusivamente estrangeiro. Uriondo é crioulo de linhagem pura: Emilio Adelmo Uriondo, dos rincões de Magdalena. Nele se une todo o positivo de nosso homem autóctone: nobre, que não tira o corpo fora jamais quando estão em jogo os amigos ou os princípios da lealdade, inteiro sempre.

Mas sobre essa base tem a astúcia do crioulo, essa intuição que o faz ver quem é e quem não é. Sua astúcia ele a apli-

ca na polícia, com a autoridade, porque como bom crioulo é de gênio inquieto, rebelde aos extremos: ele não aprecia que o mandem nem que o atropelem. Quem deu insígnias aos outros para que o mandem? Deus, a única benção que aos homens fora dada é sua própria liberdade, palavra sagrada. Ele necessita dessa liberdade porque respeita a liberdade dos demais. Possui uma cultura nata de crioulo, é fino, até delicado quando fala, não necessita de palavras grosseiras para expressar-se. E aguenta qualquer coisa. É capaz de resistir a qualquer dor física: sobre as largas costas de sua figura de paisano bonaerense, cairão muitos anos de Ushuaia, muitas pauladas, muitas chuvas e sóis em intermináveis fugas a pé, de noite, por regiões desoladas e por montanhas, muitos dias de plantão nos interrogatórios de “cadeiras” com torniquetes que vão se aproximando cada vez mais das pernas e das mãos pelas costas, como se faz hoje no Congo, e que causa tanto espanto nos cristãos ocidentais que olham as radiofotos nos diários. E tem outra qualidade: é estudioso, autodidata, possui uma cultura política como poucos, não se gaba dela, mas sabe muito bem o que argumentam Bakunin e Marx, Kropotkin e Engels, Malatesta e Lenin. E é um convencido de que a teoria deve vir acompanhada da ação, caso contrário, não serve para nada. Por isso, para ele, não se impressiona com a campanha dos anarquistas intelectuais que se surpreendem escandalizados ante os feitos de um Di Giovanni ou de um Roscigna.

Esse Uriondo é o homem que falta a Roscigna para dar o golpe desejado, mas está preso. Deve buscar outros. Necessita de homens de ação, e estes são poucos. Decide-se então pelos irmãos Moretti, dois homens não muito claros em suas ideias, mas que se jogaram mais de uma vez. Foram protagonistas da greve contra a Energina, companhia petrolífera. O movimento de força originou-se com os vendedores a varejo que, nos fornecedores de nafta, “expropriavam” combustível. A empresa os descobriu e os despediu. E veio a solidariedade anarquista num movimento cheio de violências que chegou a provocar polêmicas dentro do movimento

libertário. Ali surge a figura de Eliseu Rodríguez, anarquista espanhol de nítidos perfis, do qual nos ocuparemos mais adiante.

Roscigna tem seus homens: Andrés Vázquez Paredes, Vicente Moretti e Antonio Moretti, todos dispostos a segui-lo para qualquer parte.

Em 1º de outubro de 1927, à entrada do hospital Rawson, em meio às pessoas que vão e vêm, doentes e familiares, há três homens com bandagens na cabeça. Possivelmente vítimas de algum acidente. Ninguém fica surpreso com o fato de que estejam precisamente ali, na porta, talvez esperando alguém. Aquele que eles esperam é o que paga os salários, que logo deve chegar.

Os três vendados são Miguel Arcángel Roscigna, Andrés Vázquez Paredes e Antonio Moretti. A trinta metros dali, num Fáeton, espera Vicente Moretti.

Roscigna sabe que o assunto vai ser difícil. Sabe que o policial que faz a custódia do pagador é um homem de excelente pontaria; foi nada menos que campeão de tiro. Por isso é fundamental o fator surpresa. Roscigna odeia a “zaragata”, isto é, disparar por disparar e que corra sangue desnecessário.

Quando chega o carro com o pagador e este baixa com a maleta na mão acompanhado pela polícia, os três mascarados aproximam-se deles e os ameaçam com pistolas. Tudo é rápido e desgraçado. O pagador solta a maleta, um dos anarquistas pega-a e corre em direção ao automóvel. Os outros dois fazem o mesmo, mas um deles, ao virar-se, nota que o policial sacou a pistola. Num movimento instintivo leva vantagem sobre ele em pontaria: enquanto corre vê turvamente como o policial cai. Logo irão ficar sabendo através dos diários que se chamava Francisco Gatto, era agente da polícia da Capital e que falecera quase no ato.

A investida foi muita boa: 141 mil pesos. Mas antes de pensar naquilo que será feito com essa quantidade nada desprezível, é necessário fugir. Porque, apesar de várias pistas falsas, a polícia não está totalmente fora do curso. O di-

retor de investigações, delegado Santiago – grande amigo de Yrigoyen e velho inimigo dos anarquistas – disse desde o começo que isto era obra de anarquistas. E o primeiro que detém é o motorista Dositeo Freijo Carballedo, vítima compulsória de todas as investigações; quando ocorre um atentado com bombas ou um assalto, o primeiro que detém é esse espanhol que, embora não seja nenhum santo, neste caso nada tem a ver.

Roscigna compreende que chegou o momento de deixar Buenos Aires e o país e se mudar para o Uruguai, onde tem muitos bons amigos. Para isso recorre ao andaluz Bustos Duarte, um barqueiro do Tigre, incondicional aliado dos anarquistas, que meses depois será quem dará refúgio no Delta a Severino Di Giovanni quando toda a polícia o perseguirá.

Bustos Duarte está disposto. Com ele viajarão – no bote *E pur se muove* – Roscigna e os irmãos Moretti, e Vázquez Paredes tomará outro rumo. Deixarão o automóvel numa garagem de San Fernando que fora recomendado por um outro vizinho do Tigre, a quem todos conhecem como “Bebe Castro”. Os três fugitivos cruzam o Delta e passam a noite num rancho que dom Hilário Castro – pai do “Bebe” – tem em Palmira.

Mas o dono da garagem de San Fernando é um homem que trabalha dos dois lados. Após cobrar seus bons pesos para dar refúgio ao automóvel, faz a confidência à polícia. Mobiliza-se de imediato toda a diretoria de Investigações e Ordem Social. Vão até a garagem, descobrem o automóvel do assalto, prendem “Bebe Castro” e dirigem-se à casa do barqueiro Bustos. Este não se encontra, mas sua esposa sim, quem, surpreendida, responde com pormenores e circunstâncias a tudo aquilo que a polícia pergunta: reconhece Roscigna e os dois Moretti pela fotografia, o mesmo que a Vázquez Paredes, agregando que este não viajara no bote com seu esposo.

Para a polícia está tudo esclarecido. Solicita a colaboração das autoridades policiais uruguaias e envia várias comis-

sões a Colônia, Palmira, Carmelo e Montevideú. Mobilizam-se todos os meios disponíveis para a captura dos autores do assalto ao Rawson. Enquanto isso Roscigna e os Moretti, após percorrerem a cavalo os montes próximos a Palmira, alugam um automóvel e empreendem viagem a Montevideú. Contam com o assessoramento do guia Osores, um pai-sano oriental disposto a dar a pele pelos anarquistas.

Os comentários à imprensa dos delegados argentinos Santiago e Zavala enchem de otimismo a todos os que esperam a captura dos três. Vão andando em seus calcanhares e o detalhe da perseguição sai nos diários hora por hora; de Palmira dirigem-se a La Agraciada, passam por Drabble, rumo ao norte, chegam a Soriano e logo até Mercedes. Dali tomam o caminho a Montevideú e passam a noite em Cardona, num hotel justamente em frente à delegacia. De cada localidade que passam chegam notícias de testemunhas. E tudo é repercutido pelos diários. Por exemplo, La Prensa denuncia que em Carbona, no lugar denominado La Lata, os fugitivos fizeram exercícios de tiro. Diz assim, em sua edição de 16 de outubro desse ano: "Roscigna é considerado o cabeça dos malfeitores, supondo que ele tenha sobre seus cúmplices uma influência moral grande, inspirada em sua maior audácia e decisão, como também em suas condições de atirador destro e temível, como demonstrara na exibição que fez diante de algumas pessoas da La Lata (Cardona), ante as quais, a uma distância de trinta metros e usando uma winchester, mauser e revólver, perfurou o fundo de um recipiente que não tinha mais circunferência que uma moeda de dinheiro uruguaio no valor de um peso. Este exercício Roscigna encarava a partir de dois aspectos: como adestramento de uma condição que lhe poderia ser bastante útil em qualquer momento e como alarde no domínio absoluto de um esporte."

Em San José escapam por um triz de caírem no poder da polícia uruguaia que está sendo assessorada em tudo pela polícia argentina. Chegam por último em Montevideú e a primeira coisa que fazem é tomar um refresco no café De Salvo, na avenida Millán e Vilardebó. Ali se despedem do gui-

a Osores. Do café se dirigem a pé ao cabeleireiro localizado nas proximidades do mercado Agrícola, da rua José L. Terra, onde fazem a barba e imediatamente se perdem nas ruas desse bairro operário, onde vivem muitos ácratas. Essa é a última notícia que se tem.

Logo, malgrado todos os esforços, a polícia não encontrará nenhum outro rastro. Todo o otimismo se quebranta. E os diários começam então a criticar duramente a polícia por sua falta de rapidez. Crítica aproveitada para desatar uma cruel gozação contra os homens do delegado Santiago, que dirige a investigação. Em toda página coloca, por exemplo: “Em todas as partes, no Uruguai e aqui, a polícia encontra automóveis fantasmas”.

E num box intitulado “Nos domínios de Mark Twain”: “Mark Twain relatou-nos a grotesca aventura daqueles investigadores que, providos de uma lupa, seguem as pegadas de um elefante fugitivo. Abstraídos na busca, com os olhos fixos no chão, examinam as marcas que, entre tantas outras do caminho, vão deixando as pegadas do fabuloso paquiderme. Imediatamente, suas testas chocam-se contra algo de tamanho inesperado, levantam seus olhos e dão de narizes contra o elefante, recém perceptível para eles a poucos milímetros de distância e graças a um casual acidente, não obstante seu monumental volume. Algo exatamente assim é o que está acontecendo com nossa polícia – a melhor do mundo. Por ver melhor, não vê nada e quando vê algo é porque os outros se deixam descobrir. Se alguma dúvida existisse sobre a eficácia teórica de nossos detetives, ficaria desvanecida ante a infalível certeza de suas suposições. Mas já no terreno propício, o desventurado, o detalhe pertinaz, o minuto perdido, qualquer falha no tempo, o espaço e a distância, coloca entre os sabujos e a presa uma distância desconcertante. A mente do vodevilista* bulevardier mais afortunado não poderia imaginar, por certo, situações tão horripi-

* Vodevilista: referência à arte vodevilista que se apoia em apresentar acontecimentos humanos, conservando-lhes, não obstante, o aspecto externo de verossimilhança, isto é, a flexibilidade aparente da vida. [NT]

lantes e cômicas como as que nos oferece, cotidianamente, a melhor polícia do mundo, na mais espetacular das investigações.”

Com suas edições dedicadas ao assalto do Rawson e a dar detalhes da perseguição dos fugitivos no Uruguai, Crítica faz vendas extraordinárias: sua tiragem sobe constantemente, as pessoas devoram as crônicas. Parecia até que tivesse tomado partido pelos perseguidos, mas não é assim. Disso sabe muito bem Roscigna, que compreende perfeitamente que não é outra coisa que jornalismo amarelo: no fundo Crítica ataca a polícia.

Para os quatro anarquistas era conveniente que ninguém falasse deles e não sair todos os dias na primeira folha do diário mais vendido que traz páginas e páginas com desenhos de seus rostos. Mas Roscigna não é homem de se turvar. Se fosse Di Giovanni, por exemplo, este iria pessoalmente à redação de Crítica desafiando todos os perigos e exigiria ao diretor que terminasse com a campanha sob pena de meter-lhe quatro balas no corpo. Roscigna, não. Ele irá usar “Crítica” naquilo que puder. E escreve-lhe várias cartas, que Botana publica em todas as edições. Nessas cartas – que logo envia também Vázquez Paredes – abundam testemunhos, lugares e falsas testemunhas que desorientam ainda mais a polícia.

Os dias passam e Santiago, Zavala, Gariboto e todos os seus empregados de investigações têm que se dar por vencidos e regressar. Somente lhes resta esperar e ter confiança nessa insubstituível arma da polícia: os informantes. Esses seres que se encontram nas camadas sociais mais variadas: empregadas domésticas, porteiros, jornaleiros, motoristas, empregados, advogados, médicos, parentes de militares, sacristãos, mulheres santarronas, prostitutas, cafetões, toda uma gama de colaboradores gratuitos que foi a “quinta coluna” mais eficaz que tivera a polícia para derrotar o anarquismo combatente.

Poucos acontecimentos interessaram tanto ao público nesses anos como o assalto ao hospital Rawson e a perse-

guição de Roscigna e seus amigos. No Uruguai o assunto chega ao Parlamento e propõe-se um pedido de informes ao Ministério do Interior pelo fracasso da polícia oriental. Na Argentina, La Prensa joga a culpa de tudo à falta de coragem civil do povo “de agora” já que durante o assalto “ninguém se julgou digno de impedi-lo ou de capturar os delinquentes”. E, evidentemente, um feito de tal transcendência chega ao seio do anarquismo: enquanto La Protesta toma distância do assunto e “dos Roscigna e dos Moretti” – com a assinatura de Abad de Santillán – exortando os anarquistas: “a colocar fim; isolar esse foco de perversão e de desvio das ideias e dos métodos de luta; o anarco-banditismo é desgraçadamente uma verdadeira praga”. O outro periódico, La Antorcha, que dirige Gonzáles Pacheco, dirá que tudo é uma farsa policial e que nem Roscigna, nem Vázquez Paredes, nem os Moretti têm nada que ver com o assalto ao Rawson.

Para Gonzáles Pacheco tudo não é nada mais que: “[...] um sinistro propósito reacionário, um complô policial contra o anarquismo militante”, “[...] há um sinistro propósito em tudo isso, e detrás dele, um personagem igualmente sinistro: o policial Santiago. Habitado a uma vida de infâmias, este novo indutor de perseguições e violências contra o anarquismo acredita ser factível julgar-se a última carta contra nós em tal situação. Está errado e tomou o caminho errado. Não é através destes meios que se poderá desvincular o contato das classes trabalhadoras com um movimento que surgiu de seu seio e que é o único horizonte moral nesta hora do mundo. O que não venceu nem a violência, nem o terror, nem a morte, tampouco poderá fazê-lo um sinistro e, por sua vez, grosseiro complô policial”. E depois – em resposta clara aos homens de La Protesta – o mesmo González Pacheco tomará posição com respeito aos anarco-bandidos: “São bons ou são maus os delinquentes...? O que nos importa isso, companheiros...? Esta dúvida que deveria ser questionada pelo juiz, e que nunca se questiona, tem que ser superada por nós, absorvida na chama passional de nossas reivindicações: são vítimas. Sem cair em sentimentalismos frente aos que fazem ilegalismo, podemos afirmar que são sem-

pre melhores àqueles que os castigam. Regras para valorizá-los...? Se alguma pudesse ser aplicada, deveria ser esta: o chamado delinquente é mais humano que o vigilante, este menos indigno que o delegado, este ainda menos besta que seu chefe e, enfim, este último tão canalha como o presidente da República ou o rei do reino. O que encarna o poder encarna o dano. Os demais são simples categorias, elos de uma corrente que termina numa argola que aperta o pescoço daquele que caíra mais abaixo. Este cumpre os gastos do bacanal de sangue e lágrimas nas quais os demais se furtam, com suas miseráveis vidas acorrentadas. Esta é a vítima; mas não só da pena que lhe infligem os perversos, senão também daqueles homens honestos que não desonraram neles toda legalidade. Esta é a retratação que é preciso cantar frente aos delinquentes. Todo puritano, ainda que se diga anarquista, é, no fundo, um legalista; como toda mulher que se envaidece da castidade de sua alma é no fundo uma burguesa. Sua fonte de virtude, como a do burguês, fez-se pelas desventuras de seus irmãos. O delinquente é um despojado de sua honradez; a prostituta é uma desempossada de seu amor virtuoso. Um anarquista frente a eles nunca pode se perguntar se são bons ou maus, senão atraí-los ao foco de suas reivindicações contra os burgueses e contra as burguesas. Divisão e divisão de tudo. Menos virtudes legalistas; mais militância anarquista.”

Roscigna, com o dinheiro do Rawson – além de empregá-lo à sua causa para tarefas de solidariedade – financiará falsificações de dinheiro argentino. A falsificação de dinheiro foi algo que subjugou os expropriadores que atuaram na Argentina. Roscigna acreditava firmemente que através de dinheiro falsificado a burguesia poderia ser derrotada. Para tal, contava com uma figura de novelescos indícios: o alemão Erwin Polke, um técnico até agora insuperável na arte da imitação gráfica. Polke era um homem silencioso – anarquista individualista, grande leitor do teórico Max Stirner – e solitário que vibrava somente quando lhe propunham alguma nova falsificação. Jamais solicitara participação algu-

ma, conformava-se com pouco e vivia como um monge. O único ganho que obtive em sua vida foi a prisão, onde realizou um feito criminoso ainda insuperável: no presídio de Punta Carretas, em Montevideu, levou a cabo uma das falsificações de moeda argentina mais notáveis. Para tal contara com a ajuda de um discípulo hábil e descabelado: Fernando Gabrieleski.

Mas o capítulo das falsificações tem lugar à parte da expropriação violenta que estudamos hoje. Digamos, então, que nosso conhecido Roscigna permanecera por um tempo em Montevideu. Sabia que regressar a Buenos Aires era esperar, em cada esquina, a pena de morte. A polícia argentina, especialmente a Investigações e a Ordem Social, cobraria bem o fracasso da captura de Durruti, a morte do agente Gatto no hospital Rawson e o papelão da perseguição de Palmira a Montevideu.

Em 11 de fevereiro de 1928, em Montevideu, Emilio Uriondo recobra a liberdade, acusado de pôr uma bomba na delegação dos Estados Unidos em Montevideu. Roscigna e Uriondo irão manifestar-se decididamente contra um plano que fora elaborado pelos dois Moretti junto a três anarquistas catalães.

Antonio e Vicente Moretti, após poucos meses do assalto ao Rawson, fizeram com que suas companheiras e filhos vissem à Montevideu e se instalassem nos altos de uma casa da rua Rousseau da Villa de La Unión. Lá vivem uma vida cheia de apertos já que sobrevivem da venda ambulante de gravatas.

Quanto aos três catalães, são três jovens do grupo de Durruti quem, aconselhados por este, afastaram-se da Espanha por estarem bastante comprometidos. Sobre eles pesa a pena de morte. São autores de mais de cem atentados com bombas em Barcelona e são perseguidos pela polícia militar por fazerem propaganda anarquista nos quartéis, lesões graves num general, dois coronéis e vários oficiais e por terem fugido de uma prisão militar. Chamam-se Tadeo Peña,

Pedro Boadas Rivas e Agustín García Capdevilla*. Vieram “recomendados” por Durruti a Roscigna. E trazem o convite “especial” de Durruti para Roscigna, para se mudar para a Europa porque ele precisa disso como um homem de plano de ação. Mas Roscigna não aceitará: responderá a Durruti que o desculpe, mas que a luta na Argentina o atrai demasiado para poder abandoná-la.

Os três catalães são jovens inquietos, dispostos à ação: ardem-se de vontade por manejar as armas que trouxeram e não podem “esperar”, segundo lhes recomenda Roscigna. Para este, qualquer ação “expropriadora” no Uruguai é contraproducente. Agora há tranquilidade e dali é possível ajudar muito aos fugitivos da Argentina. Além disso, está em pleno apogeu a campanha pela liberdade de Radowitzky que tem grande eco popular e não se deve comprometer o nome anarquista com feitos que talvez possam ser impopulares nesse preciso momento.

Mas os Moretti e os três “galegos” lançam-se por sua própria conta e realizam um assalto que significa uma verdadeira zaragata, e que, por fim, resultaria na tragédia derradeira de Roscigna.

O assalto à casa de câmbio Messina foi “a la Bonnot”**. Isto é, não só a busca da investida como também sublevar a tranquilidade burguesa com um verdadeiro ato de terror. Entraram atirando a torto e a direito e acobertaram sua retirada disparando contra todo vulto que se movesse. Resultado: levam quatro mil pesos uruguaios e há três mortos e três feridos. Os homens são o gerente Carmelo Gorga, conhecido

* O prazer destes três jovens irresponsáveis era parar na rua qualquer militar que encontrassem. Ameaçavam-no com armas de fogo, tomavam a boina jogando-a no meio da rua, logo o faziam tirar as botas que também iam parar no meio da calçada e, por último, faziam com que tirasse os calções ante o atônito público que somente ousava sair correndo. Uma vez nessas lamentáveis condições, faziam o milico correr disparando vários tiros entre suas pernas. [NA]

** Bando Bonnot: também conhecido como Gangue Bonnot, organização anarquista que na fermentação do meio ilegalista na década de 1910 na França, realizou atentados e assaltos a bancos atacando desapidadamente, e com tiros, a sociedade francesa da época. [NT]

homem do turfe oriental, o empregado Dedeo e o motorista de táxi Fernández, que se negou a levar os assaltantes. O acontecimento tem uma transcendência tremenda porque ocorre a poucos metros da própria casa do Governo.

Como durante o assalto os três catalães deixaram escapar algumas palavras em sua rançosa língua espanhola, a polícia uruguaia deduz que outra vez andam saqueando Durruti, os Ascaso e Jover Cortés. Para tal pede informações à França. Mas também fazem grandes apanhados de anarquistas: desta vez a polícia tem que fazer algo, todos os diários exigem isso. A alma da investigação é o famoso delegado Pardeiro, que tem a mesma fama que Velar em Rosário ou Habiage em Avellaneda, isto é, que aplica os métodos que logo servirão para qualificar Leopoldo Lugones (filho) e que levarão ao que é conhecido como a “Lei Bazán”.

Através de uma confidência, Pardeiro fica sabendo que o grupo que assaltara a agência Messina encontrava-se possivelmente no andar de cima da casa Rousseau 41 de Villa La Unión. E não o informaram mal. Às quatro da madrugada da sexta-feira, 9 de novembro de 1928 – isto é, a quinze dias do assalto – 300 homens do exército uruguaio e da polícia, armados com metralhadoras e pesadas armas e com o apoio de 50 bombeiros com todo tipo de escadas, preparam-se para tomar a casa. Cortam a corrente elétrica dela e levam refletores. O desdobramento é tão perfeito que quando os moradores da casa despertam e veem pelo menos dez cabeças em cada janela, apontando-lhes as armas.

Dentro da casa estão Antonio e Vicente Moretti e os três catalães. Mas também se encontram Pura Ruiz e Dolores Rom, mulheres dos Moretti e duas crianças de tenra idade. Os anarquistas, vendo que qualquer intento de resistência suporia também a morte de seus familiares, rendem-se. Mas antes disto, Antonio Moretti toma uma resolução extrema. Não se entrega: levanta as mãos, porta a arma à têtora direita e se suicida. Antes já havia dito a seu irmão que não cairia vivo jamais nas mãos da polícia.

O delegado Pardeiro, que é felicitado pelo próprio chefe de polícia de Buenos Aires, o yrigoyenista Graneros, fará to-

do o humanamente possível para que Vicente Moretti confesse o paradeiro de Roscigna. Mas aquele, embora esteja muito deprimido pelo suicídio do seu irmão, sabe suportar a situação e em suas declarações pode-se ler: “se bem conheço Roscigna, não o vejo há algum tempo: ele não tem nada que ver com o assalto ao Rawson nem com o assalto a Messina”. Acrescenta que a única coisa que sabe é que Roscigna “viveu durante oito meses numa casa de Praia em Malvin, honestamente”.

Contudo, o dono da casa da rua Rousseau diz que duas noites antes vira entrar Roscigna e que este havia conversado com os Moretti e os catalães. Isso quer dizer que o homem que mais interessa a Pardeiro está em Montevidéu. E prossegue a perseguição. Agora está entre a espada e a parede. Já não resta refúgio seguro. E, enquanto Emilio Uriondo dirige-se ao Brasil, Roscigna regressa à Argentina.

Os dois decidiram retornar para libertar seus companheiros presos no presídio de Punta Carretas, a penitenciária de Montevidéu*. Para levar a cabo essa operação tão difícil necessitam de muito dinheiro. E estão dispostos a alcançá-lo da única forma que puderem por sua qualidade de perseguidos: a “expropriação pela violência”.

Roscigna cumprirá com sua palavra e preparará a fuga dos presos de Punta Carretas que, como todo ato que cometiam os anarquistas tinha algo de novelesco, de inverossímil, de zombadora ironia, de romântica aventura.

Na Argentina, enquanto isso, atuarão grupos anarquistas expropriadores muito importantes que terão breve atuação, mas intensa e sem pausa. São anos verdadeiramente violentos, principalmente o último do governo Alvear, os dois de Yrigoyen, os de Uriburu e os primeiros de Justo. Todos aqueles que argumentavam que o anarquismo violento havia crescido devido à passividade de Yrigoyen, perceberam que estavam equivocados, pois com Uriburu, apesar dos fuzila-

* Punta Carretas: o antigo presídio de Punta Carretas de Montevidéu é, atualmente, um centro de compras. Ironicamente, o que foi outrora uma cruel penitenciária segue sendo, ainda hoje, o mesmo, isto é, um presídio virtual, das grades passaram-se às vitrines. [NA]

mentos e da enorme repressão, os anarquistas seguiram saindo às ruas, arriscando-se, metendo-se cada vez mais num beco sem saída, perdendo um por um de seus homens.

Roscigna participará em fevereiro de 1929 do assalto aos estabelecimentos Kloeckner e, em outubro de 1930, em plena repressão uriburista, juntamente com Severino Di Giovanni, na investida ao pagador de Obras Sanitárias, em Palermo. O botín, nada menos que 286 mil pesos, é empregado – cerca de setenta por cento – à ajuda de companheiros presos, do qual grande parte levam Miguel Arcángel Roscigna e José Manuel Paz (um anarquista espanhol conhecido por seus companheiros pelo apelido de “o capitão”) a Montevideu para financiar uma obra que já havia começado.

De fato, em agosto de 1929, um casal de italianos com sua pequena filha chega a Montevideu procedente de Buenos Aires para ali se instalar. Dizem serem comerciantes e compram um terreno na rua Solano García que fica justamente defronte do presídio de Punta Carretas. A polícia averigua imediatamente para saber de quem se trata já que se tem especial preocupação com os vizinhos da penitenciária. Mas está tudo certo: o novo vizinho chama-se Gino Gatti e ele planeja instalar um comércio de carvoaria. Em pouco tempo levanta uma espécie de galpão tabuado com moradia que exhibe um cartaz: “Carvoaria El Buen Trato: venda de carvão de lenha e pedra”.

O casal Gatti é bastante afável com todos os novos clientes. Ele é bastante correto e ganha a simpatia dos vizinhos. É visto sair todos os dias, com o carro que comprara do antigo carvoeiro Benjamin Dominici, a distribuir as bolsas.

Mas na primeira semana de março de 1931, os vizinhos se inteiram que, embora o negócio da carvoaria ande bem, o casal Gatti decidiu deixá-lo para regressar à Argentina. Todos lamentam o fato e o carvoeiro Gatti despede-se com seu amável sorriso de sempre. Os dias passam e, precisamente em 18 de março pela tarde, um guarda penitenciário do presídio de Punta Carretas observa atentamente os reclusos que gozam de seu breve recreio diário no pátio. Tem a sensação de que algo inusitado está ocorrendo, mas não pode

dizer o que é. Fora-lhe dado a instrução precisa de que vigie terminantemente o alemão Erwin Polke, mas este está ali, no meio do pátio, jogando xadrez. Talvez isso seja estranho: parecia que Polke tivesse se situado ali para que a atenção dos guardas se inclinasse sobre ele.

Mínutos depois se ouvem gritos do lado de fora, apitos e sirenes. Os gritos partem de vizinhos da carvoaria El Buen Trato. É que viram sair alguns desconhecidos pelos fundos e acreditam que se trata de ladrões que estão roubando a antiga carvoaria de Gatti. Imediatamente policiais e guardas-penitenciários amontoam-se e cercam o terreno. É quando aparecem dois novos desconhecidos pela porta dos fundos que, ao se verem cercados, tratam de se meter novamente no local. Mas já é tarde. São apreendidos e tal não é a surpresa dos guardas penitenciários presentes ao reconhecerem que se trata de dois detentos de Punta Carretas, um deles Aurélio Rom, anarquista, cunhado de Antonio Moretti.

Ao entrar no local, a polícia depara-se com algo inusitado: um profundo poço perfeitamente iluminado que parecia ir ao centro da terra: é um quadrado de dois por dois assegurado com madeiras. Baixa-se por uma pequena escada até quatro metros de profundidade. Dali começa um túnel de 50 metros de comprimento. “É uma obra tecnicamente perfeita”, dirão logo os engenheiros da polícia. Pelo túnel, uma pessoa de mediana estatura pode caminhar com absoluta comodidade, foi construído em forma de abóbada e tem iluminação elétrica, além de tubos para sua ventilação do lado de fora. Além disso, a cada vinte metros há uma campainha elétrica pela qual se emitem sinais da entrada.

A saída do túnel, perfeitamente calculada, dá de encontro a um banheiro do pavilhão da penitenciária onde estavam os anarquistas.

Os realizadores do túnel são, além de Gino Gatti, quem, desde então será chamado sempre de “o engenheiro”, Miguel Arcángel Roscigna, Andrés Vázquez Paredes, o “capitão” Paz e Fernando Malvicini (um anarquista rosarino, integrante do grupo de Severino Di Giovanni até o fuzilamento deste ocorrido dois meses antes na penitenciária). O mo-

mento culminante foi, sem dúvida, o instante em que deviam dar o último toque e fazer a saída no banheiro da prisão. Para tal, na noite anterior, haviam chegado a apenas cinquenta centímetros da saída, e assim o deixaram, assegurando o piso do banheiro e essa delgada camada de terra com um macaco, isto é, esses poderosos artefatos que servem para trocar os pneus de pesados carros. Quando chegou a hora do recreio dos presos, Roscigna e seus companheiros, estando dentro do túnel com o mesmo macaco, levantaram o piso do banheiro. No presídio, os únicos que sabiam eram Vicente Moretti, seu cunhado e os três anarquistas catalães detidos desde o assalto à casa de Messina. O primeiro a ir ao banheiro foi Moretti, que se deparou não somente com o buraco como também com a pequena escada para descer. Logo saíram os três catalães e detrás deles cinco presos comuns que aproveitaram a bolada. Nove no total. Quando Rom se dispôs a sair juntamente com outro preso comum, foram apanhados.

Três eram os automóveis que esperavam os fugitivos na rua que dava nos fundos da carvoaria. Dali fugiram sem deixar rastros.

Roscigna havia cumprido com sua palavra: libertar a seus companheiros. Mas essa fuga de presos que tinha sido tão perfeitamente sincronizada e na qual não foi necessário gastar nem uma bala, iria ser a causa da definitiva perdição de Miguel Arcángel Roscigna.

Vicente Salvador Moretti apenas iria gozar nove dias de liberdade, e ainda pior, com ele cairão seus libertadores.

Após passar a noite na casa do anarquista Germinal Revereira, na rua Legionários 2326, Moretti e os três anarquistas catalães tomam distintos caminhos. Moretti é esperado por Roscigna num esconderijo que este considera seguro: uma casa da rua Curupí, próxima à avenida Flores, em frente ao hipódromo de Maroñas. Na habitação de frente dessa casa está instalado o comitê do Partido Colorado Radical uruguaio. O dono da casa, Roberto Dassore, alugou para eles o último quarto dos fundos. É um lugar ideal do qual podem sair e entrar porque sempre há muitas pessoas e sua presença passa inadvertida.

Todas as manhãs, Roscigna sai para comprar o diário. Ele aprecia sempre trocar opiniões com as pessoas da rua, para despistar trocara sua vestimenta por roupas humildes: usa roupas de pijama folgadas, uma calça barata, alpargatas e boina. Cada vez que chega para comprar o diário, Roscigna diz ao jornaleiro: “Me dá o pasquim burguês que fala dos assaltantes”. E fica conversando com ele. Essa maneira de pedir o diário chama a atenção do vendedor de diários que, com desfaçatez e eficácia, conta ao delegado seccional. Este, no dia seguinte, envia dois empregados de investigações a essa esquina para ver de que tipo se trata. Mas nesse dia Roscigna não virá. Outra circunstância adianta-se ao jornaleiro fofoqueiro.

Em 27 de março de 1931 a carrocinha circula pela rua Curupí: uma simples jaula num carro onde são amontoados todos os cães sem dono. O laçador de cães, armado com um laço, é um ex-presidiário, José Sosa, que passara vários meses em Punta Carretas por bater carteiras e armar brigas amorosas. Nesse lugar, em frente ao comitê dos colorados radicais há um miserável cão peludo que não se deixa apanhar e se mete no casarão. O laçador Sosa vai em seu encalço. No largo pátio está Vicente Moretti tomando mate e gozando do frescor da manhã. Ante o imprevisto aparecimento do laçador, Moretti primeiramente surpreende-se e depois grita: “Deixe tranquilo o cachorrinho, amigo”. Sosa simula protestar e sai com as mãos vazias, mas contentíssimo: acaba de identificar Moretti, o fugitivo de Punta Carretas. Ele o conhece muito bem porque estivera preso no mesmo pavilhão. E por isso deixa a carrocinha como está e corre à delegacia. Lá, quase sem alento, o laçador fala de seu grande achado: “É Moretti! Eu o conheço bem!”

Os uruguaios são pessoas precavidas: até mesmo concentram piquetes da 4^a Cavalaria do Exército Oriental para tomar a casa da rua Curupí. Mas não é necessário. Quando na casa entram 53 policiais com armas pesadas, encontram Moretti lendo no pátio ignorante do que acontecia. Nesse ínterim, sai de seu quarto Roscigna. Não está armado e vê que lhe apontam. Em um primeiro instante não sabe como rea-

gir. O momento da captura é um tema que sempre se conversa entre os anarquistas perseguidos pela polícia. E Roscigna frequentemente repetia aos seus companheiros as distintas reações no momento da morte que tiveram dois anarquistas russos no patíbulo: o camponês Gabriel Michailoff e o estudante Rissakoff, os dois autores do atentado contra Alexandre, czar de todas as Rússias. Michailoff era um camponês de 21 anos, enorme como um urso, de longa cabeleira e penetrantes olhos azuis. Trouxeram-no à praça Siméon para enforcá-lo diante de todo o povo. Em meio ao silêncio de homens e mulheres que haviam concorrido até mesmo com seus filhos para ver o espetáculo, o verdugo levantou o laço da forca para colocá-lo em seu pescoço, e ele, Michailoff, com absoluta tranquilidade, levantou a mandíbula como que oferecendo cavalheirescamente sua garganta. Mas o incrível estava por acontecer.

Quando o verdugo fez funcionar o mecanismo e o pesado corpo do camponês caiu no vazio, a corda rompeu-se e Michailoff veio abaixo. Mas levantou-se, com o cangote meio deslocado e o pescoço quase rebentado por onde lhe escapava sangue para fora e para dentro, e novamente, com toda dignidade, voltou a oferecer sua garganta para a segunda corda. Mas não tinha jeito, não eram cordas para o peso de Michailoff; novamente se rompeu tal como um fio de costura. O filho da estepe fez um esforço sobre-humano para levantar-se novamente, mas ficou de cócoras, cegado pelo sangue que lhe enchia os olhos, e respirando por meio de ronquidos pelos borbotões que estavam enchendo-lhe os pulmões. Oito filhos de camponeses como Michailoff, mas com uniforme, arrastaram-no como puderam e meio sentado, meio de cócoras, puseram-lhe a terceira corda que desta vez ficara soberana, tensa com sua carga que sacudia violentamente tal como um galo com o pescoço retorcido.

O espetáculo teria seu grande final com o estudante Rissakoff. Trouxeram-no bem atado, com cordas que pareciam haver cortado a circulação de suas longas mãos, tão pálidas que estavam. Tudo nele era palidez e em sua cara refletia-se a fome dos estudantes pobres da Rússia. Mas ele não ofere-

ceu o pescoço como Michailoff. Ao contrário, começou uma desesperada resistência e passou ao ataque. Não tinha outra coisa com que atacar a não ser com seus dentes e começou uma dança alocada, cômica, tratando de alcançar com suas mandíbulas todas as mãos dos carcereiros que procuravam repreendê-lo. Não se podia pará-lo, parecia um lobo esquálido defendendo-se de uma matilha de cães. Até que o mais vivo dos policiais deu o golpe mestre: agarrou-lhe pelos cabelos e um outro pelos pés e jogaram-no no chão onde romperam-lhe a cadeira a chutes. Viraram-no e depois o levantaram todo estropiado, tal como uma barata de tanto que lhe pisaram o abdômen e o penduraram. A alguns pareceu que, ainda no último estertor, o estudante Rissakoff seguia dando dentadas.

Roscigna tinha diante dele as armas que lhe apontavam e estava ele mesmo desarmado: valia a pena fazer como Rissakoff, tentar uma resistência inútil? Isso já havia provado Severino Di Giovanni dois meses antes. Ou fazer como Michailoff? Oferecer elegantemente o pescoço e ficar à mercê deles? Decidira-se por este último. Sabia que seria entregue à polícia argentina. Com ele caem Vázquez Paredes, Malvicini e o “capitão” Paz.

A detenção de Roscigna foi anunciada com toques de sirene pelos diários uruguaios. A polícia oriental, não sabendo o que fazer para demonstrar sua façanha, expôs aos quatro: Roscigna, o “capitão” Paz, Malvicini e Moretti no pátio da delegacia, sentados em cadeiras, com as mãos algemadas nas costas. Todo o jornalismo riopratense juntou-se para entrevistar e olhar aos anarquistas. A Roscigna, que não enxergava bem, tiraram-lhe os óculos. Quando os jornalistas lhe fazem perguntas responde com deferência e tranquilidade, com frases curtas. Mas onde se estende é quando fala da polícia, com profundo desprezo. Diz que são: “os serventes mal pagos dos exploradores e dos burocratas do poder”. Quando da explicação sobre seu modo de vida diz que “alguma vez se fará justiça aos anarquistas e aos seus métodos: nós não temos ninguém que financie nossas atividades, como a polícia é financiada pelo Estado, a Igreja tem seus próprios fun-

dos, ou o comunismo tem uma potência estrangeira por trás. Por isso, para fazer uma revolução, temos que tomar os meios saindo à rua, a dar a cara”.

Com uma rapidez assombrosa, a poucas horas da notícia da captura de Roscigna, chega o pedido de extradição por parte da chancelaria argentina. É o delegado Fernández Bazán que faz com que as coisas sejam apuradas e há também um ministro do Interior, don Matias Sánchez Sorondo, que nesse sentido responde de imediato porque sente uma singular alergia por tudo aquilo que seja anarquista, mais ainda que pelo radical ou yrigoyenista. Fernández Bazán, com seu modo prático de ver as coisas, sabe que gente como Roscigna não se cura mais. Por mais cadeia que lhe metam, mettendo-o atrás de dez ferrolhos, sempre será um perigo constante. À grandes males, grandes remédios. Valha o exemplo de Di Giovanni, quatro tiros pra nada. Muitos anos passarão até que nasça outro Di Giovanni. Enquanto isso, paz e tranquilidade.

Por sua parte, Roscigna sabe que está em uma situação bastante difícil. Pois se a extradição for consentida será entregue atado dos pés e das mãos à ditadura de Urriburu que o fuzilará sem perdão se chegar a trespassar o porto. Ele sabe bem os recursos que lá se empregam: recebe-se em poucos minutos, bastante cerimoniosos, e cinco metros mais adiante “o sujeito tratou de resistir sacando a arma a um de seus custódios e por isso teve que ser morto”.

Assim como não lhe tremula a mão no momento de atuar, sabe que, defronte a Fernández Bazán, tampouco a mão lhe tremulará. O anarquista pensa e encontra uma saída: acusa-se ante os uruguaios de ser o autor da fuga de presos de Punta Carretas e de haver roubado três automóveis para a fuga deles. O mesmo farão Malvicini, o “capitão” Paz e Vázquez Paredes. Enquanto o processo dure, não poderão ser enviados à Argentina. A justiça uruguaia os condenará a seis anos de prisão. Conseguirão, assim, prolongar suas vidas por seis anos. Porém, não mais que isso. Fernández Bazán não perderá a presa.

O anarquismo expropriador na Argentina, como vimos, conferiu figuras bastante singulares com personalidades próprias. Não está em discussão aqui a justiça, o crime de sua ação. Isso já foi julgado pela sociedade em que vivemos.

Dentro desse meio, desse sentido de ver as coisas, personalidades com características próprias no anarquismo expropriador foram, sem sombra de dúvida, Severino Di Giovanni e Miguel Arcángel Roscigna, Buenaventura Durruti e Andrés Vázquez Paredes, Emilio Uriondo e Juan Del Piano, Eliseu Rodríguez e Juan Antonio Morán, Gabriel Argüelles e Gino Gatti, e muitos outros.

Os anarquistas expropriadores, nessa breve década de violência na qual atuaram, foram se fechando num círculo cada vez mais estreito que, visto desde a perspectiva de hoje, transparece como um esforço vão, como um sacrifício inútil, com uma violência que acabara servindo mais para se destruir do que para fazer triunfar a ideia: praticaram o assalto e a emissão de moeda falsa para atender as necessidades de seu movimento, para libertar seus presos, para atender às famílias dos perseguidos; mas nesses assaltos e falsificações mais de um caía preso (quando não era morto) e, então, os que ficavam tinham que recorrer ao círculo sem saída, e daí em diante. Salvo casos excepcionais que já veremos contra tudo aquilo que possam afirmar as crônicas policiais ou os anarquistas intelectuais ou sindicalistas puros daquela época, nenhum deles aproveitara para si mesmo o produto do “expropriado”: os que não foram mortos e que puderam viver à dura prisão de Ushuaia voltaram a trabalhar em seus antigos ofícios, uns como pedreiros, outros como operários têxteis, outros mecânicos, cumprindo rudes horas de trabalho malgrado suas idades. Ou seja, o equívoco pode estar no ideal abraçado por eles e no método escolhido, mas não em sua honestidade de seguir até suas últimas consequências.

Nesse círculo de atividades que ia se fechando pouco a pouco teve vital importância aquilo que eles chamaram de “vindicações”. Os anarquistas expropriadores levaram-na a

cabo contra seus inimigos naturais: os policiais. Eliminaram, assim, ao delegado Pardeiro com um tiro certo na cabeça, em um atentado que chegou a comover Montevideu (o atentado, decidido por Miguel Arcángel Roscigna, foi executado por Armando Guidot e por Bruno Antonelli Dellabella), e desfiguraram para sempre com um trabuço na cara ao famoso “vasco” Velar, delegado especializado na caça de anarquistas (o atentado foi decidido por Severino Di Giovanni e Miguel Arcángel Roscigna e realizado por Roscigna e Paulino Scarfó segundo os anarquistas ou por Di Giovanni e Scarfó segundo a própria vítima). Estes dois casos foram dos mais famosos de uma série de vinganças contra policiais. O mais espetacular foi o atentado contra o major do exército José W. Rosasco, nomeado pelo presidente Uriburu “interventor policial de Avellaneda” depois da revolução de 6 de setembro de 1930 que derrubara a Yrigoyen.

“Sánchez Sorondo, Leopoldo Lugones (filho) e Rosasco são os três únicos da Revolução que as têm bem postas”, é o comentário unânime dos jovens conservadores fartos de frases mussolinianas que esperavam outra coisa do golpe de setembro que começara tão bem e tão fácil varrendo toda a radicalada chorona dos soldados do Colégio Militar. Mas aí ficaram, na metade do caminho, sem limpar a fundo o país de radicais, anarquistas e ratos. É que fazem falta homens como Rosasco para que façam realidade o que apregoa Leopoldo Lugones pai, o vate da revolução, o que canta ao nacional, à força nacional, à violência nacional. Ele somente admite no país aos “estrangeiros honrados” que vêm para trabalhar, mas não admite que “estrangeiros façam greve por um estrangeiro (caso Radowitzky) em solo pátrio”.

Por isso, o tenente general Uriburu sabe o que faz quando nomeia ao major Rosasco com o insólito título de “interventor policial de Avellaneda”. Porque é Avellaneda, a zona essencialmente industrial e operária, onde os anarquistas têm firmadas suas bases. Dali vem as greves, dali vem tudo! Por isso Uriburu diz a Rosasco; é necessário limpar Avellaneda.

O major Rosasco entra em Avellaneda atando a dois lara-piozinhos, que choram por sua mãe, num banco de praça e os fuzila. E Rosasco está ali, presenciando, porque não é homem de se afrouxar, e quando aquele lameiro sangue começa a jorrar pelo corpo dos larápios, Rosasco esfrega as mãos como para limpar-se dessa carniça que não merece viver.

Rosasco não limpará Avellaneda das casas e ambientes de jogos monopolizadas por caudilheiros conservadores do bairro, mas somente saneará o aspecto sindical. Nesse sentido, cumpre. Quando Rosasco toma uma ducha, quando coloca os breeches, as botas reluzentes, a jaqueta com as insígnias de major, a boina, dá uma rápida olhada ao espelho e sai... temam, anarquistas! Faz uns apanhados fabulosos, os carros de presos amontoam-se na entrada da 1^o de Avellaneda e dali são baixados a empurrões porque sempre são teimosos: galegos, catalães, napolitanos, polacos, búlgaros e até um grupo de alemães que formaram uma sociedade vegetariana, aos quais não se têm confiança alguma.

Cada vez que uma bomba explode em Avellaneda, novo apanhado. Deixa-os loucos. E quando Rosasco quer que cantem, cantam. Aplica métodos infalíveis. Em Avellaneda não há juízes nem advogados que valham. Os interesses da pátria estão acima da Constituição e é isso que os liberais chamam de garantias individuais. Anarquista estrangeiro agarrado por Rosasco não pisa mais solo argentino: é mandado a Sánchez Sorondo que lhe aplica a 4144, a lei de residência. E anarquista argentino que cai em suas mãos vai diretamente por transporte naval à Ushuaia. E, evidentemente, Rosasco sempre joga com a pena de morte instaurada pelos homens de setembro: fuzilamento a quem tente resistir, fuzilamento a quem é surpreendido em flagrante.

Mas este apóstolo da força e do terrorismo de Estado encontrará pela frente a outro que também emprega a violência como método. Chama-se Juan Antonio Morán, marinheiro timoneiro de profissão, bem crioulo, de Rosário, e essencialmente anarquista, da ponta dos pés à cabeça.

A figura de Juan Antonio Morán é de nítidos perfis. Com Uriondo desmentem a afirmação de que o anarquismo ativo na Argentina fora protagonizado somente por estrangeiros. Morán chega a ser duas vezes secretário-geral da Federação Operária Portuária, em seu tempo provavelmente a organização operária mais poderosa. Morán organizou greves portuárias que se caracterizaram por sua singular violência.

Era o protótipo do dirigente anarquista de ação: não é desses diretivos que publicam solicitações nos diários. Quando é greve é greve e não admite cordeiros nem crumiros*, mas não manda ninguém a piquetes de greve e permanece no sindicato, não, sai ele mesmo a percorrer o porto, e quando sai, porta a pistola. Quando os portuários remissos em cumprir ordens veem-no aproximar-se, largam o trabalho imediatamente. E se não baixam, Morán os baixa. Numa oportunidade, num barco em La Boca, Morán vê que há um “cordeiro” trabalhando. Saca a pistola, aponta-lhe apenas acima da cabeça e dispara. O argumento é suficiente. O “cordeiro” baixa e desaparece velozmente.

Em 12 de outubro de 1928, Morán estará envolvido num evento gravíssimo. Há greve. Mihanovich emprega todos os meios para vencer a Federação Operária Portuária. Recruta “operários livres” que são protegidos por quadrilhas da Liga Patriótica de Carlés e por elementos de choque, muitos deles trazidos do Paraguai. Os incidentes portuários ocorrem hora após hora. No dia indicado, pela tarde, Juan Antonio Morán está na sede sindical, quando dois marinheiros avistam-lhe que no bar de Pedro de Mendoza e Brandsen estão os homens de Mihanovich – há mais de trinta – capitaneados pelos paraguaios Luciano Colman e Pablo Bogado. E que Colman acaba de dizer: “estamos buscando Morán para matá-lo”.

Morán ouve em silêncio o relato dos dois marinheiros e não diz nada. Segundos depois vai até a porta do sindicato e troca duas ou três palavras com o agente que na esquina vigia a entrada dos portuários.

* Crumiros (em italiano no texto): operário que se recusa a fazer greve ou que aceita trabalhar no lugar dos grevistas. [NT]

Quando o agente se vira, Morán afasta-se sem ser visto e minutos depois aparece no bar onde está o pessoal de Mihonovich e vai diretamente aonde está Colman e lhe diz: “sei que me andas buscando para me matar, aqui estou, sou Morán”. Sem mais, começa o tiroteio. São trocados mais de trinta tiros. Quando reina novamente o silêncio e as pessoas atiradas embaixo das mesas e detrás do balcão vão levantando suas cabeças é que os resultados são vistos: Colman, morto; Bogado, gravemente ferido.

Quando o agente da custódia ouve do sindicato os tiros, corre até o lugar do tiroteio. Morán retorna à sede sem ser visto e continua seu trabalho. O ferido Bogado denunciaria que o autor da morte de Colman foi Morán. A polícia vai buscá-lo e o detém. Mas a justiça não encontrará nenhuma testemunha que o acuse. Por isso, meses depois, sairá em liberdade.

Como homem de ação, Morán buscou homens de ação dentro do anarquismo e foi dessa maneira que conheceu a Severino Di Giovanni, a Roscigna, a todos os perseguidos por atividades “expropriadoras”. E esse dirigente sindical que durante o dia presidia assembleias, ou discutia com representantes patronais, pela noite se encontrava com aqueles e parecia-lhe bastante natural planejar assaltos ou atentados com bombas e sair prontamente para levar a cabo o planejado. Quem poderia supor que um dirigente marítimo tivesse essa outra atividade? “Era audaz aos extremos, decidido e capaz de enfrentar qualquer situação por mais difícil que fosse”, dirá La Nación pouco tempo depois.

Quando o major Rosasco começa a dizimar os anarquistas de Avellaneda e, ao mesmo tempo, investe com tudo contra os radicais, Morán compreende que a única saída é buscar os “expropriadores”. Aqui não há comunicados, manifestações, recursos de amparo ou *habeas corpus* que valham, aqui se impõe o mesmo método de Rosasco. Do lado do interventor está o Estado, com todo seu aparato repressivo, está a sociedade, está o medo de todo um povo que pelas dúvidas pôs-se a marcar o passo e defronte a isso está esse gru-

pinho cada vez menor de homens a quem lhes falta seus principais dirigentes: Severino Di Giovanni, fuzilado; Paulino Scarfó, fuzilado; Miguel Arcángel Roscigna, preso; Andrés Vázquez Paredes, preso; Emilio Uriondo, preso; Umberto Lanciotti, preso; Fernando Malvicini, preso; o “capitão” Paz, preso; Eliseu Rodríguez, preso; Silvio Astolfi, gravemente ferido; Juan Márquez, morto a tiros; Bráulio Rojas, morto a tiros, e segue a interminável lista dos que ficaram fora de combate.

Morán decide enfrentar Rosasco. Nesse confronto há somente uma coisa que pode favorecer aos anarquistas: o fator surpresa. E os expropriadores dizem que sim a Morán. Virá um jovem de La Plata, Julio Prima, estudante de filosofia.

Também estará com Morán o “nenê” Lacunza, filho único de um camponês de São Pedro, que fez suas primeiras investidas com Di Giovanni e Emilio Uriondo no assalto à empresa de ônibus La Central. O terceiro que o acompanhará será, como motorista, o “galego” González (toda uma vida novelasca que culminou em 1944 quando entrara com um tanque da divisão Leclerc na libertação de Paris) e, por último, o “engenheiro”, um dos personagens mais interessantes do grupo, inimigo visceral da violência porque argumentava que a burguesia podia ser derrotada com outros meios mais engenhosos, mas que, quando os companheiros o solicitavam, era capaz de meter-se na mais perigosa e arriscada das ações.

Na noite de 12 de junho de 1931, o major Rosasco, acompanhado do secretário da comuna de Avellaneda, Eloy Prieto, deixavam a delegacia para irem jantar no restaurante “Checchin”, a uma quadra e meia da polícia. Rosasco estava bastante contente, acabara de prender 44 anarquistas, entre eles uns jovens que distribuía panfletos: “Rosasco precisa ser morto”. Na verdade, não iria restar vontade alguma a esses jovens de imprimir nem mesmo o conto da Chapeuzinho Vermelho. Rosasco havia chamado aos jornalistas a fim de denunciar outro complô anarquista desmantelado.

Adentraram ao restaurante e pediram os frios, que comeram com bastante apetite. Quando haviam terminado o primeiro prato, um automóvel parou e dele saíram “cinco indivíduos corretamente vestidos”. Um deles sentou-se em uma mesa próxima à porta e os outros quatro seguiram até o fundo, como para passar ao pátio. Nesse momento o major Rosasco ria a gargalhadas por causa de uma piada quando, improvisadamente, os quatro indivíduos pararam colocando-se diante da mesa. Um deles adiantou-se, tinha aspecto de crioulo, era musculoso, um verdadeiro touro fisicamente e, dirigindo-se a Rosasco, disse-lhe: — Porcaria...

Rosasco foi se levantando lentamente enquanto seus olhos saltavam das órbitas. O desconhecido – era Juan Antonio Morán – sacou, com a mesma lentidão em que o outro ia parando, uma pistola 45 e lhe disparou cinco tiros certos, todos eles mortais. Imediatamente empreendem a fuga e, para cobri-la, Julio Prina dispara alguns tiros que ferem levemente um garçom e Eloy Prieto.

E aqui ocorre outro ato do drama. Ao sair, um dos anarquistas tropeça e cai estrondosamente quebrando uma das vidraças. Seus companheiros o aguardam já no automóvel, acreditando que se trata de um acidente pequeno, mas não era assim. O jovem – é Lacunza – não se levanta, está morto. Os anarquistas voltam apressadamente e recolhem o cadáver morto do companheiro, metendo-o como podem no carro. E partem velozmente.

Dois são as versões existentes sobre a morte de Lacunza: uma atesta que recebera um impacto de bala do próprio Prina, ao se colocar involuntariamente no caminho, mas acreditamos na segunda: Lacunza sofrera durante o atentado um ataque cardíaco e caíra morto instantaneamente. Corrobora com a última versão o fato de que não foram encontrados rastros de sangue no lugar onde ele caíra nem no trajeto até o carro.

As exéquias do major Rosasco foram verdadeiramente imponentes. Uma verdadeira demonstração do poderio das autoridades setembrinas: ali estiveram as mais altas auto-

ridades da Marinha e do Exército, voaram sobre o cortejo todas as esquadrilhas de aviões disponíveis em El Palomar; a Cúria mandou sua hierarquia completa, a Sociedade Rural, o Jockey Club e o Círculo Militar enviaram emocionadas delegações; esteve presente o nacionalismo católico e houve representantes da maioria das forças vivas de Buenos Aires, Avellaneda e La Plata.

O assassinato havia sido uma verdadeira afronta dos ácratas sediciosos contra o governo nacional, contra o Exército, contra a polícia. E não houve obstáculos à investigação. Pobre do anarquista que caiu nesses dias nas mãos da autoridade! O primeiro que encontraram, na invasão de uma casa sem permissão, passaram-no para o outro mundo sem mais trâmites. Chamava-se Vicente Savaresse, era do grupo de Tamayo Gavilán e nada tinha que ver com o caso Rosasco. A polícia jamais pôde descobrir quem foram os autores embora sempre houvesse suspeitado do marítimo Juan Antonio Morán. E o condenaram à morte em ausência. Esta é a primeira vez que se publica a versão exata do assassinato do major Rosasco e os nomes de seus membros; passaram-se quase quarenta anos e o acontecido já é história. Descobrir o que nesse momento fora um mistério insolúvel custou ao autor destas linhas muito esforço e a verdade histórica exige que agora se diga quem foram os responsáveis por um ato que eles acreditaram de justiça.

Em 2 de maio de 1931, a polícia consegue localizar um dos anarquistas que mais a obceca: Silvio Astolfi, grande amigo do fuzilado Severino Di Giovanni. Astolfi é um italiano bem ruivo, despreocupado, que leva a vida tranquilamente, mas que quando é preciso atirar, atira que dá medo. Participou de cem feitos, sempre com a mesma despreocupação. Mas nesse 2 de maio as coisas vão ficar bem sérias ao napolitano. Ultimamente tinha se unido ao grupo de Tamayo Gavilán e com ele realizam nesse dia o assalto ao pagador de Villalonga, na Balcarce com Belgrano. Um assalto que, como todos os de Tamayo, singulariza-se pela quantidade de tiros que se disparam.

Obtido o dinheiro, os anarquistas fogem pela Balcarce. Ao volante vai Silvio Astolfi, que adora manejar o carro em grande velocidade. Na México com Balcarce, um agente alertado pelos tiros dispara contra o carro dos assaltantes e logra matar o jovem de sobrenome Mornan, de 18 anos, que fazia sua primeira investida como “expropriador”, e que ia sentado no assento traseiro do carro e que feriu na cabeça Silvio Astolfi. Este, malgrado o sangue que lhe banha a testa e o rosto, segue no volante. Assim, fogem até a esquina da Villafañe e Ruy Díaz de Guzmán onde acabam ficando sem gasolina. Saem todos. Astolfi cambaleia, tem toda a vestimenta manchada de sangue. O chileno Tamayo Gavilán quer acompanhá-lo, mas o italiano lhe diz: “salvem-se vocês, eu estou preparado”. E senta-se num umbral. Logo se levanta e pega a rua Villafañe até Azara. Nessa esquina aproxima-se o agente Máximo Gómez. Astolfi mostra-lhe a língua e começa a correr com as poucas forças que lhe restam. E então uma incrível perseguição começa. Pega a Villafañe até Diamante e dali novamente até Ruy Díaz. A cada dois tiros que lhe dispara o agente, Astolfi lhe responde com um, para economizar projéteis. Pela Ruy Díaz chega até Martín García onde vê passar um bonde e o pega subindo na plataforma dianteira. Com o bonde chega até Caseros e Bolívar onde toma um táxi e ameaça ao motorista obrigando-o a ir pela Caseros até Tacuarí. Lá dobra em Martín García e desce à altura do 669, edifício de uma fundição de metais. No momento em que desce, vê que se aproxima por detrás dele o agente Gómez. Então entrincheira-se detrás dos pilares de um portão e, apoiando a pistola no braço esquerdo, aponta ao vigilante. Este vacila e retrocede e então Astolfi o fere na região glútea. Aproveita a oportunidade e extenuado, limpando-se com a mão o sangue que lhe encobre a vista, o anarquista prossegue seu trajeto. Desta vez pega a Martín García e chega à rua Espanha permeio ao alvoroço de todo o bairro de Barracas que o vê atônito correndo com o diabo no corpo. Por Espanha vai até Uspallata. Em Uspallata e Montes de Oca começa a parte mais sangrenta dessa incrível maratona.

Por esta última rua vêm ao encontro de Astolfi os cabos Fernández e Montes e o agente Martinez tentando detê-lo com uma série interminável de tiros. Astolfi pega a Montes de Oca em direção contrária até Ituzaingó, correndo em zigue-zague porque já não lhe resta quase nenhuma bala.

Astolfi já arrasta os pés, arquejante vê aproximar-se um outro táxi e novamente o para, ameaça ao motorista e trata de ganhar distância de seus três perseguidores, mas estes também sobem num veículo e o perseguem originando assim outro tiroteio no qual ao menos trinta tiros são disparados. E um deles estoura o pneu traseiro do táxi de Astolfi, que desce na passagem Pablo Giorello. Mas ali o espera outro agente, que trata de pará-lo a tiros. Astolfi detém-se, aponta e acerta na cabeça ao representante da Ordem que cai morto instantaneamente. Apesar disso, Astolfi sabe que nessa passagem acabou por se meter numa ratoeira e tem que sair dali imediatamente. Mas já não são quatro os que o perseguem. Agora também está o agente Tranquilo Perna abrindo-lhe fogo.

Astolfi joga suas últimas cartas e abre caminho com as últimas balas pelo mesmo lugar onde lhe esperam seus perseguidores. Ao primeiro tiro, mata ao agente Perna, Astolfi aproveita a confusão para chegar ao meio da rua. E é nesse instante quando aparece um táxi cujo motorista lhe diz: “suba rapidamente, companheiro Astolfi”. É um membro da União de Resistência de Motoristas. A sorte colocou-o no caminho do perseguido. Fogem a toda velocidade perseguidos por um veículo policial da 16^o delegacia. Mas conseguem desaparecer.

Astolfi será levado à casa de Benec dita Settecase de Montaña, dali à de Nicola Recchi, quem, por sua vez o transferirá para o abrigo de Gino Gatti. Este o levará a La Plata ao doutor Delachaux, um profissional amigo dos anarquistas, que o curará de seus gravíssimos ferimentos. Mais tarde, restabelecido, após aquela odisséia portenha, levaram-no a Montevideú, de onde partiu até Barcelona recomendado a Duruti.

Malgrado a repressão e a perda de homens, o anarquismo expropriador mostrou-se forte ainda nos anos 32 e 33, principalmente em La Plata, Avellaneda e na Capital. Em La Plata contaram com a constante e desinteressada proteção de Antonio Papaleo, em cuja casa os perseguidos encontraram refúgio.

Continua no mesmo ritmo, é agredido e tenta libertar os presos. Nesse sentido, Eliseu Rodríguez logra fugir com singular astúcia do calabouço do sótão da própria delegacia de polícia de La Plata e Pedro Espelocín do hospital onde estava internado sob custódia. Rodríguez (que rechaça um convite para ser levado ao Uruguai porque por intermédio de outro haviam lhe solicitado que intervisse na libertação de um companheiro) e Espelocín unem-se a Juan del Piano (um padeiro de forte personalidade cujas duas paixões são o anarquismo e tratar de conseguir uma cura para seu filho doente de paralisia infantil) e a Gino Gatti e a Armando Guidot. Atuam em Córdoba e Rosário. Enquanto isso, os irmãos Prina de La Plata (Julio e Toni) atuam com Juan Antonio Morán, Daniel Ramón Molina (também portuário), Julio Tarragona, Angel Moure, Pedro Blanco e Victor Muñoz Recio.

São dois pequenos grupos, mas que lutarão até o final.

Em fins de 1932, por iniciativa de Rafael Lavarello e com a ajuda de Morán, Prina, Molina e Gatti um novo túnel é planejado. Desta vez desde um departamento próximo à penitenciária para libertar a Emilio Uriondo e a outros anarquistas. Será ainda melhor concebido do que o de Punta Carretas. Sua extensão será de 58 metros, até o lavadouro da prisão. Mas, quando 23 metros forem alcançados, o trabalho deverá ser suspenso: todos os conspiradores estão sendo perseguidos de perto pela polícia e, além disso, os meios estão cada vez mais escassos.

Depois ocorrem os golpes do implacável delegado Fernández Bazán. Em 19 de janeiro de 1933 são mortos Tarragona e Molina, após matarem dois policiais, na localidade de Aldo Bonzi. Em 16 de março, em Rosário, é morto Pedro Espelocín e são detidos Eliseu Rodríguez e Armando Guidot.

Um dia depois, em Córdoba, a polícia consegue capturar a Gino Gatti.

Nessa época, os irmãos Prina fogem à Espanha e, em 28 de junho, uma brigada policial cerca uma casa na avenida Mitre de Avellaneda e surpreende Juan Antonio Morán dormindo. Agora só resta um, Juan Del Piano que, segundo se sabe, é conhecido por dar refúgio aos agricultores do sul de Santa Fé. E será lá, próximo a Firmat, onde, em 11 de agosto de 1933, resistirá até a última bala sendo morto pela polícia.

Tudo estava terminado. Já não restavam homens fora para libertar aos de dentro. Por isso, em 7 de outubro desse ano, os anarquistas presos em Caseros tentam um golpe desesperado. Pacientemente foram munindo-se do exterior com explosivos, granadas de mão e pistolas. Com os explosivos dinamitaram um muro e, assim, com granadas e a tiros pensam em abrir caminho à rua. O avanço começa às 18:30. Adiante vão Mario Cortucci (que fora integrante do grupo de Di Giovanni) e Ramón Pereira (do grupo de Tamayo Gavilán), mais atrás vêm Gino Gatti e Álvaro Correia do Nascimento (um anarquista brasileiro). Atravessam grades e corredores sob um tiroteio infernal. Quando chegam ao pátio exterior, Cortucci recebe um tiro na cabeça e morre e uma granada explode arrancando a mão esquerda de Pereira. Os guardas penitenciários refazem-se e atacam de todos os lados, enfocando-os com refletores e logo chegam os soldados da 3ª Infantaria que se posicionam em frente à penitenciária com metralhadoras.

Os anarquistas não podem seguir avançando e batem em retirada rumo ao seu pavilhão até que as balas lhe acabem. A investida fracassara. Os guardas penitenciários perderam três homens, os anarquistas um e outro gravemente ferido... Mas, para eles, as consequências desta ação desesperada serão funestas. A maioria irá terminar com seus ossos em Ushuaia.

Em princípios de 1935 o país está tranquilo. Mas Fernández Bazán não está contente. Sabe que ainda estão vivos Juan Antonio Morán e Miguel Arcángel Roscigna, os quais, ainda presos, seguem sendo sempre perigosos. Morán está em Caseros e Roscigna em Montevideú.

Nos primeiros dias de maio de 1935, os juízes desistem, por falta de provas em todos os casos, do processo de Juan Antonio Morán. Mas algo raro acontece. Morán havia sido retirado várias vezes de sua cela e diante dele passam vários desconhecidos que o observam detidamente. São funcionários da Investigações que o estão encarando.

Em 10 de maio Morán é comunicado que logo recuperará sua liberdade. Seus companheiros anarquistas da penitenciária aconselham-no para não sair dali até que um advogado seja avisado. Mas isso seria demonstrar medo e Morán não o tem. E firma sua liberdade, sua sentença de morte. As portas da prisão abrem-se, Morán respira fundo. Caminha dois passos e ali mesmo é agarrado brutalmente pela cabeça, pelos braços e pelas pernas, levantado no ar e metido num carro que parte em grande velocidade.

Dois dias depois, numa senda de terra de General Pacheco, um boiadeiro encontra o cadáver de um homem. Tem só um tiro: na cabeça. Mas seu corpo está horrivelmente martirizado. Demoram em identificá-lo: é Juan Antonio Morán, o anarquista. Nele fora aplicado o método que logo seria utilizado em grande escala, durante o governo peronista de 1974 e 1975, os comandos assassinos das 3A.*

O ato de seu enterro será uma manifestação de indignação operária. Os oradores clamarão por vingança com o punho em alto.

Em 31 de dezembro de 1936 termina a pena de Miguel Arcángel Roscigna, Andrés Vázquez Paredes, Fernando Malvicini e o “capitão” Paz. Esta data está sublinhada na agenda

* 3A ou Triple A: referência a Aliança Anticomunista Argentina (AAA), grupo parapolicial de extrema-direita ligado a um setor político do peronismo, ao sindicalismo peronista, a Polícia Federal e as Forças Armadas argentinas conectados com a loja maçônica anticomunista italiana *Propaganda Due* (que ficou conhecida pela sigla P2). Assassinou artistas, sacerdotes e religiosos, intelectuais, políticos e militantes de esquerda, estudantes, historiadores e sindicalistas, utilizando como métodos as ameaças, as execuções sumárias e os sequestros durante o terceiro governo peronista na Argentina entre 1973-74 (Juan D. Perón) e 1974-76 (Isabelita Perón). Estima-se que a 3A foi responsável pelo desaparecimento e morte de 700 a 1.100 pessoas. [NT]

do delegado Fernández Bazán. Já está tudo pronto. Uma comissão policial, sob o comando do chefe da Ordem Social, Morano, foi a Montevideú. O Uruguaí rechaçou o pedido de extradição, mas já há um acordo tácito entre as duas polícias. Em Montevideú lhes aplicarão o decreto de “indesejáveis” e os expulsarão para Buenos Aires, mas no porto da capital uruguaia entregam os “embrulhos” bem atados à comissão de Morano. Durante o percurso do navio a vapor, não os deixam nem mesmo se moverem. E das docas, diretamente ao departamento central. Os juízes Lamarque e González Gowland, que julgam a causa do assalto ao Rawson e do assalto à La Central, irão lhes interrogar no próprio departamento, porque dali não os deixarão sair. Quando, por falta de provas, põe-se um ponto final no processo, começa para Roscigna, Vázquez Paredes e Malvicini o caminho sem retorno (já o “capitão” Paz é trasladado a Córdoba porque tem uma causa pendente e será liberado pouco depois a ponta de pistola de uma delegacia).

Quando o secretário do Comitê Pró-Presos, Donato Antonio Rizzo e a irmã de Roscigna vão ao Departamento de Polícia inquirir sobre o paradeiro dos três anarquistas, um oficial lhes responderá que foram trasladados a La Plata; em La Plata lhes informaram que estão em Avellaneda, em Avellaneda que estão em Rosário, em Rosário que estão na delegacia de Tandil, e assim sucessivamente. Caminho que seguirá a sacrificada irmã de Roscigna que sempre tem a esperança de rever com vida a seu amado irmão. Mas tudo será em vão. Um dia renasce a esperança com ampla força: um pescador da ilha Maciel viu como três homens algemados foram jogados de um carro de presos na delegacia de Dock Sud, na frente ia Roscigna. Imediatamente Apolinário Barrera é avisado, um homem do diário Crítica que publica com eficiência e rapidez uma grande manchete: “Roscigna no Dock Sud”.

Esse parece ser o sinal para Fernández Bazán de que é necessário terminar com as translações. A partir desse momento já não será possível encontrar nem o mínimo rastro

dos três lutadores anarquistas. Os esforços continuarão: até os grupos libertários de Barcelona enviam dinheiro para que se continue com a busca. É certo que foram assassinados, mas não se quer abandonar a última esperança. Até que – passados vários meses do desaparecimento – um oficial da Ordem Social abre-se com o Comitê Pró-Presos e lhes diz em tom confidencial: “Não se incomodem mais rapazes; a Roscigna, Vázquez Paredes e Malvicini foi aplicada a Lei Bazán, foram aportados no Rio da Prata”.

Até hoje não foi possível ser elucidado este obscuro episódio. Os cadáveres nunca foram encontrados. Talvez nem mesmo a verdade seja conhecida. Roscigna, Vázquez Paredes e Malvicini foram os três primeiros “desaparecidos” pelo terrorismo de Estado argentino. Método que logo seria aplicado por milhares de militares, marinheiros e aeronáuticos durante a ditadura de Videla.

Juan Domingo Perón premiará os méritos do delegado Fernández Bazán nomeando-o, em 1947, subchefe da Polícia Federal e depois consentirá também a um pedido deste: nomeá-lo na diplomacia que, segundo o próprio Fernández Bazán, havia sido sempre “sua verdadeira vocação”.

Com a Revolução Libertadora ele se aposentará e viverá seus últimos anos de solidão. Antes de morrer pedirá que seus restos sejam cremados (como tantos anarquistas que ele combatera). Fernández Bazán foi o único funcionário peonista que, em sua morte, fora elogiado pelo La Prensa de Gainza Paz que, na necrológica, fizera também o elogio da “Lei Bazán”.

Chegamos ao final de todo este capítulo amargo, mas vivenciado por nossa sociedade. O anarquismo delitivo existia naquela época evidentemente porque as condições foram dadas para isso. Violência contra violência, justiça indiscriminada pela própria mão ante a injustiça social reinante. Justificar aos anarquistas expropriadores? Não! Somente expor seus feitos. Justificam-se suas reações extremas? Isso, acreditamos, é algo inevitavelmente pessoal: há pessoas de aparente modéstia e burocratas que passam toda sua vida

suportando injustiças e há rebeldes tão suscetíveis que reagem diante do mais leve abuso do poder: estão aqueles que passam suas vidas marcando o passo e vestindo uniformes e estão os outros que não aceitam imposições se não estão embasadas na lógica, que nem sempre é compatível com a natureza humana. Já vimos isso naqueles dramalhões rurais de princípios do século: está o peão que aceita os chicotes de seu patrão para poder prosperar pacientemente e há o outro que ante o primeiro chicote saca seu facão, faz justiça, e torna-se um matador. Aqui descrevemos a trajetória, sórdida e épica ao mesmo tempo, de homens que escolheram um duro e épico caminho individual e que o trilharam até o final: até o abrupto e definitivo final.

A história não lhes deu razão porque as soluções que a sociedade busca não podem ser encontradas através do caminho individual.



Simón Radowitzky (1891-1956)



SIMÓN RADOWITZKY, HOMEM DE AÇÃO

*Oswaldo Bayer**

MATAR O TIRANO

Era o primeiro de maio de 1909. Anunciaram-se dois atos operários: um organizado pelos socialistas da União Geral de Trabalhadores, e outro é o da FORA anarquista que convida a concentração na praça Lorea.

Governa Figueroa Alcorta e o país vive uma situação interna bastante difícil. Faz sete anos que está vigente a famosa “Lei de Residência” 4144, que serve principalmente para expulsar do país os dirigentes anarquistas estrangeiros. Também impede o ingresso ao território da república todo estrangeiro considerado pelo governo como agitador.

Depois do meio-dia a praça Lorea começa a se encher de gente estranha, ao centro: muitos bigodudos, com gorros, lenços, calças remendadas, muitos italianos, russos e bastante catalães. São os anarquistas. O momento culminante se constitui pela chegada da associação anarquista “Luz ao Soldado”. Na avenida de Maio e Salta um carro para de repente. É o coronel Ramón Falcón, chefe de polícia. A massa o reconhece e grita:

— *Abaixo o coronel Falcón! Morram os cossacos! Guerra aos burgueses!*

* Ensaio inédito em português e traduzido a partir da versão publicada em “Los Anarquistas Expropiadores, Simón Radowitzky y otros ensayos”, pelo selo editorial *Sombraysén Editores* (Argentina, 2008). A publicação original foi também parte do livro “Los anarquistas expropiadores y otros ensayos” de 1975, do Editorial *Galerna de Buenos Aires*, publicados originalmente na *Revista Todo es Historia*.

Falcón se ergue, é um militar dos antigos, um sacerdote da disciplina. Olha para essa massa que pelo seu critério é estrangeira, indisciplinada, anti-argentina. Falcón fala brevemente com Jolly Medrano, chefe do esquadrão de segurança, e se retira. Minutos depois ocorre o choque.

Como sempre, as versões serão contraditórias. A polícia dirá que foi atacada pelos operários e os operários dirão que a repressão começou sem aviso prévio. Mas o certo é que o resultado é uma das maiores tragédias de nossas lutas de rua. Alguém dispara um tiro. Desata-se o tiroteio. Ataca a cavalaria. Os operários fogem, mas nem todos. Alguns não retrocedem. Depois de meia hora de uma luta corajosa a praça acaba vazia. A calçada está semeada de bonés, chapéus, bengalas, lenços... e 36 poças de sangue. São levantados 3 cadáveres e 40 feridos graves. Os mortos são Miguel Bech, espanhol, de 72 anos, vendedor ambulante; José Silva, espanhol, de 23 anos, empregado, e Juan Semino, argentino, de 19 anos, pedreiro. Horas depois morrerão Luis Pantaleone e Manuel Fernández, espanhol de 36 anos, guarda de bonde.

A comoção é tremenda. Falcón manda deter de imediato 16 dirigentes anarquistas e fecha todos os locais dessa tendência. O setor operário também reage: os socialistas se unem aos anarquistas e declaram a greve geral por tempo indeterminado. A suspenderão somente se Falcón renunciar. À medida que passam os dias a greve geral se vai desinflando.

Porém, os políticos e as classes alta e média são surpreendidas pela extraordinária manifestação de luto constituída por uma coluna de 60.000 operários que acompanham ao cemitério os restos dos companheiros caídos.

Desde a tragédia da praça Lorea, em maio desse ano, muitas são as ameaças que pairam sobre Falcón. Ganhou o ódio de um importante setor do movimento operário.

O carro de Falcón pega a avenida Quintana. Conduzido pelo italiano Ferrari. Ao lado de Falcón vai o jovem Alberto Lartigau, de 20 anos de idade. O carro dobra pela avenida Callao rumo ao sul. E é nesse momento que dois homens, o motorista José Fornés, que conduz o automóvel atrás do car-

ro de Falcón, e o ordenado do ministério da Guerra Zoilo Agüero, observam que um rapazote com aspecto de estrangeiro começa a correr a toda velocidade atrás do veículo do chefe de polícia. Carrega algo na mão. Quando o carro dobra, o desconhecido se aproxima em linha oblíqua e joga o pacote no interior do mesmo. Meio segundo depois a terrível explosão. O terrorista olha para todos os lados e começa sua fuga para a avenida Alvear.

Depois do primeiro momento de surpresa, Fornés desce do carro e seguido por Agüero começa a correr até o desconhecido, que segue a uns 70 metros. Dão altos gritos e vão se juntando mais perseguidores, entre eles os agentes Benigno Guzmán e Enrique Müller. O perseguido corre desesperadamente, mas sabe que está encurralado. E assim então um tiro é disparado no peito e cai redondo sobre a calçada.

Falcón sempre acreditou que seu rosto e seu olhar de falcão parariam a mão de quem atentasse contra sua vida. Agora está prostrado na avenida Quintana e Callao, sangrando com suas pernas quebradas. É levado na ambulância ao consultório central. Porém já é tarde, Falcón não suporta o choque traumático e expira. Lartigau morre umas horas mais tarde. Os dois serão velados no departamento central. Poucas vezes Buenos Aires assistirá a uma expressão de dor tão grande. Com delegações policiais de todo o país e do exterior. O Exército argentino e a polícia tomaram como uma afronta. O terrorista é levado pelo cabelo e pela roupa. O insultam. Chamam-lhe de “russo de merda” e outras coisas. Tem os olhos bem abertos, assustados, esperando receber o primeiro tapaço na cara. Está perdido e por isso não pede perdão e sim grita: “Viva o anarquismo! Viva o anarquismo!”. Quando os agentes Müller e Guzmán lhe dizem “já vai ver o que vai te acontecer”, responde em um castelhano quebrado e fanhoso: “Não me importa, para cada um de vocês tenho uma bomba”.

Porém a polícia abre uma exceção. Não cumpre com a lei informal de vingar a morte de um dos seus. Aparece o subcomissário Mariano T. Vila da comissária 15 e ordena colocá-lo em um carro de praça e levá-lo ao hospital Fernández,

porque o terrorista está perdendo muito sangue pelo lado direito do peito. Com uns curativos provisórios o preso é enviado ao calabouço da comissária 15 e fica rigorosamente incomunicável. Os interrogatórios se sucedem, mas o terrorista não fala. Apenas diz que é russo e que tem 18 anos de idade. Dali não lhe tiram.

21 ANOS DE PRISÃO

A intranquilidade reina no governo. Figueroa Alcorta estabelece o Estado de Sítio e proíbe os jornais terminantemente de dar qualquer informação sobre o preso e sobre as atividades anarquistas. Uns meses mais tarde Figueroa Alcorta sancionará a “Lei de Defesa Social”, que ampliava as medidas de repressão da lei 4144, deportando e prendendo a todo estrangeiro ou argentino nativo que fizesse propaganda anarquista, por considerar uma incitação à violência e ultraje à pátria.

Após vários dias de incessante trabalho, a polícia consegue identificá-lo: se trata de Simón Radovitzky ou Radowitzky, russo, domiciliado em um cortiço situado na rua Andes 194 (hoje José Evaristo Uriburu), é ferreiro e mecânico.

O ministro argentino em Paris, doutor Ernesto Bosch, informa também o seguinte: Radowitzky participou de distúrbios em Kiev, Rússia, em 1905 e que por isso foi condenado a seis meses de prisão. Também aponta que Radowitzky pertence ao grupo ácrata dirigido pelo intelectual Petroff, juntamente com os conhecidos revolucionários Karaschin (o do atentado no funeral de don Carlos de Borbón), Andrés Ragapeloff, Moisés Scutz, José Buwitz, Máximo Sagarín, Iván Mijin e a palestrante Matrena.

Identificado e reconhecido o crime pelo réu, só resta esperar o dia e a hora em que será fuzilado. Ninguém acredita que possa ter apenas 18 anos. O fiscal vê em Radowitzky um criminoso nato, como esses que assassinam para roubar. Não reconhece que é um filho do desespero, nascido em uma terra onde reina a escravidão e o chicote para o pobre. Finalmente o doutor Beltrán pede a pena de morte para o

anarquista. Tem apenas o “pequeno” inconveniente da idade. Mas o doutor Beltrán encontra um modo para vencer essa dificuldade e faz com que “peritos médicos” calculem a idade do preso, determinando que Radowitzky tem um pouco mais de 22 anos. Ou seja, já está maduro para o pelotão. A imprensa influenciada pelos setores poderosos da população pedia a pena de morte. Assim estavam as coisas até que um bom dia apareceu na cena um personagem singular. Disse se chamar Moisés Radowitzky e ser primo do terrorista. Trazia um documento que iria dar uma volta de 180 graus ao processo. Era a certidão de nascimento de Simón Radowitzky. Um documento estranho, escrito com caracteres cirílicos. Os tradutores do comissário inspetor Vieyra afirmam que esse documento vêm a dizer que Simón Radowitzky nasceu na aldeia de Santiago, província de Kiev, Rússia, em 10 de novembro de 1891. Segundo o qual Radowitzky teria agora 18 anos e 7 meses.

Radowitzky se salva do fuzilamento. Mas é condenado à morte lenta: penitenciária por tempo indeterminado, com reclusão solitária a pão e água durante 20 dias todos os anos ao aproximar-se da data do seu crime. Passará 21 anos entre o lixo da sociedade, 19 desses anos no presídio de Ushuaia, tristemente conhecido como a “Sibéria argentina”. Uma ironia histórica foi que, enquanto a Liga Patriótica propôs converter o 14 de novembro, o dia do atentado, em um feriado nacional, os anarquistas se aproveitavam desta data para reivindicar a liberdade de seu preso. Permanecem as perguntas sobre as quais Radowitzky não falará jamais.

Quem o inspirou para cometer o atentado? Foi ideia própria? Fabricou a bomba? Por acaso seus companheiros ordenaram que cometesse o atentado porque era menor de idade e poderia se salvar da pena de morte?

Em 6 de janeiro de 1911, Buenos Aires está em choque com uma notícia. Treze prisioneiros da Penitenciária Nacional escaparam por um túnel construído por debaixo da muralha. Conseguiram escapar dois famosos anarquistas: Francisco Solano Regis e Salvador Planas Virella.

No verão de 1908, quando o presidente José Figueroa Alcorta vai entrar em sua mansão, Solano Regis passa correndo e deixa cair um pacote ao seu lado. O pacote era uma bomba que não havia estourado por conta da errada proporção dos ácidos usados. O anarquista foi condenado a vinte anos de prisão. Em agosto de 1905 Salvador Planas Virella, tipografo de profissão, gruda no carro do presidente Manuel Quintana, engatilha seu revólver, mas a arma falha. É condenado a dez anos de prisão.

Os onze fugitivos restantes são presos comuns. Há um outro anarquista na penitenciária que não teve como fugir: Simón Radowitzky, que poucos minutos antes havia sido levado a casa de impressão da prisão. Os anarquistas receberam ajuda desde fora e saíram por um túnel em forma de U, na altura da rua Juncal quase esquina com Salguero. Depois disso, nenhum diretor do presídio quer correr o risco de que os anarquistas planejem outra tentativa de fuga para salvar o companheiro preso. Além disso, é possível observar uma coisa pouco comum na prisão: Radowitzky desperta a simpatia de todos, de presos e carcereiros.

Nesse mesmo ano se decide e se leva a cabo a transferência do anarquista ao presídio de Ushuaia. Será a última vez em sua vida que pisa terra portenha. O navio que transportou os presos para Ushuaia se assemelhava bastante a uma câmara de tortura, e a viagem durava quase trinta dias.

Em maio de 1918 Buenos Aires é inundada por um folheto editado pelo jornal "La Protesta" e escrito por Marcial Belascoain Sayós.

O folheto está muito bem informado e denuncia as torturas a que vem sendo submetido Radowitzky, centrando seu ataque no subdiretor do presídio, Gregorio Palacios. Em 9 de novembro desse mesmo ano chega uma notícia sensacional: em 7 de novembro fugiu Radowitzky do presídio de Ushuaia. Lá vai Radowitzky metido em uma pequena chaluça pelo canal de Beagle até a liberdade.

É que os anarquistas de Buenos Aires são bons amigos. Prepararam os planos para derrotar o impossível e juntaram dinheiro. O homem eleito para a proeza é um crioulo

puro: don Apolinario Barrera. Será ajudado por Miguel Arcángel Roscigna, quem anos depois, junto a Severino Di Giovanni, chegará a ser o representante mais destacado do anarquismo expropriador.

Os anarquistas viajaram a Punta Arenas. Ali alugam o pequeno veleiro “Ooky”. Em 7 de novembro, às 7 da manhã, um guardião cruza as linhas de sentinelas do presídio. É Radowitzky disfarçado de guarda penitenciário, que não foi reconhecido. Barrera foi da opinião que uma vez a vários quilômetros de Ushuaia, Radowitzky desembarque em um dos tantos refúgios da costa. Haviam deixado comida para dois meses até que as perseguições e buscas houvessem cessado. Mas Radowitzky não aceita e ali comete o erro que lhe custará mais doze anos de prisão. Convince Barrera para que sigam navegando sem interrupções até Punta Arenas. Ao quarto dia de navegação entram no estreito de Magalhães. Até que de pronto avistam no horizonte a fumaça de uma embarcação que se aproxima. Radowitzky intui o perigo e pede que o veleiro se aproxime o máximo possível da costa da península de Brunswick, terra chilena. Assim quase chegando a uns duzentos metros, Radowitzky se joga, então, na água gelada e nada até a costa, onde desaparece. A fumaça negra que se aproximava era do navio de guerra chileno “Yañez”, que foi prender Radowitzky após uma chamada telegráfica das autoridades argentinas. Enquanto de Punta Arenas parte uma equipe de forças policiais da marinha chilena: sete horas depois, no lugar conhecido como Águas Frias, apenas a 12 quilômetros de Punta Arenas, é localizado Radowitzky, extenuado e com suas roupas geladas.

Vinte e três dias depois de sua busca por liberdade, Radowitzky entra novamente na penitenciária de Ushuaia. A vingança das autoridades é refinada: durante mais de dois anos o manterão isolado em uma cela, sem ver a luz do sol, e apenas meia ração.

Em 19 de maio de 1919 acontece o primeiro assalto expropriador na Argentina. O intento fracassa. Andrés Babby e Germán Boris Wladimirovich são condenados à morte, mas os juízes não entram em acordo, impondo-lhes finalmente a pena de prisão perpétua.

Wladimirovich é um personagem especial: nasceu na Rússia, é biólogo, sociólogo, pintor, fala vários idiomas e é autor de muitas publicações. O assalto teve como objetivo levantar fundos para fundar um jornal de agitação. Anos mais tarde Wladimirovich será o cérebro pensante da vingança dos anarquistas contra o membro da Liga Patriótica, Pérez Millán, assassino de Kurt Wilckens.

Na penitenciária de Ushuaia, sem que proponha ser, Radowitzky era um homem muito perigoso: a ele sempre recorriam todos os presos quando eram castigados ou tinham algum problema. Radowitzky sempre escutava a todos e era uma espécie de delegado dos homens de uniformes listrados. Passam os anos e o mito segue crescendo. Os anarcobolcheviques quiseram atrair Radowitzky para sua causa, já que García Thomas, Viondi e Rosales haviam iniciado contato com ele, mas Simón permaneceu no movimento anarquista tradicional.

O número 23 de "Culmine", publicação dirigida por Severino Di Giovanni, diz: "Radowitzky morre! As últimas notícias que vem de Ushuaia são alarmantes. A Sibéria argentina não perdoa. Não devemos titubear mais. Começemos um sério trabalho de agitação que se estenda até os confins da Argentina. Temos que tentar todos os esforços para salvá-lo das garras assassinas dos dirigentes desta 'grande' democracia republicana.

Simón Radowitzky morre! O adolescente que justiça o policial Falcón, o feroz, responsável em mil serviços, soube queimar como uma pira de dignidade rebelde. Que os verdadeiros revolucionários impeçam que este símbolo se acabe!".

O diretor da prisão de Ushuaia, Juan José Piccini é acusado pelos anarquistas de ter torturado barbaramente Simón. Severino Di Giovanni junto com Paulino Scarfó lhe enviaram um dispositivo que ao ser aberto explode. O atentado, em si, fracassa, mas a notícia sai em todos os jornais e causa grande alvoroço.

Quando Hipólito Yrigoyen assume sua segunda presidência, as diversas organizações de trabalhadores pressio-

nam pelo indulto. É então quando se origina uma discussão nos distintos âmbitos acerca do delito de Radowitzky e sua interpretação. Uma descrição do ocorrido bastante acertada é publicada por Ramón Doll em 1928. Doll qualifica o delito de Radowitzky com as precisas palavras de “crime repugnante e estúpido”, mas adiciona: “não é um crime passional ou de um mercenário; é um crime social, na moderna guerra de classes. É evidente que um juiz pertence sempre a burguesia e, portanto, seus interesses, preconceitos, e sua própria comodidade o levam a se solidarizar com sua classe e não com os da classe proletária, de modo tal que a intolerância que deve ter para todos os crimes dobrasse quando o criminoso é também um adversário. O crime de Radowitzky não é nem mais, nem menos horrendo que os crimes que diariamente se cometem nas lutas eleitorais argentinas.”

E ainda assim, ninguém que participou desses crimes recebeu nem a quarta parte da pena imposta a Radowitzky. “Observe a atitude da burguesia frente aos crimes igualmente nauseabundos: um atentado anarquista e um assassinato noturno. No caso do assassinato por roubo se comenta, se critica, até apaixonadamente, mas sempre se termina deixando-o para a 'serena majestade da justiça'; no atentado anarquista, a burguesia toma parte em sua repressão, se produzem razias policiais, se agitam as guardas brancas”.

Em janeiro de 1930, Eduardo Barbero Sarzabal, cronista do jornal “Crítica”, se dirige ao presídio de Ushuaia e ali faz gestões para conseguir uma entrevista que vai produzir uma reportagem de grande impacto.

LIBERDADE E LUTA

O desafio feito pelo nazifascista Francisco Franco em 18 de julho de 1936 contra a República espanhola é tomado pelos anarquistas de todo o mundo como uma questão de honra. Madri será o lugar do encontro. E entre esse grupo de homens vindos da Argentina, Brasil e Uruguai está Simón Radowitzky. O ex-prisioneiro de Ushuaia estava quase sempre em Madri, ligado ao comando anarcossindicalista. Radowi-

tzky acredita que a guerra civil espanhola se converteu na realidade em seu velho sonho de ver juntos todos os homens de esquerda. Até que em 1939 é testemunha de uma dilacerante verdade: em Madri, em Valencia e em Barcelona começam os fuzilamentos de anarquistas. Mas não são os fascistas de Franco. São os próprios comunistas que “para evitar indisciplinas” e forçar o comando único em suas mãos, eliminam sem piedade a todo aquele que tenha cheiro de anarquista. Centenas de jovens e homens experimentados em todas as lutas são obrigados a cavar sua própria cova e depois são fuzilados por seus próprios aliados. Assim, sem prévio julgamento.

Ao terminar a guerra são muito poucos os anarquistas que permanecem. Apenas um grupinho que consegue passar os Pirineus, chegar à França e logo embarcar para o México. Ali, Simón Radowitzky editará revistas de pequena circulação, fará periódicas viagens aos Estados Unidos para visitar seus parentes, e às vezes trocará impressões com organizações anarquistas desse país. No México, o poeta uruguaio Ángel Falco o empregará no consulado onde era titular.

Radowitzky mudará de apelido e sechamará simplesmente José Gómez, dividindo seu quarto de pensão com uma mulher. Assim vive entre o trabalho, debates e conferências com os companheiros de ideias, e seu lar. Até que em 4 de março de 1956, aos 65 anos, morre por um ataque cardíaco. Seus amigos pagarão uma sepultura simples.

Matou por idealismo. Que contradições! O mal e o bem, o covarde e o heroico. O braço arteiro, movido por uma mente pura e bela.



Severino Di Giovanni (1901-1931)



Fuzilamento de Severino Di Giovanni, capturado e executado pela ditadura de José Félix Uriburu (1930-32) em 1 de fevereiro de 1931. As imagens são uma reconstituição feita pela revista argentina *Caras y Caretas*, publicadas na edição de 14 de fevereiro de 1931.

SEVERINO DI GIOVANNI, O IDEALISTA DA VIOLÊNCIA

*Oswaldo Bayer**

“Viver em monotonia as horas mofadas dos mediócras, dos resignados, dos acomodados, das conveniências, não é viver, é somente vegetar e se mover na forma ambulante de um monte de carne e de ossos. À vida é necessário brindá-la com a sublime elevação do braço e da mente.”

Severino Di Giovanni, 10 de janeiro de 1929

O embaixador italiano em Buenos Aires, Luigi Aldrovandi Marescotti, Conde de Viano, espera na própria escadaria do Teatro Colón o presidente da Nação. Soam aplausos. Aí vem Dom Marcelo T. de Alvear acompanhado por Dona Regina Pacini. Atrás dele, os ministros do Interior, das Relações Exteriores e de Instrução Pública.

É evidente que o resultado será uma grande festa. A comunidade italiana resolveu festejar com toda ostentação o 25º aniversário da chegada ao trono de Victor Emanuel III. O ponto culminante será a grande apresentação artística no Teatro Colón na noite de sábado, de 6 de junho de 1925.

Essa festa será um teste para o embaixador italiano. Primeiro, porque se sabe que o próprio Mussolini tem grande interesse nas repercussões sobre seu regime na comunidade italiana na Argentina, e segundo, porque precisa demons-

* Este ensaio que publicamos aqui pela primeira vez em português foi traduzido a partir do primeiro capítulo da edição argentina do livro “Severino Di Giovanni. El idealista de la violencia”, publicado em 2009 pela Sombraysén Editores, cujo título original é “Faccia a faccia col nemico”. A primeira edição do ensaio foi publicada em 1970 pelo Editorial Galerna, em Buenos Aires, Argentina.

trar poder e eficácia diante dos outros embaixadores que andam com desconfianças em relação ao fascismo.

O certo é que nessa noite o Colón parece estar na própria Roma. Tudo está magnificamente organizado e com a ostentação própria dos atos fascistas. Qualquer tentativa de desordem será imediatamente reprimida pela juventude camisas-negras* da comunidade. A delegação do *Fascio* cuidou bem desse detalhe.

O público brilha com suas melhores roupas. As damas italianas da endinheirada burguesia colocaram seu melhor nessa festa que é o encerramento de todo um dia de atos. Fala-se de forma engomada e se admira os uniformes com muitos adornos, especialmente de diplomatas e militares. Os *bersaglieri*** fazem suspirar algumas damas quarentonas.

Ao ingressar ao palco presidencial, Alvear é recebido com uma salva de entusiasmados aplausos. Os jovens camisas-negras, distribuídos estrategicamente, observam que tudo está tranquilo. É uma verdadeira festa dos bons filhos da Itália.

Imediatamente, a banda municipal inicia a execução do Hino Nacional. Todo mundo de pé, com unção e circunspeção. A música passa a cair como um bálsamo que acalma o nervosismo próprio dos grandes acontecimentos. Terminada a canção pátria, aplausos respeitosos. Mas logo começa a marcha real italiana. Agora sim, todo o temperamento meridional desborda. Lágrimas nos olhos. O sangue arde nas veias de todos esses homens reunidos a tanta distância da

* Camisas-negras foi um grupo paramilitar da Itália fascista, a Milícia Voluntária para a Segurança Nacional que mais tarde passou a ser uma organização militar. Devido à cor dos seus uniformes, os seus membros ficaram conhecidos como camisas-negras (em italiano: *camicie nere*). [NT]

** Bersaglieri (atirador, artilheiro) é um corpo do exército italiano criado originalmente pelo general Alessandro La Marmora em 18 de junho de 1836 para servir ao exército do Reino da Sardenha, sendo mais tarde o Regio Esercito (Exército Real Italiano). Sempre se caracterizou por ser uma unidade de infantaria de alta mobilidade e que existe até os dias atuais, podendo ser reconhecido pelo famoso chapéu de abas muito largas, decorado com plumas negras de faisão. [NT]

Pátria. Aqueles sons! A orquestra está mais afinada do que nunca. Escutam-se as vozes roucas. Todos cantam. A Itália vive uma época nova, renasceu. A Itália volta a ser Roma.

Mas parece que existe alguém que quer tornar amarga a noite dessa gente tão entusiasmada. Da plateia se começa a perceber um murmúrio que vai descendo desde o paraíso*. O embaixador segue cantando. Não, não pode ser, mas é. O embaixador desperta como de uma sacudida quando no meio das vozes, acredita escutar claramente:

— *Assassinos! Ladrões! Matteotti!***

Mas o embaixador ainda não está inteiramente convencido. Não, não pode ser. Sim, desgraçadamente, sim. Na frente do nariz de Luigi Aldrovandi Marescotti, Conde de Viano, passam centenas de panfletos como uma chuva de papel picado. Agora se escutam claramente os gritos:

— *Ladrão! Assassino! Viva a Matteotti!*

Toda a sala se levanta e olha para cima. Seguem caindo panfletos. A orquestra continua tocando, mas ninguém mais presta atenção.

Agora os gritos de “Assassino!” e “Viva a Matteotti!” dominam. Uma luta começa no paraíso.

A desordem surgiu da primeira fila do paraíso. Ainda no início da marcha real italiana, começam com os gritos e a jogar panfletos para a plateia. Os jovens camisas-negras não reagem com a prontidão prevista, precisamente porque não esperavam um ataque assim. Apenas quando despertam de sua surpresa, se lançam com uma santa indignação contra os rebeldes.

* O Teatro Colón fica no coração da cidade de Buenos Aires, sendo considerado um dos melhores teatros do mundo. O teatro original foi inaugurado em 1857, depois reformado e reinaugurado em 1908. O local destinado ao público em formato de “U” é dividido em diversos setores com partes mais baixas e mais altas e diferentes visões do palco do teatro que tem 15m de altura e 20m largura. Os setores em volta da plateia que fica de frente para o palco são nomeados na ordem de proximidade com o tablado como cazuela, tertúlia, galeria e por último o paraíso, que fica mais longe do palco, com algumas dessas alas sendo exclusivas para homens e outras para mulheres ou mistas. [NT]

** Optamos por traduzir os diálogos originalmente em italiano. [NT]

Porém, estes tipos se defendem bem. A situação se generaliza, as filas próximas do paraíso ficam vazias, as mulheres gritam e os homens fogem. Soco vem e soco vai. Começam aparecer porretes trazidos de um canto pelos garotos do *Fascio*. Mas os indóceis parecem ter a cabeça muito dura. Particularmente, tem um loiro que se defende como um leão. Pega um panfleto e com um vozeirão que chega até a plateia, grita:

— *Santificados da Casa de Saboia, vocês se esqueceram que sob o reinado de Victor Emmanuel III, pela graça e pela vontade... de alguns (...).*

Nesse momento um camisa-negra o pega pelo pescoço e o arrastra sobre as poltronas. Mas esse jovem loiro com casaco preto tem a força de uma besta. Com alguns golpes ele derruba aqueles que tentam lhe dar socos e chutar, fica na primeira fila e continua:

— *(...) que o Rei da Itália, subiu se alimentando com o sangue derramado pela quadrilha de bandidos, os chamados fascistas (...) com todos os seus Dumini, Filipelli, Rossi, e Vecchi, Regazzi, Farinacci (...) e se encontrou em Benito Mussolini (...).*

A luta segue sem quartel. Um grupo de homens se golpeiam e se estapeiam no chão. Os revoltosos se defendem com unhas e dentes, mas cada vez vão chegando mais reforços para os camisas-negras.

Os homens que estavam nos setores da cazuela e na tertúlia se sentem no dever de subir e colocar ordem nas galerias do paraíso. Jovens e velhos, alguns com porretes, sobem as escadas longas para dar aos arruaceiros o devido tratamento.

Os bombeiros e a polícia também intervêm. A orquestra tenta continuar, mas seus sons são um pouco menos marciais que no começo.

Alguns dos revoltosos vão sendo controlados. Entre dez ou doze braços, punhos e bastões caem sobre as cabeças dos rebeldes. Mas o jovem loiro vestido de negro segue de pé e de uma das poltronas ele continua com seu, várias vezes interrompido, discurso:

— (...) em Benito Mussolini, a representação mais precisa e perfeita de toda a infâmia. Os glorificadores da monarquia que apunham pela adaga de Dumini, escrevem isso na história da Casa de Savoia este nome glorioso: Matteotti!*

Simplemente não dá mais. Braços fortes agarram o jovem rebelde pelo pescoço enquanto um camisa-negra lhe dá alguns socos no olho esquerdo. Quando é arrastado pelo corredor, ainda grita:

— *Lembre-se dos 700 assassinatos em 1898 pelos canhões de Umberto il Buono!*

Todos queriam golpeá-lo, senhores elegantes com rostos decompostos de raiva e jovens com expressões do campo de batalha. Finalmente, os dez atrevidos são controlados e entregues aos bombeiros e policiais. Os concentram no hall de entrada e ali os algemam.

Quando o camburão chega eles são colocados em fila indiana e tem que seguir em frente cercados por uma multidão indignada. Antes de subir, o jovem loiro revoltado acerta uma cusparada certa no rosto de um imponente militar italiano com um chapéu *bersaglieri*, enquanto grita:

— *E viva a anarquia!***

Reconstruímos o episódio do Teatro Colón, com base nas publicações da época e depoimentos de testemunhas presenciais, para mostrar o clima que vivia a comunidade italia-

* Amerigo Dumini foi um assassino fascista italiano de origem americana que liderou o grupo responsável pelo assassinato de 1924 do líder do Partido Socialista Italiano, Giacomo Matteotti, que denunciou no parlamento italiano, com provas, a violência fascista que originou a falsificação dos resultados das eleições de abril de 1924, sendo assassinado em 10 de junho desse ano. [NT]

** Esclarecimento dos nomes mencionados por Di Giovanni no Teatro Colón: Matteotti, deputado socialista italiano, sequestrado e morto pelo fascismo em junho de 1924. Dumini, Filipelli, De Vecchi, Rossi, Regazzi, Farinacci: membros do partido fascista e da polícia política envolvidos na repressão. Américo Dumini, por exemplo, quando se apresentou, disse ironicamente: “Dumini, oito assassinatos”. Isto só foi superado por outro de seus companheiros que se apresentou como: “Sandro Carosi, dez assassinatos políticos”. (Ver Franco Fuchsia: *Le polizie di Mussolini*, Mursia, Ed. Milano, 1985.) [NA]

na da Argentina dessa época, profundamente dividida pelas ideias políticas e pela violência, e também para mostrar o ponto de partida da atuação de um jovem homem que durante pouco mais de cinco anos vai aparecer constantemente na crônica jornalística.

O resultado da desordem no Teatro Colón, para os homens da Ordem Social da Polícia, é o seguinte: dez detidos e, recolhidos no lugar “dois tacos de madeira, um bastão, dois chapéus pretos e um par de óculos com o aro direito torto e faltando a lente direita”.

Dos dez detidos, nove se negam a declarar que ideologia defendem e qualquer outro dado que o oficial sumariamente lhes pede.

Apenas um responde sem nenhum problema: o jovem loiro vestido de preto, que é o que mais apanhou de todos e apresenta um olho machucado. Suas declarações textuais são as seguintes: “Que foi até a homenagem ao Rei da Itália para distribuir mil panfletos em que trata de demonstrar a influência funesta que tem exercido a Casa de Saboia e as fatais consequências que terão o governo do senhor Mussolini”.

Perguntado o que fez no interior do teatro, responde: “Que quando a banda tocava a marcha Real Italiana jogou pelos ares os panfletos, que caíram na plateia, e que então um sujeito que havia ordenado que se identificasse lhe aplicou um soco no seu olho esquerdo e outras pessoas o atacaram até que perdeu a consciência”.

Perguntado se conhece os outros nove detidos: Nazareno Tirabassi, Antonio De Marco, Dionisio Di Giustini, Carlos Marchese, Santiago Sabatino, Albino Carpinetti, José Romano, Agostino Del Medico e Domingo Coliberti, responde: “Que foi sozinho ao teatro, porém no paraíso se encontrou com outros antifascistas, mas ignora seus nomes.”

Perguntado de que ideologia é, responde: “Que fazem quatro anos que milita no anarquismo”.

Perguntado se propaga sua ideologia política, diz: “Propaga o anarquismo por meio de conferências ou artigos pu-

blicados nos jornais e revistas, especialmente criticando o atual governo italiano. Publicou notas no periódico anarquista 'L'Avvenire', órgão da comunidade anarquista italiana".

Perguntado se acredita na violência como meio para mudar a sociedade, responde: "Que repudia todo ato que significa violência estando seu jeito de pensar mais próximo de Tolstói que de Ravachol".*

Perguntado se faz parte de alguma entidade sindical, diz: "Que não faz parte de nenhuma sociedade sindical porque é antiorganizacionista."

Por último assinala que tem como profissão tipógrafo e que trabalha na imprensa de Polli, em Morón. Tão pouco tem inconveniente em dizer que mora na Rua Yatay, nº 1389, em Morón.

A polícia está um tanto confusa. Não está acostumada que um preso ideológico reconheça com tanta franqueza sua filiação política. Esse homem de 24 anos, de simpática presença e traços atraentes responde às perguntas com um tom de desafio, como se estivesse seguro de que em sua ideologia está a verdade.

Não tem problema em assinar sua declaração e faz com a letra firme: Severino Di Giovanni.

Ainda que a prisão de Severino Di Giovanni não tem como motivo um crime, mas uma briga entre compatriotas de uma comunidade estrangeira, os homens da Ordem Social já o catalogam como um temível agitador anarquista. É que nesse homem existe uma convicção e uma firmeza que não passa despercebida aos perspicazes olhos policiais.

Mesmo fazendo apenas dois anos de sua chegada da Itália, fala espanhol fluentemente e com pouco sotaque italiano. Havia nascido em Chieti, filho de Carmine Di Giovanni

* Di Giovanni nomeia os dois antípodas: Tolstói, o não-violento por excelência; Ravachol, o símbolo da violência desesperada. Aqui Severino engana a polícia. Nessa época [...] ele já havia publicado artigos justificando a violência dos de baixo como um direito à rebelião. [NA]

e de Rosaria Duranti, na região dos Abruzos, uns 189 quilômetros ao oeste de Roma, em 17 de março de 1901. “De sua infância pouco se conhece – escreverá ‘L’Adunata dei Refrattari’, periódico anarquista da coletividade italiana nos Estados Unidos –, mas se sabe que desde pequeno foi inteligente, vivaz, rebelde contra a autoridade familiar, e que seus pais o enviaram por um certo tempo para um instituto de Ancona.”

Ele estudará para ser professor, mas não consegue o diploma. Mesmo assim irá exercer a profissão em uma vila de Abruzzo. Existem poucos professores na Itália; a guerra levou a vida de muitos homens e se deixa nas mãos dos jovens (pouco mais que adolescentes) as funções na vida civil deixadas pelos que morrem ou que vão para o front neste último ano da guerra.

Severino, nesse período, aprende em suas horas livres o ofício de tipógrafo. E lê, lê muito: Proudhon, Bakunin, Reclus, Kropotkin, Malatesta, Nietzsche, Stirner.

Da violência da guerra mundial vivida em sua adolescência, uma guerra triste e miserável em que os italianos são enfiados, passa-se ao período mais violento mesmo no período do pós-guerra, culminando com o advento do fascismo. Este é o momento em que acabam as garantias individuais. Tudo o que é oposição é varrido pelos *squadristas**. Os antifascistas são humilhados ao ponto da exaustão: a prisão, o exílio, a perda do emprego, surras, torturas, quando não o assassinato. Galeazzo Ciano, o arrogante favorito de Mussolini, descreverá bem o ambiente desses anos com sua famosa frase: “Il popolo bisogna tenerlo inquadrato e in uniforme della mattina a la sera. E ci vuole bastone, bastone e

* Squadristas, membros da esquadra *d'azione*, milícias fascistas não oficiais organizadas em um movimento que ficou conhecido como esquadrismo. Eram grupos armados liderados pelos chamados “Ras”, que organizavam ataques terroristas contra opositores do fascismo na Itália durante o *Biennio nero* (1921-1922), período que marca a ascensão fascista até a Marcha sobre Roma e a chegada ao poder de Benito Mussolini. Originalmente foi formada por fazendeiros e membros da classe média como milícia para enfrentar socialistas e revolucionários. [NT]

bastone.” (“O povo precisa ser treinado durante todo o dia e deve estar fardado de manhã à noite. E é preciso bastão, bastão e bastão!”). Severino Di Giovanni, agora desempregado, deixa a Itália. Isto acontece em 1922. Ele já se casou com Teresa Masciulli, uma jovem simples que Severino sempre chamara de Teresinha. O casamento foi um pouco repentino. Ela, sua prima, estava encarregada de lhe trazer a comida. Uma noite, a menina não pôde voltar por causa de uma forte tempestade e teve que ficar com ele. O suficiente para que, de acordo com as leis não escritas da região, eles se casem para que Teresinha não fosse envergonhada. Ela era quatro anos mais velha que Severino. Os Di Giovanni eram três irmãos e duas irmãs. Severino viajaria para a América do Sul, Alejandro para a França e José e as duas mulheres permaneceriam em Villamagna.

Severino e Teresinha vão parar em São Paulo, Brasil, e lá, em Santana, onde vai trabalhar na colheita de milho. Nesse lugar, nascerá a primeira filha, Laura. Do Brasil retornarão à Itália onde empreenderão a viagem final à Argentina.

Em maio de 1923, Di Giovanni, sua esposa e a filha Laura chegaram a bordo do vapor Sofia no porto de Buenos Aires. Eles foram morar em Ituzaingó. Ali, em meio hectare e com um motor a óleo para a água, Severino cultivava flores que vendia no mercado atacadista e também no varejo, por ramo. Mais tarde, Severino conseguiria um emprego como tipógrafo e começaria a trabalhar na oficina de Polli, em Morón. A partir daquele momento, Di Giovanni faria a vida comum dos trabalhadores politizados daqueles tempos. Tornou-se um bom trabalhador gráfico especializado: geralmente trabalhava como tipógrafo, mas também era linotipista, à noite participava de reuniões anarquistas ou com grupos antifascistas.

Severino e Teresina compõe um matrimônio prolífico: em 1924 nasce a segunda filha, Aurora, e um ano mais tarde, Ilvo. “L’Italia del Popolo”, jornal liberal-socialista da comunidade italiana – de 31 de janeiro de 1931 – descreve o Di Giovanni desses anos assim:

“Nas reuniões distribuía ou vendia jornais e revistas de tendências anarquistas e falava para expressar seu desacordo com os oradores. Para ele, o antifascismo organizado por todas as tendências enganava as massas e por isso iniciou a publicação de um periódico libertário chamado ‘Culmine’. Escrevia, editava e imprimia ele mesmo, em seus momentos livres, roubando-lhe horas de sono (...). Quando o conhecemos era um homem simples, com um rosto esgotado de garoto que nem sempre tinha o que comer. Vestia-se de forma muito humilde, como um operário comum: jaqueta e calça que, à primeira vista, mostravam uso prolongado, camisa sem gola, um lenço no pescoço, um boné na cabeça e as alpargatas proletárias clássicas (...). Al Capone – continua o jornal italiano, e esta frase é uma alusão a um editorial do ‘La Nación’ onde comparava Di Giovanni com o gangster norte-americano – não se via por nenhum lado. Com traços bem fortes, loiro puxando ao castanho, tez levemente rosada, tinha em seus olhos – de cor azul mar uma luz intensa, quase febril...”

Antes de começar com essa verdadeira jornada de violência que Severino Di Giovanni irá protagonizar ao longo de quatro anos – com toda sua gama de crueldade, romantismo, lenda, valentia e esse algo indefinido que caminha entre o incrivelmente delitivo e uma paixão pela justiça com as próprias mãos (um chefe da Ordem Social da polícia cometerá a gafe de chamá-lo de Robin Hood moderno) – queremos definir o caráter e a mente deste homem antes que comece sua perseguição implacável. Porque durante seus últimos três anos de vida viverá encurralado, e um homem encurralado pela sociedade vai reagir de forma muito diferente do que quando goza de uma vida legal.

Alberto S. Bianchi, jornalista do “La Antorcha” e clássico orador anarquista das décadas de 20 e 30, quem conheceu precisamente Di Giovanni nesse período anterior, nos descreve graficamente desta maneira: “Di Giovanni era como um vinho espumante italiano no momento em que se abre: transbordante, entusiasmado, ativíssimo.

Com atraente aparência, sua paixão era, uma vez terminado seu dia de trabalho, continuar usando o chumbo e a tinta para expressar suas ideias, seja em seus folhetos ou em suas próprias publicações, nas quais gastou seu próprio dinheiro. Lembro-me dele se alimentando de um pequeno sanduíche enquanto escrevia cartas, em longas noites de trabalho febril.”

Donato Antonio Rizzo, então administrador do “La An-torcha”, nos descreveu quando foi à oficina na rua Rioja 1689: “Quando o conheci, Di Giovanni estava trabalhando na oficina do Banco de Boston.

Ele quase sempre trazia algo de lá, especialmente tintas, para que o custo de seu jornal ‘Culmine’ não fosse tão alto. Ele fez todo o trabalho. Ele escrevia sua maior parte, preparava as cartas, as juntava e finalmente seguia para expedir. Era um daqueles homens que queria fazer tudo, porque se não pensam que nada avança. Sempre esquecia de comer durante suas infundáveis horas de trabalho. De vez em quando mastigava um pedaço de pão duro que encontrava enquanto ainda estava absorvido em sua tarefa. Seu caráter era impetuoso e reagia espontaneamente, sem cálculos. Vestia-se de forma humilde, mas sempre corretamente. Não era um homem que se interessasse por sua aparência exterior.”

O “L’Adunata dei Refrattari” de Nova York dirá: “Quem se lembra dele quando ainda não era um fugitivo, sabe como ele se dedicou apaixonadamente à propaganda das ideias libertárias e lembra que, embora fosse impetuoso, com a jovialidade de seu caráter conquistou amigos e companheiros.”

Mas a chave para entender seu estilo é: Severino Di Giovanni era acima de tudo, um homem autodidata. Sua caligrafia, por exemplo, não é a de um trabalhador, mas a de quase um calígrafo. E quando se torna um jornalista, seu estilo será turbulento, avassalador, sem rodeios, direto. Ele escreve claramente, é um tanto repetitivo, mas sua linguagem é jornalística, interessante, ele sabe muito bem como se dirigir a seus leitores.

Pouco depois de começar como tipógrafo, entrou em contato com um grupo de anarquistas antifascistas que editava “L’Avvenire”, *Pubblicazione Anarchica di Cultura e di Lotta*, que era dirigida por Camilo D’Aleffe e incluía Ricucci, Cortese, Tibiletti, Tirabassi, Di Guistini e Aldo Aguzzi, este último, também exilado do fascismo, era o teórico mais qualificado de todos eles.

A primeira vez que Severino aparece naquele jornal, sob o pseudônimo de N. Donisver, está na lista de colaboradores com uma contribuição de cinco pesos, que naquela época era muito dinheiro (em geral, as contribuições não passavam de 0,50 centavos a um peso por mês), e o primeiro artigo que ele escreve já é bem significativo de sua ação futura. É de 1º de julho de 1924, se intitula “Delenda Cartago!”* e começa assim: “Vamos destruir Cartago. A Cartago moderna, a dos ricos, dos sacerdotes e dos militares! Este deve ser o grito dos rebeldes e o lema da revolução social. O grito do cansado vagabundo, do faminto que é consumido pela fome, daqueles que têm sede de justiça, daqueles que caíram por suas justas críticas, culpados de rebelião.” E então repete: “Destruam os hipócritas! Destruam as cavernas dos tiranos! Destruam os tribunais, sejam eles monárquicos ou republicanos! Destruam os quartéis! Destruam os tribunais! E destruam também a igreja!”. E ele explica em cada caso os males

* Referência a expressão abreviada *Delenda est Carthago* (“Cartago deve ser destruída”), proveniente de *Ceterum autem censeo Carthaginem delendam esse* (em latim, “Considero ainda que Cartago deve ser destruída”), costumeiramente abreviada também como *Ceterum censeo Carthago delenda est*. É uma frase célebre da oratória latina cujo uso se popularizou na República Romana, no século II a.C., durante os últimos anos das Guerras Púnicas, travadas por Roma contra Cartago, especialmente pelos membros do partido político que visava eliminar qualquer ameaça à República Romana de seus velhos rivais cartagineses, que haviam sido derrotados anteriormente por duas vezes e tinham uma tendência a reconstruir rapidamente suas defesas após cada derrota militar. Simboliza uma política de aniquilação dos inimigos de Roma que se envolvessem em quaisquer atos de agressão, e a rejeição de tratados de paz como uma forma de dar um fim aos conflitos bélicos. A frase é lembrada por ser proferida frequente e persistentemente pelo senador romano Catão, o Velho (234-149 a.C.), que a usava para finalizar seus discursos. [NT]

que todas essas estruturas da sociedade trouxeram ao ser humano.

É uma canção para a rebelião que o jovem imigrante assina com todo seu nome: Di Giovanni, SEVERINO.

Embora ele esteja mais interessado em manter contatos com os anarquistas italianos do que com os argentinos, a divisão destes últimos em Buenos Aires irá se relacionar com toda a sua tragédia.

Os ácratas argentinos – cujos grupos constituíam o conglomerado mais importante da América Latina e eram herdeiros de uma grande tradição de luta sindical e trabalho cultural – estavam em desacordo entre si. Os protestistas por um lado (com seu jornal “La Protesta” liderado pelos espanhóis Emilio López Arango e Diego Abad de Santillán) e os antorchistas por outro (com seu jornal “La Antorcha”, e com Rodolfo González Pacheco e Teodoro Antillí, como ideólogos, este último tendo morrido prematuramente, mas cujas ideias continuaram a ter influência por muitos anos). Além desses dois grupos de ação bastante teóricos, havia os anarcossindicalistas agrupados na FORA, e os grêmios autônomos. Em poucas palavras: “La Protesta” e a FORA vieram para formar a ala moderada do anarquismo argentino, enquanto os grêmios autônomos e o grupo “La Antorcha” representavam a ala esquerda do movimento.

O grupo do “La Protesta” era, sem dúvida, o mais importante, e a posse de máquinas de impressão lhes permitia editar diariamente sua publicação sem apertos econômicos. Tinha uma verdadeira solidez administrativa.

Seus homens eram contra a ação violenta e pregavam a educação e o esclarecimento. Em todo caso, o movimento anarquista argentino havia começado seu lento e amargo declínio; as lutas internas multiplicavam-se.

Além disso, atuavam os grupos de italianos integrados quase todos por imigrantes da península que eram ativos e carregavam a marca comum do antifascismo. Entre eles havia uma divisão entre anarco-comunistas (quase todos eles malatestianos) e individualistas. Entre os primeiros, os mais destacados foram Carlo Fontana – que escreveu a página ita-

liana do “La Protesta” –, Aldo Aguzzi, que dirigiu “L'Avvenire”, e Camilo Daleffe, que se separaria do “L'Avvenire” para publicar “La Rivolta”. O anarquismo individualista, que teve um grande impulso no final do século XIX, renasceu com a publicação de “Culmine”, de Severino Di Giovanni.

Quando Di Giovanni passa a ser registrado na seção de Ordem Social da Capital pela desordem no Teatro Colón, ele já era conhecido da polícia de Buenos Aires por ter sido o protagonista de um motim em uma assembleia de trabalhadores em 25 de outubro de 1924.

Este episódio mostra que Severino está começando a se interessar pelos problemas do movimento operário. Vinte dias antes, ele havia assinado uma declaração do grupo “L'Avvenire” de confronto com o grupo de “La Protesta” e a FORA. Será o início de uma diferença profunda. Tudo começou no Comitê Pró-Presos e Deportados – dominado pela direita do anarquismo – que excluiu alguns de seus integrantes. A origem foi ideológica: os homens do “La Protesta” e da FORA não queriam ajudar aqueles que estavam presos por terem cometido expropriações, crimes contra a propriedade ou falsificação de dinheiro. Por outro lado, “La Antorcha” sustentou que não havia necessidade de diferenciar companheiros de ideias. O grupo italiano, mesmo sem querer entrar na controvérsia entre os dois porta-vozes do anarquismo argentino, toma a posição do “La Antorcha”. “La Protesta” decidiu então não publicar mais os anúncios do “L'Avvenire”. Em reação, um documento assinado pelos italianos afirma que eles não aceitam a excomunhão lançada pelo anarquismo oficial argentino. Na mesma edição do “L'Avvenire”, Di Giovanni publicará seu segundo artigo – desta vez sob o pseudônimo de Giovanni Rolando – intitulado “Fascismo e o Papado”, onde analisa a relação entre Mussolini e o Vaticano. Ele diz que não se deve ser enganado por certos ataques do fascismo contra algumas propriedades da igreja. A verdade, ele aponta, é que o fascismo não pode ser mantido sem o apoio do clericalismo. E que foi o Papa e depois a Casa Real de Saboia que deram sua bênção para que Mussolini pudesse governar.

Severino tornou-se um colaborador constante de “L’Avenir” e, na edição de 20 de outubro de 1924, em um artigo intitulado “Giacomo Matteotti: o gigante do martírio” ele reivindicou a vingança pelo assassinato do socialista italiano nas mãos dos fascistas. Neste artigo mostra o quanto ele amava à terra que teve que abandonar.

Diz: “Na pátria de Garibaldi e Mazzini, na terra fértil dos heróis puros e criadora dos arcanjos da libertação, da poesia sublime, da escultura fantástica e da pintura encantada; no berço de duas culturas que conquistaram o mundo: a de Roma e a de Cristo. Naquela terra escolhida pela natureza e pelo gênio como o Éden do mundo, as multidões que clamando por uma nova Idade Média, fizeram do crime o emblema mais luxuoso dessa proeza”. E ele continua denunciando a aliança da Igreja Católica com o novo regime. Este artigo é assinado com um de seus pseudônimos favoritos: Nivangio Donisvere, que é um anagrama de seu próprio nome e sobrenome.

Duas semanas depois, ele escreveu no mesmo jornal uma pequena biografia do escritor Anatole France, que havia falecido em Tours, em 12 de outubro. É um belo artigo intitulado “O arquiteto da ironia”, onde ele aponta que sua morte é uma grande perda para “a grande família do intelectualismo plebeu rebelde”. A nota é datada em Ituzaingó, o lugar onde cultivava flores.

Na edição de 5 de novembro daquele ano, Severino intervéem em uma controvérsia sobre um assunto que era permanente para ele: o amor. Nele, ele argumenta que um anarquista que se casa com uma mulher na igreja apenas pelas dificuldades diante da família não comete nenhum pecado contra a ideia. Ele aponta que a ideia libertária é como um escudo que resiste a todos esses detalhes sem importância. O principal é alcançar a plenitude do amor com sua amada. E termina dizendo: “Não é um crime sacrificar um pouco dos preceitos e do convencionalismo anarquista por um amor imenso, especialmente quando a própria anarquia se baseia em um amor grande e infinito.”

Assim como ele era livre e generoso nas relações humanas, também era intransigente em sua luta contra explora-

dores e limitadores de liberdade. Não era importante para ele se um camarada entrava numa igreja para ver obras de arte ou mesmo para pedir a benção; o que era importante era se esse camarada se comportava de forma fiel e consistente na luta contra os inimigos. Se ele já estava mobilizado, se saía às ruas, se levava em sua mente o conceito de revolução. Para ele, a teoria tinha que ser posta em prática imediatamente. Ele não aceitou métodos dialéticos, ou circunstâncias propícias, ou situações maduras, ou políticas realistas. O sistema social é injusto, os poderosos são ladrões comuns que roubam dos trabalhadores, a polícia é formada por criminosos armados e protege o dinheiro dos poderosos. Não resta nada além de roubar dos poderosos para devolver o dinheiro a seus legítimos proprietários. A polícia, os militares, os poderes constituídos: tudo está a serviço da classe burguesa. E tudo isso não é conseguido com boas palavras e conferências. É alcançado com armas, com violência vinda de baixo. Terror contra o terror. “Faccia a faccia col nemico”, assim chamará Severino uma seção do próprio jornal que ele batiza de “Culmine”, ou seja, o “Pico”, o “Topo”. O “Pico” dos anseios de amor, liberdade, justiça. Por tudo isso, Severino já está começando a irritar até mesmo certos círculos anarquistas onde, mesmo que também queiram as mudanças, não sem tanta pressa.



Errico Malatesta (1853-1932)



Pietro Gori (1865 -1911)



Demonstração pública da Federación Obrera Regional Argentina (FORA), em 1915.



Capa do *La Antorcha*, nº 6, de 29 de abril de 1921.



Capa do *La Protesta*, nº 11, de 20 março de 1922.

SOBRE O ANARQUISMO ARGENTINO

*Oswaldo Bayer**

Duas perguntas têm preocupado permanentemente os estudiosos do movimento operário argentino: por que o êxito do anarquismo na Argentina? E em contraposição: por que sua decadência depois de três décadas, seu rápido desaparecimento, a partir de 1930, e sua quase total absorção pelo peronismo desde 1943? Ou seja, como explicar a mudança de um movimento antiautoritário e descentralizado em um movimento autoritário e verticalizado?

Essas perguntas não são o tema a debater, mas as faço precisamente para situar outra questão, que é como a influência da imigração italiana na Argentina atuou de forma direta tanto no auge como na decadência do movimento operário anarquista na república do Prata. Sem dúvida alguma, duas figuras do anarquismo italiano, Errico Malatesta**

* Ensaio inédito em português, traduzido a partir da versão publicada em “Los Anarquistas Expropiadores, Simón Radowitzky y otros ensayos”, pelo selo editorial *Sombraysén Editores* (Argentina, 2008), tendo como título original “La influencia de la inmigración italiana en el movimiento anarquista argentino”, sendo sua publicação original datada de 1986 na versão do livro “Los anarquistas expropiadores y otros ensayos”, do Editorial *Legasa* de Buenos Aires, Argentina.

** Errico Malatesta (1853-1932) nasceu em uma família abastada do sul da Itália, em Santa Maria Capua Vetere. Muito jovem aderiu aos ideais republicanos de Giuseppe Mazzini. Aos 14 anos foi preso por enviar ao rei Vítor Emanuel II uma carta “insolente e ameaçadora”, segundo descreveu seu companheiro Luigi Fabbri (1877-1935). Dois anos mais tarde foi novamente preso por liderar manifestações estudantis, sendo suspenso da Universidade de Nápoles, onde cursava medicina. Em 1871, após a Comuna de Paris adere ao anarquismo, que defenderia até o fim de sua vida, ingressando na “Ala Federalista” ligada a Mikhail Bakunin (1814-1876) e James Guillaume (1844-1916) da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). É um dos responsáveis, junto com Carlo Cafiero (1846-1892)

e Pietro Gori* tiveram uma influência definitiva na formação e consolidação do anarquismo organizado argentino. Sem a larga estadia de Errico Malatesta (1885-1889) e de Pietro Gori (1898-1902) é muito possível que o movimento não tivesse crescido tão aceleradamente, nem tivesse se coesolidado, caindo em novas divisões e em discussões destrutivas, que foram características constantes no movimento socialista libertário mundial.

Com Malatesta chega à Argentina um grande propagandista e um homem com talento organizativo. A importância de seu acionar ficou marcada por três características essenciais: seu internacionalismo (por exemplo, seu contato com

e Piotr Kropotkin (1842-1921), pela revisão do pensamento e programa coletivista de Bakunin, mesclando em uma prática política e teoria eclética elementos do anarquismo revolucionário bakuninista e do educacionismo propagandista do anarco-comunismo. Malatesta foi um dos mais influentes militantes anarquistas e uma importante personalidade internacional do movimento operário e revolucionário no início do século XX. Participou e organizou diversas insurreições, greves e levantes populares na Itália e outros países da Europa e do mundo. Entre as dezenas de prisões e exílios passou pelo Egito, Líbano, Turquia, Suíça, Espanha, Inglaterra, Romênia, França, Bélgica, Cuba, EUA e Argentina. Fundou e escreveu para diversos jornais, incluindo seu clássico jornal anarquista *Umanita Nova*. Foi também fundador de diversas organizações anarquistas e operárias entre elas o Partido Revolucionário Socialista Anarquista, a União Anarquista Italiana e a União Sindical Italiana (USI), entusiasta da unidade sindical e antifascista, além de ajudar a fundar organizações nos países por onde passou, como é o caso da *Federación Obrera Regional Argentina* (FORA). Após a Marcha sobre Roma e o golpe fascista na Itália em 1922, quando as esquadras dirigidas pelo ex-socialista Benito Mussolini queimaram um grande retrato de Malatesta, o velho anarquista foi colocado em isolamento e prisão domiciliar, morrendo doente aos 78 anos em Roma, após mais de 60 anos de dedicação à causa do anarquismo e da libertação e emancipação humana. [NT]

* Pietro Gori (1865-1911) foi um anarquista italiano nascido em Messina. Advogado de profissão, defendeu militantes do movimento operário anarquista em diversas ocasiões. Atuou na Itália, Argentina e Estados Unidos. Além de sua militância política como conferencista e propagandista, fundou e escreveu para jornais como *L'amico del popolo* (O amigo do povo), e ficou conhecido também por suas peças de teatro, pelos seus poemas e como compositor de famosas canções anarquistas. Na Argentina foi um ativo membro da FORA e ministrou cursos de criminologia na Universidade de Buenos Aires. [NT]

anarquistas espanhóis e crioulos na sua chegada em Buenos Aires é imediato); sua predisposição em ver nos operários e suas organizações o melhor meio para propagar sua ideologia, e sua tendência organizativa e combativa. São precisamente estas três características que servem para delinear o rumo do anarquismo argentino, que foi importante apenas enquanto esteve enraizado no movimento operário.

Com razão, disse Diego Abad de Santillán, que a chegada de Malatesta contribuiu para retardar a formação da corrente socialista na Argentina e seu desenvolvimento. A este respeito, é fundamental a fundação do sindicato de Padeiros. Malatesta, ao escrever o estatuto da organização demarcou toda uma linha que vai servir de exemplo para outras organizações operárias combativas. Paralelamente, e sempre nos referindo à parte organizativa, também vai ser fundamental, quase dez anos depois, a presença em Buenos Aires do advogado italiano Pietro Gori, na formação da Federação Operária Argentina (FOA), a primeira central operária, cujo congresso inaugural aconteceu no salão Ligure, na rua Suárez 676, do bairro predominantemente genovês da Boca. Dos 47 delegados operários, mais da metade, 26, tinham apelidos italianos: Colombo, Magrassi, Ponti, Montale, Moglia, Larrossi, Cúneo, Garfagnini, Ferraroti, Cavallieri, Barsanti, Berri, DiTulio, Rizzo, Negri, Oldani, Mosca, Bernasconi, Lozza, Barbarossa, Grivioti, Patroni, Basalo, Mattei, Bribbio e Pietro Gori.

Entendia-se bem que a importância de Malatesta e Gori residia precisamente no fato dos dois pertencerem à tendência organizacionista e não ao individualismo anarquista. Se esta última corrente teve a ajuda de personalidades como dos dois viajantes, é possível que o socialismo libertário não tivesse alcançado tanto enraizamento no movimento operário. Isto enquanto organização; mas houve outra característica que serviu para impulsionar a ideologia anarquista dentro do movimento operário: foi o êxito da primeira greve dos padeiros, em janeiro de 1888. Os fundadores do sindicato dos padeiros foram Ettore Mattei e Francesco Morno, do-

is italianos de Livorno (Novara), e quem escreveu o estatuto e programa da organização foi Errico Malatesta. O papel deste e de Mattei foi fundamental porque ao invés de fazer uma sociedade mutualista, lutaram para que fosse uma autêntica sociedade de resistência, que ademais, levava também o qualificativo de “cosmopolita”.

Um ano depois de sua fundação se realiza a primeira greve desse sindicato que chama a atenção por sua combatividade, apesar da dura repressão policial. O êxito serve como antecedente para outros movimentos do mesmo caráter, como dos sapateiros, por exemplo, orientado também por Malatesta, autor dos manifestos do movimento de força e que vai definindo toda uma conduta, que faz dos anarquistas homens confiáveis na orientação da tática operária dessa época.

Obviamente que as características combativas das greves e o eco que encontravam as sociedades de resistência se deviam às diferentes circunstâncias sociais e econômicas de uma Argentina em expansão. Se bem que o operário ali em fins do século XIX recebia um salário médio inferior em 32% ao operário estadunidense, 12% ao operário francês, 9% ao operário inglês e 3% ao operário alemão, mas ainda assim, era superior ao que recebiam na Itália e Espanha. Mas isto, que de alguma maneira haveria de tranquilizar a qualquer imigrante desses dois países, tinha também seus aspectos negativos sociais e espirituais: a insegurança do novo país, a falta quase absoluta de leis operárias, grandes crises econômicas a curto prazo e a esperança decepcionada de muitos que haviam feito o sacrifício de deixar lugares de origem e família com outras expectativas, agora já não para “fazer a América” rapidamente e poder regressar e gozar de uma velhice tranquila, mas para pelo menos não fracassar e não sofrer de fome como lá.

É no período que abarca a última década do século XIX e os primeiros anos do século XX o lapso em que se conforma definitivamente a organização do movimento operário argentino e que devemos ter em conta o aspecto emocional

das massas de operários imigrantes em um país que realizava uma tremenda e rápida transformação. E é aqui onde vamos encontrar as primeiras respostas ao porquê da difusão do anarquismo na Argentina com preponderância sobre o socialismo.

Para todas essas massas de imigrantes, o socialismo lhes propunha obter a carta de cidadania argentina para poder votar e eleger seus representantes; o anarquismo, por sua vez, predicava pela ação direta, a negação de um Estado reservado aos filhos do país em cargos eletivos e baseado na fraude e no caudilhismo paroquial, e a defesa de seus interesses na luta direta contra o patrão com as três armas básicas: a greve, a sabotagem e o boicote. O partido socialista oferecia uma interpretação científica e determinista a longo prazo; o anarquismo não aceitava discutir com o Estado, mas diretamente com o patrão que o explorava. O Estado, com suas instituições, todavia não havia se desenvolvido o suficiente para tomar a seu cargo as relações laborais, a solução anarquista aparecia como a ideal para toda uma massa insegura, apressada para obter os frutos do seu trabalho. Nada iriam conseguir pelo longo caminho das eleições e do parlamento esses homens sem voto, em um país governado pela oligarquia. Se bem que os socialistas obterão em 1904 a primeira bancada socialista da América no Congresso, esse deputado representava precisamente o bairro genovês La Boca, mas a decepção foi muito rápida. O que poderia fazer esse único representante frente a todo um aparato a serviço dos interesses das classes altas?

O outro aspecto do anarquismo argentino nesses anos é seu nível de popularidade: o proletariado e suas camadas mais baixas entendem diretamente seu idioma. Vários autores socialistas que viveram nessa época detalham quase com asco o aspecto das massas anarquistas que concorriam às concentrações do 1º de maio ou às assembleias. Os mesmos que ridicularizam também os oradores anarquistas. Esse fenômeno se reproduzirá também com o peronismo: os socialistas voltarão a empregar as mesmas palavras de arro-

gante censura para julgar comportamentos do novo proletariado argentino que surgia em 1946.

Não por acaso, a origem do socialismo na Argentina se deve em maior medida aos social-democratas alemães exilados por conta da lei antissocialista de Bismarck. Foram os primeiros a ensinar as teorias marxistas, a organizar-se com local próprio e a editar um jornal, o *Vorwärts* (Avante!). Neste aspecto existe uma diferença notável: enquanto os periódicos anarquistas italianos em seus números iniciais já traziam páginas em espanhol, e por sua parte, “*La Protesta Humana*” órgão dos anarquistas organizacionistas locais, trazia um suplemento em idioma italiano, deixando claro o espírito de integração e de entendimento entre os diferentes povos dessa Babel do Prata que era Buenos Aires, os alemães social-democratas prosseguiram durante muitos anos seu jornal exclusivamente em alemão. Isto não quer dizer, contudo, que os alemães não buscaram a discussão e o intercâmbio de ideais; o fizeram e com muita paciência, mas não passaram de umas reuniões acadêmicas e um tanto eruditas para a massa trabalhadora que buscava febrilmente reivindicações imediatas e um mundo mais justo. É notável ler no “*Vorwärts*” repetidas queixas contra a falta de disciplina dos “povos românicos”, palavras usadas para designar como denominador comum italianos, espanhóis, portugueses e os argentinos descendentes de europeus meridionais. Atribuíam-lhes uma mentalidade incapaz de compreender uma transformação organizada da sociedade. Os desesperados social-democratas alemães caíram mais de uma vez em um não desejado racismo frente aos repetidos incidentes com os anarquistas italianos, espanhóis e argentinos. Mas não somente os social-democratas alemães, também os primeiros socialistas argentinos, como Juan B. Justo, visualizavam com nostalgia modelos de desenvolvimento como da Austrália, Nova Zelândia ou África do Sul, com correntes migratórias saxônicas e não românicas.

Por sua vez, o anarquismo parecia ser com seu espontaneísmo e sua negação da autoridade, o que interpretava ca-

balmente a idiossincrasia dos denominados “povos românicos”. Para estas características também deve-se agregar o especial sentido missionário que teve em parte o movimento anarquista, seu total desprezo por cargos públicos e títulos em contraposição com o hierarquismo que teve o socialismo “autoritário”, mesmo em seu aspecto organizativo. Nas organizações anarquistas, tanto nas políticas como nas sindicais, ao não existirem cargos remunerados ou ad honorem se pode facilitar o plano solidário de se considerar “todos iguais”, sem distinção de graus de inteligência, língua, raça ou ofício. Bastava-lhes um mero secretário de atas, ou administrativo ou um “responsável”. Com todas as vantagens que carregava a democracia de base, este sistema começou a fraquejar quando a sociedade se tornou mais complexa, se acentuou o intervencionismo estatal e aumentou a repressão, que necessitava de respostas rápidas e não de longos debates.

O sentido da “solidariedade”, quase em um conceito evangélico, foi realmente notável nas organizações bonaerenses de trabalhadores agrícolas. As “sociedades de resistência” anarquistas cresceram como cogumelos nos pequenos povoados da extensa pampa.

Foram organizações exemplares, onde os sindicatos também possibilitavam uma ampla vida educacional e cultural, com conjuntos filodramáticos, com cursos noturnos para aprender a ler e escrever, com conferências de esclarecimento científico. O trabalhador “engolido” nos campos foi italiano em sua maior parte. Vinham fazer a colheita para depois voltar à Itália e regressar no ano seguinte. Este trabalhador vendia sua força de trabalho ao melhor lance e enfrentava problemas difíceis de resolver sozinho frente às atitudes patronais. É explicável então que se recorria a quem poderia aconselhá-lo, ainda que esse conselheiro estivesse rotulado como um “agitador anarquista”. Na pampa argentina surgiu um personagem típico, o chamado “linyera”. E não por acaso essa palavra é de origem italiana. Segundo alguns autores provêm de “linghera”, o bolso onde estes vagabundos políticos carregavam todos seus pertences, principalmente panfletos e periódicos anarquistas. E-

ram figuras tolstoianas que viajavam nos trens de carga, trabalhavam no campo e ensinavam as ideologias da rebelião social.

Malatesta chega ao Prata com os antecedentes de sua atuação revolucionária em Benevento, em 1874, e por sua posição, juntamente com Cafiero*, no Congresso de Rimini, durante o qual a Federação Italiana da Associação Internacional dos Trabalhadores se decidirá pela ala bakuninista. Um ano antes da chegada de Malatesta, 17 operários italianos entre eles o padeiro Marino Garbaccio, o marceneiro Michele Fazzi e o gravador Marzoratti, constituíram o Círculo Comunista Anarquista, representante da Associação Internacional dos Trabalhadores. Recebiam e distribuíam “La Questione Sociale”, que Malatesta publicava em Firenze; “Il Paria”, de Ancona, e “La Révolte” de Paris.

Ettore Mattei escrevia o seguinte sobre a chegada de Malatesta ao Rio da Prata: “A propaganda do comunismo e da anarquia foi mais intensa depois de dois ou três meses da chegada a Buenos Aires (em fevereiro de 1885) do camarada Malatesta, se constituiu com grande entusiasmo um Círculo de Estudos Sociais, situado na rua Bartolomé Mitre 1375, no qual este e outros camaradas deram as primeiras conferências públicas comunistas anarquistas, publicandose então em italiano ‘La Questione Sociale’”.

Tudo isso constituiu o núcleo principal da atividade política de Malatesta. O fundamental é que cumpre o que já se

* Carlo Cafiero (1846-1892) nascido no seio de uma família aristocrática do sul da Itália, foi um importante anarquista italiano que aderiu a Ala bakuninista da AIT, após romper com Marx e Engels. Fez parte, com Malatesta e Andrea Costa (1851-1910), da geração italiana de revolucionários insurrecionalistas e internacionalistas, foi presidente da Federação Italiana da AIT e participou das diversas iniciativas anarquistas e operárias na Itália e na Europa no fim do século XIX, sendo depois um precursor do revisionismo anarco-comunista. Fundou e escreveu para diversas publicações anarquistas, dirigindo o jornal *La Plebe*. Tomou parte em importantes levantes na Europa e escreveu na prisão seu trabalho mais célebre o *Compêndio de O Capital*, clássica versão popular da obra-magna de Marx. Com o dinheiro da herança familiar fundou a vila “La Baronata”, espécie de refúgio para revolucionários internacionalistas na fronteira da Suíça com a Itália. [NT]

havia proposto em Firenze: a fundação de grupos de afinidades para a atividade ideológica e propagandística, com publicações, conferências e polêmicas com representantes de outras ideologias. Para explicar, subscrevemos o parágrafo de Gonzalo Zaragoza Ruvira, que assinala: “O italiano (Malatesta) insistia em dois pontos essenciais: unidade da família anarquista e aproximação da ala socialista, fomentando o movimento grevista. Dizia que na Argentina, devido ao escasso número de trabalhadores, as greves haviam terminado vitoriosamente; dessa forma elas deveriam continuar, e o operário, pela prática, deveria ir formando uma consciência revolucionária”.

Tanto Malatesta, como depois Pietro Gori, propunham sempre a ideia de unidade, a humildade da discussão com outras ideologias e desprezo pelo sectarismo. A visita de Malatesta também por isso é importante: porque mesmo quando já ausente da Argentina permanece constante sua personalidade humana, através do relato de quem o conheceu nesse lapso de poucos anos e assim se explica que até sua morte a imprensa anarquista argentina tenha publicado quase absolutamente tudo que escreveu este combatente durante seu período na Itália e no exílio. Sua constante foi a temperança. Não existe nada melhor que o retrate que estas palavras escritas quarenta anos depois no “Pensiero e Volontá” de 1º de abril de 1926: “Entre os anarquistas, existem os revolucionários que acreditam que é necessário abater pela força quem mantém a ordem presente, para criar o ambiente no qual seja possível a livre evolução dos indivíduos e das coletividades, e existem os educacionistas, que pensam que somente se pode chegar à transformação social mo-dificando antes aos indivíduos por meio da educação e da propaganda.”

Existem partidários da não violência, ou da resistência pacífica, que evitam a violência ao menos que seja para rechaçá-la, os quais por sua vez, se dividem nos que respeitam a natureza, alcances e limites da violência lícita. Além disso, existe discordância a respeito da atitude dos anarquistas frente ao movimento sindical, dissenso sobre a organização

ou não organização própria dos anarquistas, diferenças permanentes ou ocasionais sobre as relações entre os anarquistas e os outros partidos subversivos. Justamente são estas e outras questões semelhantes às que requerem que tratemos de entender; ou, segundo parece, não sendo possível o entendimento, deve-se aprender a tolerar, trabalhar juntos quando se está de acordo, e quando não, deixa que cada um faça o que lhe pareça correto sem se obstaculizarem uns aos outros. Porque, na verdade, se tomando em conta todos os fatores, ninguém sempre tem razão.”

Para além do aspecto organizativo dos sindicatos combativos, dois aspectos assumem em sua propaganda os periódicos anarquistas de Buenos Aires, Rosário e Baía Branca em língua italiana: a emancipação da mulher e o antimilitarismo. Com respeito ao primeiro tema se insistiu na organização feminina em prol das suas reivindicações, campanha iniciada principalmente por “La Questione Sociale”.

MALATESTA E O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO

O primeiro período histórico do movimento operário argentino, desde suas origens até a Revolução Russa de Outubro, esteve caracterizado em seu início por dois movimentos ideológicos: um majoritário, anarquista; e outro, socialista. Mas a estes iria se agregar também o chamado “sindicalismo revolucionário” ou “sindicalismo puro”, inspirado nas teorias de Georges Sorel e do italiano Arturo Labriola. O “sindicalismo puro” na Argentina curiosamente surgiu das fileiras socialistas, teve uma influência tal que deteriorou o avanço tanto do movimento anarco-comunista, como do socialismo. De minoria passará a ser, pouco a pouco, maioria. Os anarquistas sempre resistiram em aceitar a unidade sindical com eles, apesar de que muitos pontos em comum os uniam. A central anarquista, a FORA do V Congresso, buscava segundo sua apresentação a construção do comunismo anárquico. Neste ponto temos que regressar ao pensamento malatestiano. Na célebre polêmica do pensador italiano com

Pierre Monatte, no Congresso de Amsterdã, em 1907, ele rechaçou a teoria sindicalista de que o “sindicalismo bastaria a si mesmo” para fazer a revolução. Malatesta começará claramente dizendo que o “movimento operário é uma realidade que ninguém pode ignorar”, mas que “o sindicalismo (revolucionário) é uma teoria, um sistema e temos que ter muito cuidado em não confundir uma coisa com a outra”. [...] “O movimento operário acrescentará, e tem em mim um defensor decidido, mas de nenhuma maneira cego. Enxerguei nele um campo de atuação que era especialmente apropriado para nossa propaganda revolucionária e, ao mesmo tempo um ponto de contato entre as massas e nós”. [...] “Desejo hoje, tanto como ontem, que os anarquistas participem do movimento operário. Sigo sendo um sindicalista no sentido de que sou partidário dos sindicatos. Não exijo sindicatos anarquistas já que legitimariam os sindicatos social-democratas, republicanos, realistas ou como se chamem a si, dividiriam mais que nunca a classe trabalhadora. Não quero os sindicatos vermelhos porque não quero os sindicatos amarelos. Desejo muito que organizações estejam abertas a todos os operários, sem possíveis recortes às diferenças políticas. Ou seja: sindicatos totalmente neutros. (...) Mas represento antes de tudo os interesses de nossa propaganda que assim pode ampliar em grande medida seu campo de ação. Essa participação não significa de nenhuma maneira renunciar nossos caros ideais. Nos sindicatos devemos permanecer anarquistas, em toda a extensão e profundidade desse conceito. O movimento operário é para mim apenas um meio, mas o melhor dos meios de que dispomos.”

Como já dissemos, os escritos de Malatesta seguiram exercendo grande influência no anarquismo rio-pratense. Deles que muitos buscaram uma e outra vez formar uma central operária conjunta com socialistas e sindicalistas. Não se conseguiu jamais essa unidade, salvo em pequenos períodos, não apenas por culpa de socialistas e sindicalistas, mas também dos libertários, que considerando-se maioria, seguiram insistindo que a FORA tivesse nos estatutos como base ideológica o comunismo anárquico.

Esse abandono do pensamento malatestiano e certa aproximação do modelo espanhol levou ao movimento operário anarquista argentino a ir perdendo seu caráter multitudinário do princípio, encerrando-se no caminho sem saída do sectarismo. Disso se mostraram sempre orgulhosos os dois mais conspícuos representantes do anarquismo argentino da década de 1920: López Arango e Diego Abad de Santillán, os dois espanhóis. Em seu livro “O anarquismo no movimento operário” remarcaram a necessidade de manter uma federação operária exclusivamente anarquista, independente das outras tendências operárias: “O que temos, bem ou mal, vale tanto ou mais do que nos podem oferecer outros. Porque este movimento é filho de nossas ideias, o produto de múltiplos esforços e tem um largo processo de gestação e de desenvolvimento por trás de si.

Em que nossa posse no movimento operário e nossas atividades revolucionárias em relação com a ação do proletariado não se ajustam aos métodos que passam pelos clássicos no anarquismo europeu? Em que nossa concepção do sindicalismo não é a dos companheiros da Itália, da França, de Portugal? Em que? Isso não significa outra coisa que a confirmação de nossa própria personalidade e a existência de um movimento característico, por mais lógico que seja, posto que tem mais de um terço de século de existência real e não é a obra de um homem, nem a consequência de um capricho passageiro”.

Vemos que o idioma um tanto altaneiro e arrogante é muito distinto do de Malatesta. Chega a tanto o orgulho pelo “modelo argentino” que, na continuação, os dois ideólogos hispânicos na Argentina sugerem que esse modelo teria que ser adotado pelos europeus: “O anarquismo europeu, pensamos, terminará por orientar-se neste sentido, pois as mesmas circunstâncias obrigarão aos companheiros definir sua posição frente às tendências que desvirtuam a ação sindical dos trabalhadores.”

Se o movimento operário anarquista argentino houvesse seguido a linha que marcava Malatesta, a repressão do Estado teria que cair sobre todo o conjunto sindical e não quase exclusivamente sobre a FORA. Assim, com uma central anarquista se facilitou a repressão que apontou, é claro, a mais combativa das centrais, a iniciadora das grandes greves de três décadas. O quadro foi quase sempre o mesmo: as ações pelas conquistas se iniciavam na FORA e logo as capitalizavam os socialistas e sindicalistas que eram os chamados pelo governo para negociar. Queremos finalizar esta curta análise do pensamento de Malatesta sobre o movimento operário transcrevendo palavras de 1907, da citada polêmica em que advertiram um perigo que logo se confirmou: se refere aos “sindicalistas puros” e a sua prescindência de ideologias.

“Mesmo quando o movimento sindical é adornado com um atributo absolutamente inútil de 'revolucionário', é e seguirá sendo um movimento legal e conservador sem perseguir outra coisa que modificar condições de trabalho, e isto é apenas o que poderá conseguir. Não é preciso buscar outro exemplo que o que nos oferecem os grandes sindicatos norte-americanos. Quando eram débeis apresentavam uma posição radical revolucionária, mas quando seu poder e sua riqueza aumentou, passaram a ser organizações conservadoras que possuíam como única preocupação criar privilégios para seus membros (...).” Agregará, que também por isso os anarquistas tem que entrar nesses sindicatos para lutar contra os privilégios e a corrupção dos dirigentes. “O funcionário sindical mantém para o movimento operário um perigo parecido ao do parlamentar. Ambos levam à corrupção (...).” Isso se confirmou plenamente na Argentina, não somente com o sindicalismo peronista depois de 1943, mas também antes, nas diversas tendências da década de trinta.

A VIAGEM DE PIETRO GORI

Pietro Gori chega em 1898 na Argentina. Buenos Aires, cidade eurocentrista e ávida por saber da Europa e de parecer com a Europa foi sempre cenário predisposto para aplaudir políticos, conferencistas, filósofos, príncipes, ex-presidentes, charlatães, tenores, sopranos e diretores de orquestra europeus. Explicável, por certo, pela origem europeia de seus habitantes e pela orientação de seus políticos e de sua sociedade, que olhavam para a Inglaterra no econômico, para a França no cultural e para Prússia em seu militarismo*. A burguesia argentina aplaudiu e viveu Blasco Ibáñez, Clemenceau, Enrico Ferri (1910), Lerroux, Jaurès, Anatole France e muitíssimos outros, alguns dos quais vinham explicar teorias que podiam perturbar as digestões, mas que não passavam de cócegas excitantes, o importante é que procediam da Europa e estiveram em moda por lá. O historiador alemão Max Nettlau escreverá que “tais visitantes vinham para cumprimentar o governo argentino e admirar a prosperidade desse capitalismo”. Em vez disso, diz: “Gori falou a favor dos odiados anarquistas, a favor dos mais pobres, dos imigrantes e dos trabalhadores organizados perigosos para o capitalismo em crescimento, e ele sabia como triunfar”.

Na história dos visitantes na Argentina existiram poucos que tiveram o eco de Gori. O público de operários, literatos, liberais, garibaldinos, mazzinistas, socialistas de todas tendências se espremiavam nos salões para escutá-lo. Eram con-

* A Prússia é uma região histórica que se estende entre a Polônia e a costa sudeste do mar Báltico, na Letônia. O termo é aplicado a uma série de Estados históricos homônimos centrados na região e que deram origem ao Ducado da Prússia e ao Marquesado de Brandemburgo. Durante séculos, a Casa de Hohenzollern governou com sucesso a região, expandindo seu tamanho por meio de um exército bem organizado e eficaz. A Prússia moldou a história do que hoje é a Alemanha, tendo como sua capital Berlim a partir de 1451 e liderando a criação do Império Alemão em 1871. Em novembro de 1918, as monarquias foram abolidas e a nobreza perdeu seu poder político. A Prússia foi efetivamente abolida em 1932, e oficialmente em 1947. [NT]

ferências de mais de três horas em meio a um silêncio quase religioso. As obras de Gori entraram na moda, a pequena peça de teatro “Primeiro de Maio” se representou centenas de vezes nessa época nas zonas mais distantes do país. Em sua turnê pelas cidades da província de Buenos Aires, Santa Fé e Mendoza era esperado por bandas de música de organizações operárias ou mutualistas na estação ferroviária e acompanhado até o hotel.

Max Nettlau escreve que “Pietro Gori abandonou a Itália durante ou depois dos grandes distúrbios de maio de 1898, que culminaram na insurreição de Milão, lugar de onde de qualquer maneira haveria de ser deportado para uma ilha. Se diz que em Paris não lhe permitiram falar publicamente e que o aconselharam viajar para Buenos Aires, através de Barcelona. Ele já conhecia o exílio em Londres e nos Estados Unidos e deve ter considerado Buenos Aires devido aos anos da reação na Itália, com todos os direitos como grande cidade na qual poderia encontrar o mais amplo meio e possibilidades de vida.

Chega a fins de junho de 1898 e parte em 12 de janeiro de 1902 de regresso à Itália. Quando o tiro de Bresci do verão de 1900 criou uma nova situação na Itália, desde os últimos anos de Crispi os anarquistas, republicanos e alguns socialistas haviam se aproximado no aspecto humano devido às perseguições que caíram sobre todos. Essas aproximações foram sempre platônicas e Malatesta, em 1899, considerou que nunca era demasiado tarde para combater juntos a monarquia. Gori, que não era um homem de ação, foi um entusiasta desses atos unitários, mas via claramente tudo o que separava as distintas correntes políticas e que teve que enfrentar também em Buenos Aires, em distintas discussões públicas. Gori podia fazer isso porque realmente sempre manteve uma posição e aproveitava as ocasiões para expor as ideias libertárias com amabilidade em vez de jogar essas ideias sobre o rosto do inimigo, com desprezo. Apesar disso, muitos o odiavam, em parte, porque não possuíam essa capacidade de expor ideias com simpatia e, porque tinham medo que seus próprios partidários poderiam ser ‘convencidos’”.

Talvez a virtude predominante de Gori na Argentina foi fazer com que as ideias anarquistas “entrassem na sociedade”. A opinião pública pode comprovar que estes não eram somente problemáticos ou “lumpemproletariado”. Ele pode atuar nos cenários mais qualificados.

Durante o congresso operário que culminou na formação da primeira federação de trabalhadores, no qual Gori teve um papel preponderante, mostrou uma grande flexibilidade. Por exemplo, apontou que a arbitragem em um conflito operário-patronal poderia aceitar-se como tática operária. Assim, rompia com um tabu anarquista e que não lhe foi fácil convencê-los. Ali deu uma prova de como havia que adaptar-se a certas formas para criar plataformas comuns.

Para resumir, as visitas de Malatesta e Gori serviram para fortalecer decididamente a corrente organizadora contra a individualista do anarquismo argentino. Ou seja, o movimento assumia as orientações que o socialismo libertário havia empreendido na Itália sob o nome de socialismo anárquico. No congresso anarquista de Capolago, em 1890, os argentinos haviam sido representados por um delegado. A corrente organizacionista foi a que produziu, como resultado, a tendência mais revolucionária de toda a história do movimento operário argentino.

FASCISMO NA ITÁLIA, VIOLÊNCIA NA ARGENTINA

Assim como aos italianos se deve grande parte das características anarquistas do começo do movimento operário argentino, se deverá também aos italianos parte do aceleração da decadência dessa ideologia na região do Prata. A Argentina na década de 1920 passou a ser cenário das dissidências italianas como consequência da instalação do fascismo na península e as emigrações políticas consequentes.

O que acontecia na Itália com o anarquismo? Gino Cerrieto, em “Il disorientamento del ventennio” assinala: “A crise da liberdade que caracteriza o período entre às duas guer-

ras, a debilidade demonstrada pelo movimento anarquista frente a difusão dos regimes fascistas, a agudização dos conflitos de classe e uma análise superficial da revolução soviética e de seus efeitos sobre o movimento determinam sobre os anarquistas aspectos extremamente interessantes: um breve retorno a propaganda individualista e terrorista com manifestações peculiares na Itália e Argentina, bem distintas das que caracterizam o movimento na Espanha.

Imediatamente depois dessas ações, geralmente características de todos os períodos de carência ideológica, se reiniciam as polêmicas ideológicas no movimento, que em linha geral condena as manifestações terroristas.

Obviamente distinta é a atitude dos anarquistas frente à violência revolucionária dos conflitos de classe, particularmente ásperos na Espanha e na Argentina (...), frente às ações contra os ditadores ou responsáveis diretos pelas repressões; ou frente aos atentados demonstrativos, sem sangue, como os realizados nos Estados Unidos. Ali, enquanto os grupos de língua iídiche assumiam progressivamente uma orientação social-democrata, os grupos de língua italiana continuavam defendendo uma linha intransigente e conhecem anos de rigorosas perseguições policiais. O caso Sacco e Vanzetti é o mais difundido”. E outro desses fenômenos que se produz é, segundo Cerrito, “um retorno das polêmicas sobre a questão da organização, que se manifesta em diversas tentativas de associações federadas de grupos e com propostas frentistas, consideradas necessárias frente ao avanço da reação”.

Este clima chega aos anarquistas italianos na Argentina, que será influenciado especialmente pelos exilados do fascismo que subiram o Plata depois da tomada de poder pelo Duce, e que trará como consequência uma profunda crise no anarquismo local.

Entre os exilados italianos que chegam, figuram anarquistas organizacionistas como Luigi Fabbri e Ugo Fedeli, que salvo curtas estadias, se instalaram em Montevidéu, e

individualistas. Entre estes últimos chegou um grupo que logo demonstrou que, diante da radicalização do regime político de sua pátria, eles estavam dispostos a combater também com métodos radicais. O mais decidido deles, Severino Di Giovanni (nascido em Chieti, em 1901) inaugurará em Buenos Aires um período de violência tal que bem pode ser qualificado como o antecedente mais direto da guerrilha urbana, que voltará a se repetir em uma escala muito maior e sob outro signo ideológico na Argentina dos anos 1970.

Sem nenhuma dúvida, a cabeça mais sobressaliente do movimento anarquista italiano na Argentina durante o fascismo foi Aldo Aguzzi, nascido em 1902, em Voghera, Pavia e que, segundo a prefeitura local “se expatriou clandestinamente” para a Argentina em 1923. Já em dezembro desse ano aparece em Buenos Aires sob sua direção “L'Avvenire”, “pubblicazione anarchica di cultura e di lotta”, de tendência comunista anárquica. O administrador do periódico será Camilo D'Aleffe, também de Voghera. Aguzzi tratou de aglutinar os anarquistas italianos de todas as tendências que iam chegando ao Rio da Prata, procurando guardar as diferenças internas. Defendia como única premissa a campanha antifascista de todos os ângulos, para construir posteriormente uma frente com as demais forças democráticas italianas. No princípio, conseguiu êxito. Prova disso é, por exemplo, o ato que se realizou em 1º de maio de 1925.

Em 6 de junho desse ano começa quase inocentemente um vertiginoso ciclo de violência. Nesse dia, a colônia italiana fascista festeja em Buenos Aires o 25º aniversário da ascensão ao trono de Víctor Manuel III. A grande festa se realiza no Teatro Colón com a presença do presidente da Nação, Marcelo T. de Alvear, e do embaixador italiano Luigi Aldrovandi Marescotti, conde de Viano. Quando a orquestra executava o hino italiano se produziu um ruído incidente: um grupo de anarquistas, entre os quais se destaca Severino Di Giovanni, interrompe o ato lançando panfletos e gritando morte ao fascismo.

Esse é o ponto de partida. Todos pertencem ao grupo de “L' Avvenire” menos Di Giovanni, que integra o círculo “Renzo Novatore” e publica o periódico “Culmine”. Dias depois, a propósito da campanha pró Sacco e Vanzetti, o grupo afim de Di Giovanni começará uma campanha com bombas contra instalações de empresas norte-americanas e do próprio consulado. Di Giovanni manterá estreitas relações com “L' Adunatta dei Refrattari”, de Nova York, e com as agrupações que seguem a linha do individualista italiano Luigi Damiani, linha a qual pertencia Vanzetti.

A série de ações violentas em Buenos Aires e Rosário chegará a seu ponto mais alto com uma bomba de alto poder posta no Consulado Geral da Itália, que o destruirá e ocasionará em 9 mortos e 34 feridos graves. Estes atos, mais vários assaltos a bancos, tiveram como resultado uma perseguição policial indiscriminada contra o anarquismo italiano e local. Por isso “La Protesta”, o principal periódico anarquista argentino, e a FORA, a central operária, atacará abertamente o grupo de individualistas italianos autores dos atos. O ataque chegará a tal extremo, que Severino Di Giovanni matará com vários tiros o diretor do “La Protesta”, López Arango, já que este diário o havia qualificado de “agente fascista”.

Di Giovanni será fuzilado pela ditadura militar de Uriburu, um governo que levou a cabo uma repressão operária como nunca se havia vivido no Prata. Entregaram para Itália de Mussolini a maioria dos anarquistas dessa origem, expulsaram os espanhóis e os argentinos enviaram ao presídio da Terra do Fogo, a Sibéria argentina. Proibiram suas organizações e publicações.

Debilitado por suas decisões internas e seu sectarismo, o anarquismo argentino começava seu ocaso.

Mas os anarquistas italianos na Argentina não se deram por vencidos. Apesar de todos os reveses sofridos, dois anos depois, em dezembro de 1932 aparecia o periódico “Sorgia-

mo!" (Publicazione de critica e di propaganda degli anarchici italiani nell'Argentina). Dirigido por Aldo Aguzzi, quem havia conseguido reunir os restos das três tendências: a do "Umanità Nova", que inspirava Fabbri e Treni, a própria do "L'Avvenire" e a dos individualistas. A publicação se manteve dois anos, até 1934. Um ano depois, ilegal, apareceu "La Fiamma", mas foi uma chama que pouco pode se manter. Foi o último testemunho escrito da ação dos anarquistas italianos na Argentina.

Os mais consequentes marcharam em 1936 para a guerra civil espanhola, entre eles Aldo Aguzzi que, em 1939, através de Marselha pode voltar à Argentina, e ali, em Buenos Aires se suicidou em 31 de maio de 1939.

O suicídio de Aldo Aguzzi se pode tomar como símbolo do fim definitivo do anarquismo italiano militante na Argentina. Nesses dias chegava outra onda de imigração política: os espanhóis vencidos pelo fascismo franquista.

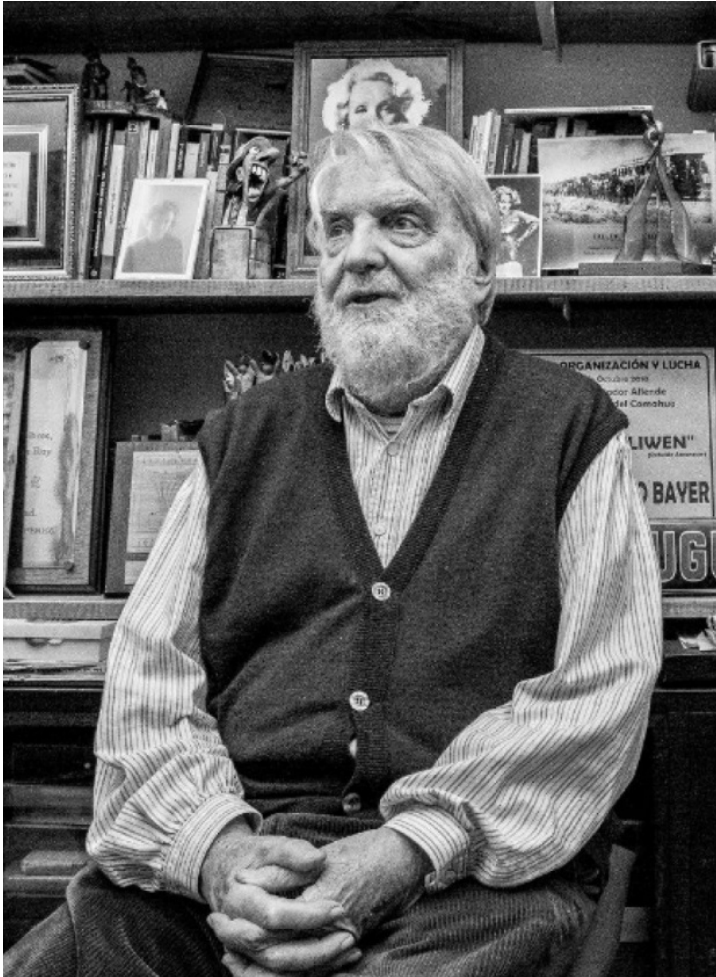
Tomamos aqui os períodos chaves da influência italiana no anarquismo argentino. Evidentemente, os italianos que atuaram no período das décadas de 1920 e 1930 foram muito diferentes dos que ajudaram a formar ideologicamente nosso movimento operário. Os antifascistas chegaram ao Prata precisamente para isso, continuar a luta antifascista. Não se integraram, salvo esporadicamente, as lutas do povo trabalhador argentino. Não houve nenhum Gori, nem nenhum Malatesta, que também vieram como exilados, mas que se dedicaram a organizar, ensinar e participar das lutas. Estes encontraram um anarquismo que surgia; os antifascistas um anarquismo que decaía. Os primeiros facilitaram sua ascensão, os segundos ajudaram na sua decadência.

Atualmente o anarquismo argentino é somente uma recordação, uma tradição, uma linha histórica, talvez a mais pura nas lutas e sacrifícios do movimento operário. Mesmo que a ideologia tenha ficado para trás, o movimento operário que nasceu com ela e depois marchou por outros rumos,

segue inalterável. Nenhuma das ditaduras militares pode destruí-lo. A consciência das conquistas operárias segue permanente.

Esse talvez seja o mérito dos Malatesta, dos Gori, dos imigrantes italianos e espanhóis e de outras nacionalidades que chegaram ao novo solo e dedicaram todas suas horas livres e até suas vidas inteiras à politização do proletariado que ia se formando. A recordação desse mérito é a homenagem a todos aqueles que foram expulsos por leis repressivas, foram assassinados ou sofreram em prisões por seus ideais.

Um lugar comum de nossos políticos demagogos é repetir todos os anos no Dia do Imigrante que esses estrangeiros vieram a “fazer a pátria com o martelo e trouxeram ideais de redenção” e nos ensinaram a pronunciar pela primeira vez a palavra solidariedade, tão valiosa como o vocábulo liberdade, de que fala nosso hino nacional e que, na Argentina atual, não é nada mais que uma dolorosa ironia.



Osvaldo Jorge Bayer (1927-2018)



**MONSTRO
DOS MARES**



adandê





MONSTRO DOS MARES



adandê